

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - HABILITAÇÃO EM PUBLICIDADE E
PROPAGANDA

NATÁLIA MARQUES NOGUEIRA

PLATAFORMAS DIGITAIS NO PROCESSO DE CONFIGURAÇÃO DAS
RELAÇÕES AFETIVAS EM PERÍODO DE DISTANCIAMENTO SOCIAL

São Leopoldo

2021

NATÁLIA MARQUES NOGUEIRA

PLATAFORMAS DIGITAIS NO PROCESSO DE CONFIGURAÇÃO DAS
RELAÇÕES AFETIVAS EM PERÍODO DE DISTANCIAMENTO SOCIAL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em
Comunicação Social, pelo Curso de
Publicidade e Propaganda da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos –
UNISINOS

Orientadora: Ms. Erica Hiwatashi

São Leopoldo

2021

Dedico esta monografia a todos aqueles que contribuíram de alguma forma e fizeram este momento se tornar realidade. Principalmente a minha maior companheira, Naomi.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao universo, pela saúde e força de vontade que me foi imposta para a realização deste trabalho.

Aos meus pais, Airton Nogueira, Sirlei Marques e Cléia Nogueira, que sempre buscaram me dar uma educação de qualidade não medindo esforços para obtê-la.

À minha querida irmã, Elisa Nogueira, e minha irmã de coração, Larissa Ruscher, pela compreensão da ausência nos dias que seguiram o decorrer do projeto e por todo suporte fornecido para alcançar este sonho.

À Erica Hiwatashi, orientadora deste projeto, pelo apoio, incentivo e paciência no momento de construção deste.

Agradeço também aos colegas de agência que todos os dias me ensinam na prática mais sobre nossa profissão e a todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste momento.

“Vivemos tempos de loucos amores. Só é feliz quem sabe o que quer”.
(JUNIOR, 2009).

RESUMO

O presente trabalho refere-se à percepção das relações afetivas com a chegada da Covid-19. Com uma pandemia instalada pelo mundo todo, acreditamos ser de extrema relevância para a comunicação atual, e futura comunicação, olharmos com maior atenção para como está se configurando as novas, e antigas, interações sociais. Desta forma chegamos ao seguinte problema de pesquisa: De que forma se configuram os relacionamentos afetivos a partir de interações em plataformas digitais durante a pandemia? Seguindo esta linha de pensamento, chegamos ao nosso objetivo geral da pesquisa: Compreender como se configuram os relacionamentos afetivos, a partir das plataformas digitais durante a pandemia. Através do desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa, vamos trabalhar com as entrevistas a fim de entender como as dinâmicas se dão através das atividades cotidianas dos entrevistados, para obter melhor entendimento ao que sugerimos como objetivos específicos nesta pesquisa, que são: a) investigar a adaptação dos grupos às plataformas de videoconferência e redes sociais na hora de efetuar a comunicação no ambiente de trabalho, familiar e social; b) discutir como a pandemia alterou a rotina das pessoas; c) relacionar a alteração de rotina com as demonstrações de afeto; d) identificar se há instabilidade emocional nos relacionamentos mantidos através de plataformas digitais e que tipos de relacionamentos são constituídos a partir de laços digitais. A partir disso, definimos pela pesquisa exploratória, pelo fato do tema ser recente e vivenciando o fenômeno do isolamento como medida de prevenção contra a pandemia da Covid-19. Através deste momento ímpar em que vivemos, apresentamos esta pesquisa como um estudo a fim de elucidar questionamentos primários acerca do assunto. Como primeiros resultados, conseguimos identificar que os relacionamentos afetivos encontram dificuldades em manter suas relações online, ele precisa se nutrir de outros fatores importantes, como toque, cheiros, timbre de voz, expressões corporais, para poder se manter intenso.

Palavras-chave: Plataformas digitais. Covid-19. Pandemia. Afetos. Isolamento Social.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 AS RELAÇÕES HUMANAS INTERPESSOAIS E A EXPRESSÃO DO AFETO NA ESFERA PÚBLICA E PRIVADA	10
2.1 A MUDANÇA DE HÁBITO AO DECORRER DO TEMPO QUANTO À EXPOSIÇÃO NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO	10
2.1.1 Abordagem Histórica e Econômica da Relação Humana e Afetiva	14
2.1.2 A Representação das Diferentes Expressões de Afetos	16
2.1.3 O Corpo Fala.....	19
3 AS RELAÇÕES HUMANAS, AS TECNOLOGIAS E A COMUNICAÇÃO DOS AFETOS.....	22
3.1 A COMUNICAÇÃO HUMANA NA INTERNET	22
3.1.1 Características da Comunicação Humana no Espaço Virtual.....	23
3.1.2 A Revolução da Comunicação Digital	25
3.1.3 World Wide Web e o Ciberespaço.....	26
3.2 OS AFETOS MEDIADOS PELAS TECNOLOGIAS: MÍDIAS SOCIAIS RECONFIGURANDO AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS.....	27
3.2.1 As Mídias Sociais, Tipos, Características, Pontos Fortes e Fracos	29
3.2.2 O Esgotamento do Tempo Dedicado às Relações Interpessoais	32
4 A PANDEMIA, O ISOLAMENTO SOCIAL E AS IMPOSSIBILIDADES DE APROXIMAÇÃO POR MEIO DE OUTRAS TECNOLOGIAS DIGITAIS	38
4.1 AS NOVAS FERRAMENTAS DE ENCONTROS VIRTUAIS.....	40
5 A CONFIGURAÇÃO DAS RELAÇÕES AFETIVAS POR MEIOS TECNOLÓGICOS DE COMUNICAÇÃO EM PERÍODO DE ISOLAMENTO SOCIAL: ESTUDO EXPLORATÓRIO.....	46
5.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DESTA PESQUISA	46
5.1.1 Técnica e Instrumento de Coleta de Dados	47
5.1.2 Técnica de Análise de Dados	53
5.2 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA.....	57
5.2.1 Perfil Comunicativo/Afetivo.....	59
5.2.1.1 Afetividade Geral.....	59
5.2.2 Tipos de Encontros	62
5.2.2.1 Presenciais.....	62

5.2.2.2 <i>On-line</i>	63
5.2.2.3 Frequência da Realização dos Encontros.....	64
5.2.3.1 Presenciais.....	65
5.2.3.2 <i>On-line</i>	67
5.2.3.2 Plataformas Utilizadas.....	67
5.2.3 Adaptação as Novas Ferramentas.....	69
5.3 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	72
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
REFERÊNCIAS.....	78
ANEXO A - ENTREVISTAS.....	84

1 INTRODUÇÃO

A comunicação interpessoal é de extrema importância. Com o aumento do uso das plataformas digitais, as pessoas do nosso convívio começaram aos poucos a ser substituídas pelos relacionamentos virtuais, o que facilitou as comunicações interpessoais, neste período conturbado em que nos encontramos. O diálogo face a face é praticamente impossível de se estabelecer agora. Anteriormente à pandemia, seria muito mais fácil ver duas pessoas em um mesmo local, caladas, mas ao mesmo tempo mergulhadas profundamente em seus smartphones com acesso à internet. Estávamos nos tornando uma sociedade individualista. Este era o movimento que a sociedade vinha fazendo antes de 2019, quando se instalou pelo mundo a Covid-19. A falta do contato físico causada pela pandemia fez com que as pessoas buscassem um novo modelo, dentro das condições permitidas, de contato e troca de afeto. Com isto, observando relatos das pessoas entrevistadas, percebemos que há uma mudança comportamental, nas relações como um todo (pessoal, profissional e estudantil).

Quando o *on-line* se tornou para a maioria das pessoas o jeito correto de comprar e se relacionar (obrigatoriamente devido à pandemia), alguns aspectos mudaram em nosso cotidiano. Observando que há um novo modo de agir, principalmente nos relacionamentos afetivos, a autora deste trabalho instigou-se a pesquisar sobre o novo modo comportamental destes relacionamentos nas plataformas digitais, elencando alguns conjuntos na sociedade para fazer uma análise, e que impactos este novo modo de comportamento pode acarretar na sociedade. Analisando todo este movimento, chegamos ao seguinte **problema de pesquisa**: De que forma se configuram os relacionamentos afetivos a partir de interações em plataformas digitais durante a pandemia? A publicidade tem um papel muito importante na sociedade, além de ser uma base comunicadora de massa fortemente estabelecida, ela também ajuda a formar opiniões. Conforme os relacionamentos vão se moldando através das plataformas digitais, a publicidade também deverá se modificar. Estudar e observar este comportamento atual da grande massa poderá nos proporcionar resultados que irão nos fazer entender melhor o comportamento do consumidor. Com isto chegamos ao nosso foco do trabalho, tendo como **objetivo geral**, compreender como se configuram os relacionamentos afetivos, a partir das plataformas digitais durante a pandemia. Através das entrevistas

realizadas, esperamos entender de forma mais clara os **objetivos específicos elencados para esta pesquisa**: a) investigar a adaptação dos grupos às plataformas de videoconferência e redes sociais na hora de efetuar a comunicação no ambiente de trabalho, familiar e social; b) discutir como a pandemia alterou a rotina das pessoas; c) relacionar a alteração de rotina com as demonstrações de afeto; d) identificar se há instabilidade emocional nos relacionamentos mantidos através de plataformas digitais e que tipos de relacionamentos são constituídos a partir de laços digitais.

Através da entrevista semiestruturada, a fim de conseguirmos extrair da melhor forma, respostas intensas e sinceras, o que segundo Duarte (2008, p.62), esse tipo de entrevista refere-se a “[...] técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada”, conseguimos de antemão, ressaltar que, entre os entrevistados para este trabalho, há uma alteração no comportamento das demonstrações de afeto mediadas pelas plataformas digitais em tempos de pandemia e isolamento social.

2 AS RELAÇÕES HUMANAS INTERPESSOAIS E A EXPRESSÃO DO AFETO NA ESFERA PÚBLICA E PRIVADA

Neste capítulo, iremos abordar a comunicação humana de um modo amplo, antes mesmo da interação digital, e como esta dinâmica foi se desenvolvendo até chegarmos na forma de comunicação que temos hoje em sociedade. Para isto, iremos precisar tratar brevemente pelo campo da psicologia.

Este trabalho não tem a pretensão de aprofundamento na temática da psicologia, iremos apenas contextualizar uma definição para um melhor entendimento das relações interpessoais e nas relações afetivas entre as pessoas. O foco é sobre os meios e tecnologias de comunicação e as relações afetivas, tendo as diferentes formas de comunicação na mediação dessas relações como tema principal. Iniciamos nosso trabalho com o seguinte item:

2.1 A MUDANÇA DE HÁBITO AO DECORRER DO TEMPO QUANTO À EXPOSIÇÃO NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

As relações humanas são constituídas pelas trocas que expressamos os nossos sentimentos, sensações, opiniões, entre tantas questões que cada pessoa desenvolve individualmente e socialmente. Elas prescindem de formas de comunicação, seja pela fala, olhar, gestos, que se espalham geograficamente pelos meios (tecnologias) de comunicação.

Tornar nossos pensamentos, sentimentos público ou mantê-los privados, já eram debatidos muito antes das internet e das mídias sociais surgirem. E para conseguirmos nos orientar de forma mais coerente ao longo deste trabalho, será necessário voltarmos há um tempo histórico anterior e falar brevemente sobre o que é público e o que é privado:

Na Idade Média, não havia separação entre as esferas pública e privada, já que não ocorria a discussão pública - a representação pública não era discernível da representação privada. O conceito de representatividade pública vinculava a autoridade ao senhor feudal, ao rei, ao sacerdote. Estava relacionado, portanto, ao cargo, aos atributos da soberania, à hereditariedade, ao status da pessoa e não a um setor social. (HABERMAS, 2003, apud GUEDES, 2010, p. 02).

Nesse tempo, no período histórico da Idade Média, a representatividade da população ficava por conta de atores sociais, cuja sua posição social era definida por vontade divina e quantidade de bens materiais. Com isto, não era difícil se ver nessa época batalhas travadas por posses de terra para igreja ou senhores feudais, impondo que esta era uma batalha em que as consequências iriam refletir na vida de cada um, quando na verdade, o interesse era apenas para um nicho de pessoas.

Com o passar dos anos e o avanço gradual sócio tecnológico, tivemos o surgimento da imprensa, que tinha como seu principal negócio a divulgação de informações de interesse público.

A imprensa de opinião, artesanal e polêmica, do século XVIII, que alimentava a discussão em salões e cafés era substituída, no século XIX, pela imprensa comercial, comprometida com os interesses mercadológicos. No século seguinte, a televisão passava a aliar informação e entretenimento, diminuindo o espaço para a argumentação. (GUEDES, 2010, p. 04).

Além de informar, o leitor passaria a ser consumidor de notícias. E nessa mesma esteira, a publicidade passou a tornar público àquilo que também seria de interesse privado, mas só existiria se fosse público. A partir desse instante o poder da argumentação começa a tomar cada vez mais força, e a internet chega apenas para dar mais credibilidade neste sentido, pois através do interesse privado de cada um, vamos nos dirigir a atores sociais com credibilidade na sociedade, ou seja, pessoas privadas formando opiniões para a sociedade.

Ao dar um salto para o século XXI, nesta nova era que está se desenhando, todas as pessoas têm a possibilidade de formar opiniões e influenciar demais pessoas a sua volta, seja pela sua formação, trabalho ou status social em geral, e é neste momento em que chegamos ao estágio em que nos encontramos hoje:

Desta passa-se a outro estágio – excesso de exposição, intromissão em campos privados e íntimos, propagação de assuntos e informações sem que se tenha tempo de conferir a veracidade e que se cristalizam como verdade. (GUEDES, 2010, p. 12).

Como explicitado pelo autor, a internet não mudou apenas o modo de como se comunicar, ela também alterou o modo de agir e de expressar suas ideias e seus sentimentos. As redes sociais reforçam um modelo narcisista ao passo que a grande exposição é o gatilho deste modelo de plataforma.

Com as pessoas cada vez mais enxergando a si, e cada vez menos se

colocando no lugar do outro, temos uma geração inteira que poderá ter problemas, não apenas conectados na internet, mas também no convívio presencial. Se formos observar, por exemplo, os adolescentes, como seres humanos ainda em formação de caráter e personalidade, são os mais voláteis a personalização deste novo modelo:

Os adolescentes, como um segmento social que é mais susceptível às transformações das tecnologias digitais, herdam a facilidade de adquirir um vício. Dessa forma, a tecnologia torna-se um fator de isolamento social, que compromete a capacidade de socialização dos adolescentes, que não conseguem mais distinguir a realidade do mundo virtual. (SILVA, 2017, p. 91).

Estes jovens estão trocando os diálogos presenciais por um universo virtual onde a comunicação se dá através de jogos *on-line*, mensagens instantâneas, chats, e-mail e etc. Uma interação totalmente mediada por eletrônicos.

O uso demasiado da internet faz então com que os adolescentes não tenham um desenvolvimento pleno, o que fará com que eles tenham dificuldades na vida adulta, assim formando uma geração de adultos com diversos problemas de comunicação interpessoal. Entretanto, há na internet diálogos longos e relações afetivas virtuais, mas as conexões não são profundas, não são intensas, não são reais, “Assim, como estão permanentemente interligados às redes digitais, acabam se distanciando realmente das outras pessoas, seja afetiva ou socialmente”. (SILVA, 2017, p.92).

Engana-se quem acredita que a revolução digital começou apenas com a chegada da internet, este marco começou com a chegada do rádio e da televisão para a população de massa, “A tecnologia sempre afetou o homem, desde a introdução dos rádios e dos televisores nos lares, o que contribuiu para diversas mudanças de hábito”. (SILVA, 2017, p.92).

A diferença destas duas peças-chave em seus tempos, rádio e televisão, para a chegada da internet com suas plataformas digitais, é a velocidade com que as informações ganham repercussão e o acesso livre conforme a necessidade e disponibilidade do usuário. Fator importante nesta diferenciação, visto que, com os meios mais comuns, como rádio, TV e jornal, a população poderia ter estas mesmas informações, mas não no tempo em que quisessem consultar, e sim através de uma regra pré-estabelecida pelas emissoras e frequência de impressos.

Sendo assim, dos meios de comunicação que vimos expostos aqui (rádio, *internet*, tv e jornal), a *internet*, com suas plataformas digitais, é o meio mais debatido

no sentido de exposição e privacidade das pessoas que a utilizam. Neste sentido as pessoas não querem apenas se manter informadas nas notícias ou fazer pesquisas se seu interesse na *internet*, elas querem estabelecer vínculos e trocar informações com outras pessoas que tenham o mesmo objetivo:

Outro aspecto digno de nota é que não se pode esquecer que a internet é um poderoso espaço de socialização e estabelecimento de relações humanas não presenciais, [...]. Seus usuários não buscam apenas informação, mas também a interação social e o estabelecimento de relações intersubjetivas geradoras de sentimento de pertença e afirmação social, da qual emergem novas formas de sociabilidade, trabalho e aprendizagem em rede que não podem prescindir dos princípios bioéticos de respeito à vida e à pessoa humana em sua diversidade. (SILVA, 1999, apud, BARBOSA et al., 2014, p.12).

Nesta busca por conexões profundas e reais, as pessoas inseridas no meio digital estão constantemente expondo a si e a seus dados sem pensar que isto pode estar sendo utilizado de outra forma, a qual nem imaginam, gerando assim uma exposição desnecessária de si própria:

Assim, nota-se que as implicações negativas das relações humanas e da privacidade na internet geram conflitos bioéticos dentre os quais se encontram: (1) o fato de que, ao acessar a internet, nem todas as pessoas estão conscientes do risco de exposição de sua privacidade, desconhecendo também em que proporções isso se dá e como reduzir tais riscos e proteger suas informações pessoais [...] (3) o fato de que, ao acessar a internet, não há como as pessoas saberem que dados seus estão sendo coletados, que tipo de cruzamento (relação) será feito com esses dados, qual a finalidade disso e para quem serão utilizados; (4) em caso de pessoas que gostam de expor suas experiências e vivências na internet, que informações, quando e em quais sites disponibilizar tais informações com segurança; (5) a dificuldade de mensurar as consequências positivas e/ou negativas da exposição consciente ou não de informações pessoais e profissionais. (BARBOSA et al., 2014, p.11).

Com isto, a internet faz com que tenhamos cada vez mais a tendência em nos expor, e desta forma acabamos moldando também, o modo como fazemos as nossas demonstrações de afeto e modificamos alguns hábitos. Hábitos estes que, impactam não apenas de na forma afetiva, mas mudam de forma monetária também, envolvendo todo um âmbito de comportamento do consumidor, como podemos observar a seguir como isto mudou em poucos anos e se modifica a cada ano que passa, e que também, se modifica conforme a cultura.

2.1.1 Abordagem Histórica e Econômica da Relação Humana e Afetiva

Como falamos anteriormente, a internet e o digital trouxeram uma nova perspectiva sobre a vida pública e privada, no decorrer da evolução da humanidade, começamos a adquirir alguns hábitos e costumes, que quando foram originados havia certo propósito, porém ao passar dos anos estes foram sendo lapidados conforme sua localização geográfica, suas crenças religiosas e suas políticas, assim chegando aos conceitos de sociedade que entendemos hoje.

Tornar público algum pensamento, ou evento, como a celebrações de casamentos, vai muito além de festas luxuosas para serem eternizadas em fotografias:

[...] as primeiras formas de casamento eram vistas como ferramentas de manutenção de relacionamentos entre grupos sociais. As sociedades tribais anglo-saxãs, por exemplo, viam no casamento uma forma de estabelecer alianças e conquistar aliados, constituindo relações diplomáticas e laços econômicos. Até o século XI, os casamentos eram arranjados pelas famílias dos noivos, que buscavam conseguir perpetuar alianças ou a manutenção do poder econômico familiar ao promoverem casamentos entre famílias com posses maiores ou de tamanho similar". (RODRIGUES, [2020?]).

Na atualidade, não houve tantas mudanças, se formos comparar que o casamento ainda é uma relação contratual, e por isso, com viés público. Por outro lado, tratando-se da intimidade do casal, a relação íntima segue muito privada. No entanto, quando percorremos outras culturas, este comportamento também vai se moldando. Por exemplo, falando de relação afetiva como casal, a divisão cultural é bem estabelecida quando observamos de oriente e ocidente:

Em toda a região árabe, o sexo só é aceito no contexto do casamento, aprovado pelos pais, autorizado pela religião e registrado pelo Estado. O casamento é uma passagem para a fase adulta. Se você não se casa, não pode deixar a casa dos pais não pode ter relações sexuais e, definitivamente, não deve ter filhos. É uma muralha social, uma fortaleza invencível, que resiste a qualquer ataque, a qualquer alternativa. Ao redor da fortaleza, existe um vasto campo de tabu contra o sexo antes do casamento, contra os preservativos, contra o aborto, contra a homossexualidade [...]" (FEKI, 2014-2020).

Entretanto, no ocidente as coisas não são tão rígidas assim. Com este fato em vista, a nossa história com festividades e negócios, condizentes a relacionamentos, são mais amplas do que no ocidente. No Brasil, dia 12 de junho é comemorado o Dia dos Namorados, apesar de não ser feriado, a data movimenta parte significativa do

setor econômico. Esta data que remete a demonstração de carinho, companheirismo, afeto e união, tem ganhado destaque a cada ano no Brasil. Comercialmente falando, são diversos setores como: loja de roupas e acessórios, entretenimento, restaurantes, hotelaria que ganham impulsionamento nesta data. Segundo dados da Associação Brasileira de Bares e Restaurantes (ABRASEL), “O aumento representa 50% no número de clientes se comparado com um dia normal. É melhor que o Dia das Mães que representa 30%”. (DIA..., [2020?])

No ano de 2019, foi realizada uma pesquisa patrocinada pelo Jornal do Comércio (RS) em que nos revela os seguintes dados:

Importante data do calendário lojista, o Dia dos Namorados deve levar 62% dos brasileiros às compras. A partir de uma pesquisa realizada pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) e pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) em todas as capitais, estima-se que, aproximadamente, 93,5 milhões de brasileiros devem presentear alguém neste 12 de junho, o que deve injetar cerca de R\$ 15,6 bilhões na economia. (DIA..., 2020).

Estes números podem não impressionar quando comparamos a outras datas grandes no comércio como Dia das Mães e Natal, porém impressionam quando pensamos que cerimônias de casamento e comemorações que celebram o amor ultrapassam o ambiente privado, e tornaram-se celebrações públicas.

Datas que comemoram o afeto familiar tem sido importante impulso econômico, e a comunicação deste afeto é destacado pela publicidade de produtos ou serviços que utilizam essas datas para ampliar vendas. Mesmo não havendo uma venda declarada, o afeto é a razão principal dos conceitos das campanhas, como é exemplo da Rede de Supermercados Zaffari, no Rio Grande do Sul:

Pense em todos os momentos de carinho e amor incondicional da sua mãe por você. Agora, imagine outros tantos que aconteceram, mas você não lembra. Como seria bom recordar do instante mágico da amamentação, dos embalos e de todas as canções de ninar. Você não lembra, mas está tudo, absolutamente tudo, aí dentro de você. Neste Dia das Mães, apenas deixe tudo isso transbordar. (GRUPO ZAFFARI, 2021).

Este é um aspecto de como as relações humanas pelo afeto entre pessoas, são utilizados pelos meios de comunicação para sensibilizar o consumo e a economia, através de memórias afetivas que muitas vezes não temos consciência plena, mas que faz com que tenhamos ações de comportamento e demonstrações de afeto de

determinada forma.

2.1.2 A Representação das Diferentes Expressões de Afetos

Ao passar dos séculos e décadas as formas de demonstrações de carinho e amor foram se moldando. Entretanto, por muito tempo a sociedade teve o modelo romântico imposto e superestimado, principalmente com a mass media reforçando isto, o que com a evolução humana e digital não se complementavam mais:

Dessa maneira, o amor romântico seria historicamente concebido e incentivado, além de culturalmente imposto. Esse ideal do amor bem-sucedido já não encontra suporte suficiente na “realidade afetiva” dos sujeitos pós-modernos; vários são os impasses culturais para que ele não mais se sustente da forma como era [...]. (CASADORE; HASHIMOTO, 2012, p. 194).

Havia estas representações de afeto com grandes demonstrações (principalmente entre homens e mulheres), como: cortejar uma pessoa, presentear com flores ou chocolate, ceder uma peça de roupa para proteger do frio colocando seu próprio “bem” em risco, beijar a mão, doar o lugar para se acomodar, entre outros, pois eram comportamentos que eram reforçados a todo instante para a sociedade através dos veículos de massa. Contudo, ao mesmo modo em que ela trazia estes ideais românticos representados em telenovelas e filmes, o ideal da realização pessoal vinha ao mesmo passo vinculado ao precisar de alguém para este feito:

[...] ao mesmo tempo em que a cultura de massa estratifica os desejos e projetos da população, ela vende o ideal da singularidade, da realização única e pessoal. Nessa dinâmica, o amor, como tema central da felicidade moderna, é presença obrigatória na propaganda e, especialmente, nas produções da indústria da cultura. O encontro da “alma gêmea” é veiculado de forma maciça como a solução para todos os males, e como o meio de acesso à singularização e à felicidade. (TOLEDO, 2013, p.208).

Entretanto, ao mesmo passo havia uma grande desigualdade de gênero e social, que nesta época do amor romântico, era velado. Nesse momento, as pessoas procuravam em outras aquilo que elas não poderiam ser, alguém para completar tudo aquilo que elas não poderiam ser, “Os românticos embarcaram nessa onda e evoluíram a ideia agregando outros conceitos como o ‘amor à primeira vista’, o ‘almas gêmeas’”. (BERTRAND, 2012).

Quando chegamos ao século XX, considerado o mais romântico da história,

onde as artes falavam demasiadamente em demonstrações de afetos e sentimentos, surge um novo movimento, que com o passar dos anos só ganharia força e deixaria confusa a linha tênue entre romantismo e machismo:

[...] nos anos 60/70, surge um novo e importante movimento revolucionário, dessa vez encabeçado pelas mulheres: o feminismo. Uma importante evolução social, que teve que pagar um preço: o fim do romantismo. A mulher agora é independente e isso tornou o homem vulnerável, pois agora compete com ela de igual para igual. Ele não é mais a fortaleza que a protege e pode facilmente perder pra ela. O ideal romântico deixa de fazer sentido nesse novo cotidiano. (BERTRAND, 2012).

Em poucos anos tiveram muitas mudanças comportamentais da sociedade, assim como o feminismo, citado ainda a pouco. Com a chegada da internet as coisas mudam de figura novamente, e há além de uma adaptação a nova ferramenta, há também a geração de todos estes conceitos e lutas sociais que estavam *off-line* migrando para o *on-line*:

As tecnologias digitais vêm alterando a forma como as pessoas interagem, inibindo a interação física e gerando um comodismo. Isso pode causar problemas sociais, como separação do convívio social, solidão e depressão. (SILVA, 2017, p.92).

Migramos tudo para o digital: relações, causas, lutas, ideais, valores e etc. Criamos a nossa própria legislação dentro do mundo digital, mas nos esquecemos que as causas eram movidas por motivos vivenciados na realidade.

Com isto, nos acomodamos atrás de telas e começamos a experimentar de um novo modo de expressar sentimentos, afetos, ideias e causas. A atual geração, sofre problemas para fazer a diferenciação entre o mundo real e virtual por já nascerem inseridos neste contexto, por exemplo os adolescentes, que ainda estão em fase de autoconhecimento, de estabelecer vínculos e demais descobertas:

[...] para preencher o vazio deixado pelo isolamento social, apegam-se às redes sociais, porque lhes dão a impressão de que nunca estão sós e infelizes, via amigos virtuais e compartilhamentos de informações. No entanto, quando se desconectam, a realidade se torna distorcida, como se as pessoas ao seu redor não fizessem parte do seu cotidiano, devido à falsa impressão de felicidade proporcionada pelas interações no mundo virtual. (SILVA, 2017, p.92).

Sem a experiência de uma vida fora da cibercultura, começa assim uma nova

representação a quanto à demonstração de sentimentos: demonstração de afeto digital e demonstração de afeto não digital, vamos elencar assim neste trabalho. E quando migramos para a comunicação via meio digital, perdemos muitas das mensagens que recebemos mantendo o contato presencial.

Com isto, a mídia de grande massa teve que se adaptar no modo de como entregar as informações, se moldando ao mundo digital. Todos estes veículos tiveram que se adaptar ao digital e adquirir as características da linguagem nova para poder continuarem existindo: hoje temos emissoras de rádio on-line, cinema sendo representado fortemente pelos *streamings*¹, tv *on-line* e também revistas e jornais on-line. Estes meios que tiveram que se adaptar passaram por um período de grande baixa até sua adaptação digital, e mesmo assim não há como comprar a audiência com o que era na época de seus lançamentos, então hoje em dia a melhor opção “Para minimizar esse problema, você pode combinar a TV e o rádio com a publicidade digital por meio de plataformas como Facebook, Instagram e Google Adwords”. (LACERDA, 2020).

Quando falávamos na tv convencional, falávamos além de entretenimento, um espaço voltado para informações e anúncios para desejo de consumo sempre utilizando uma figura pública em suas campanhas para chamar maisatenção, como “O poder da mídia evidencia e fabrica esses galãs como aqueles que encarnam e realizam os ideais de sucesso, fama, beleza e juventude, e que passam a ser escolhidos como objeto de amor idealizado”. (GORRESE, JABLONSKI, 2002, p.47). Quando migramos para o meio digital isso também tem que ser remodelado:

Também existem os modelos pagos de publicidade, em que as empresas arcam com os custos de divulgação de conteúdos com o intuito de aumentaro tráfego de usuários para os canais de comunicação. [...] O objetivo é gerarresultados reais para o negócio no longo prazo, uma vez que os leads gerados pelo tráfego pago também são nutridos e qualificados para a conversão. São exemplos de canais de divulgação: Google Ads, Facebook Ads, LinkedIn Ads, Instagram Ads, entre outros; anúncios em TV, rádio, jornais e revistas; displays em lojas de varejo. (LACERDA, 2020 – grifo do autor).

Sendo assim, podemos dizer que as comunicações de grande massa, não deixaram de existir, mas tiveram que passar por uma grande remodelação para

¹ É a tecnologia que permite consumirmos filmes, séries e músicas em qualquer lugar é bastante popular e acessível e vem ajudando a combater a pirataria. (COGONI, 2019).

continuarem existindo e se manterem atuais conforme a evolução digital e a sociedade pós-moderna. Com esta evolução acabamos perdendo algumas partes importantes no processo de compreensão e emissão de mensagem, conforme vemos a seguir.

2.1.3 O Corpo Fala

A forma de expressão e comunicação mais comum dos homens, é a fala, “no entanto, a comunicação não está restrita somente na verbal, mas na não verbal, ou seja, uma série de gestos, de expressões faciais e corporais que completam a conversação e a torna mais eficaz. (MANTOVANI; RIBEIRO, 2018, p.1). Fisiologicamente, o nosso corpo também emite sinais, às vezes sutis, mas ainda assim sinais, que também comunicam mensagens importantes para quem está como ouvinte.

Como os pais sabem o que seu filho, recém-nascido, quer ou tem alguma coisa? Através apenas de suas expressões corporais, “os bebês têm uma linguagem corporal e se comunicam por meio dela”. (GAYOTTO, 2000). E isto acontece com todos os seres humanos, e ao longo da vida vamos aperfeiçoando essas expressões corporais que são expressas de forma subconsciente:

[...] pode-se afirmar que desde o nascimento, o ser humano necessita do seu corpo para se comunicar, ainda que com o aparecimento da fala, a linguagem corporal nunca desaparece completamente, mesmo que inconscientemente, o corpo fala. (MANTOVANI, RIBEIRO, 2018, p.8).

Para ilustrar apresentamos a seguinte Figura 1:

Figura 1 - O Corpo Fala



Fonte: Weil; Tompakow (1973).

Observando esta ilustração, vamos exemplificar os conceitos apontados por Weil e Tompakow. Vamos começar analisando a mulher “A” da figura: seu corpo está inclinado para trás, o que significa uma rejeição. O objeto que porta nas mãos está bem distante também, o que significa que não quer compartilhá-lo. A cabeça também para trás e nariz levantado, remete a desaprovação. Em seu semblante um breve sorriso:

Contudo, mostra um sorriso (seco; apenas os músculos bem próximos da abertura oral entram em jogo). Conclusão óbvia: é um sorriso por educação; a linguagem básica, que é a do corpo, não harmoniza com o que o sorriso tenta dizer. (WEIL; TOMPAKOW, 1973, p. 64).

Segundo a literatura de Weil e Tompakow, se formos analisar todos os sinais descritos acima, todos são negativos, exceto o sorriso, que fica como neutro.

Passando para o homem “B” da figura: está em uma pose de auto-aprovação, posição de firmeza, as pernas mostram o avanço e sua cabeça condiz com a posição do tórax (posição de orgulho), “Este sim podemos rodear de símbolos positivos, ou seja, concordantes com a mensagem conscientemente que expressa. Tudo ali, afirma o EU”. (WEIL; TOMPAKOW, 1973, p. 66 – grifo do autor).

Analisando o homem “C” da figura: cabeça e tronco inclinados para frente, perna cruzada com um dos pés apontando para a mulher a sua frente, o copo que segura está em segundo plano não tapando a visão de com quem está a conversar, e ao mesmo tempo este copo esconde um pouco de sua face no sentido de fechado para conversas com terceiros, “Também nesta figura, podemos assinalar pontos positivos – tudo concorda entre si, numa óbvia demonstração de sinceridade de propósito”. (WEIL; TOMPAKOW, 1973, p. 67).

Por fim, vamos analisar a mulher “D” da figura: corpo inclinado para trás, mas não está tensa como a mulher “A” da figura, espelhou a posição das pernas do parceiro, as palmas das mãos estão para cima o que significa concordância, cabeça assertiva e inclinada a frente, “A *mulher sentada*. Está adorando a situação. Aceita a liderança do seu parceiro. Gosta do que está acontecendo”. (WEIL; TOMPAKOW, 1973, p. 67 – grifo do autor).

Percebemos assim que além da comunicação verbal, também comunicamos muito com as expressões corporais, “o homem não consegue dominar a linguagem inconsciente de seu corpo!” (WEIL; TOMPAKOW, 1973, p. 248). Com as palavras

conseguimos criar uma linha de raciocínio lógica e proferir conscientemente aquilo que queremos, enquanto com as expressões corporais não conseguimos ter este controle consciente por muito tempo.

A comunicação não verbal, é praticamente toda realizada de forma inconsciente, digamos que é a forma com que nos expressamos de maneira mais sincera. Através desta comunicação, conseguimos captar mensagens, mesmo que não tenham sido expostas de forma verbal ou escritas: um sorriso para demonstrar alegria, gestos com braços e pernas, choro mostrando alguma dor ou tristeza, a forma como a respiração se comporta, suor e etc. Dentre as tantas formas de comunicação não verbal, o toque físico, como abraço, aperto de mão, beijo também trazem uma riqueza de informações quanto ao tipo de relação afetiva que se é estabelecido com as pessoas:

Outro meio de comunicação não verbal é o toque ou táctica. O ato de tocar é considerado uma das maneiras mais importantes na proximidade física para demonstrar afeto, envolvimento, segurança e a valorização do ser humano. (MANTOVANI; RIBEIRO, 2018, p.7).

Ou seja, dentro das expressões corporais podemos elencar ela em diversas classes: a) a expressão corporal onde apenas temos reações ao meio que se está inserido e as mensagens que são recebidas; b) a expressão corporal que se torna visivelmente explícita ao outro, como choro, suor, respiração alterada; c) a expressão corporal do toque, a fim de enfatizar a expressão de forma verbal.

Após entendermos que vamos perder boa parte da troca de mensagem quando não há o contato físico presencial, vamos abordar no capítulo seguinte como estas dinâmicas apresentadas até o momento se desenvolvem na *internet*.

3 AS RELAÇÕES HUMANAS, AS TECNOLOGIAS E A COMUNICAÇÃO DOS AFETOS

Neste capítulo vamos nos aprofundar um pouco mais sobre o contexto internet e suas plataformas digitais para entendermos melhor como as modificações culturais se comportam neste âmbito.

3.1 A COMUNICAÇÃO HUMANA NA INTERNET

A comunicação mediada pela tecnologia que criou a internet é algo relativamente novo e que se modifica com grande facilidade, o que ocasiona muitos questionamentos quanto à compreensão do modo de se relacionar em torno disto. Mas o que torna a internet tão interessante? O que há inserido nela para que faça com que as pessoas estejam sempre conectadas a ela? Esse novo meio vai substituir o contato presencial? Conseguimos fazer tudo igual ao presencial através do *on-line*?

Neste espaço, da internet, conseguimos encontrar o que chamamos de atores sociais, “permitem-nos comparar quaisquer duas ou mais sociedades, em diferentes níveis de desenvolvimento social, cultural, político ou econômico, e dirigem nossa atenção para comportamentos reais, socialmente necessários e observáveis”. (FERRAZ, 2019).

Existem atores sociais que estão inseridos nas plataformas digitais, alguns com uma rede maior de seguidores e outras com número menor, entretanto, quando ali inseridos somos todos, de certa forma, atores sociais, “[...] Como partes do sistema, os atores atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais”. (RECUERO, 2014, p.25). Dito isto, temos que ter em mente que no ciberespaço são criadas representações de atores sociais. O que isto quer dizer? Que nas redes sempre elencamos aquilo que condiz melhor com a plataforma, com o público e o tipo de mensagem que está querendo ser transmitida:

A aproximação tão comum entre mensagem e significado, entretanto, não deve ser tão gratuita e imediata, pois a recepção de uma mesma mensagem por diferentes sistemas não é garantia de mesmos significados. (PEREIRA, 2004, p. 7).

Nas redes sociais se mostra o estilo de vida que se leva, ou na verdade, gostaria de levar, para desta forma expressar a personalidade o que se é de fato e

tentar mostrar que aquilo é a melhor a versão de si mesmo (*self*²), “[...] há um processo permanente de construção e expressão de identidade por parte dos atores no ciberespaço.” (RECUERO, 2014, p. 26). Sendo assim, muitas marcas, e ou, celebridades que vão para as redes sociais, na sua grande maioria são cobrados de seus seguidores a se posicionar perante diversos assuntos, como: política, religião, questões raciais, homofóbicas e outros dentre tantos assuntos que o público julgar pertinente, “Assim, entender como os atores constroem esses espaços de expressão é também essencial para compreender como as conexões são estabelecidas”. (RECUERO, 2014, p. 27).

Como todos inseridos no ciberespaço são atores sociais, vamos elencar como micro atores, todos aqueles que formam a teia de conexões dos macro atores (marcas e ou celebridades com grande número de seguidores e presença digital), para que possamos analisar da seguinte forma: pessoas/marcas influenciam de modo comportamental, direta ou indiretamente, outras pessoas. Estes comportamentos que são mais corriqueiros, podemos assim dizer, vão desde comprar uma roupa ou alimento, até formas de pensar e agir quanto a questões mais relevantes como, já dito anteriormente: política, religião, questões raciais, homofóbicas entre outros, “[...] Nos perfis do Orkut, por exemplo, é clara a individualização e a construção pessoal de cada página. Ali são expostos os gostos, as paixões e os ódios dos atores sociais”. (RECUERO, 2014, p. 28).

Apesar do Orkut, ser uma rede social já ultrapassada, em que as pessoas não estão mais inseridas em grande massa, os conceitos, igualmente, casam com a rede social foco de estudo desta pesquisa, o Instagram. As pessoas observam, recebem e emitem informações a todo tempo, são cobradas e cobram posicionamento frequentemente doa a quem doer, esta metodologia de comportamento virtual, transcendeu as barreiras do digital e se inseriu fortemente na vida real, criando por diversas vezes atritos nas relações entre famílias, casais, ídolos e fãs, etc.

3.1.1 Características da Comunicação Humana no Espaço Virtual

A cada ano que passa a comunicação humana vai se moldando, aperfeiçoando e inovando. Já vivemos em rede há muitos anos, como por exemplo, a rede elétrica que leva energia até as nossas casas. Entretanto, com a chegada da internet o termo

² Termo estrangeiro, comumente utilizado para se referir a si mesmo, o “eu”.

rede ganhou um significado muito mais amplo.

A internet trouxe um novo significado ao comportamento humano, mudaram as formas de buscar informações, de compras, de relacionamentos e mudou até mesmo outros meios de comunicação. No início dos anos 60, em média o consumo de TV de uma pessoa era 3h diárias, estas mesmas horas provavelmente foram realocadas de atividades ao ar livre, leituras ou o tempo que era ocupado pelo rádio, com a chegada da internet estas mesmas 3h foram realocadas novamente:

Nos Estados Unidos a televisão é utilizada essencialmente como actividade de lazer, enquanto que a Internet tem o potencial, tal como a imprensa, de transformar a aprendizagem, o lazer e a forma como é vivenciada a experiência profissional. (CASTELLS; CARDOSO, 2005, p. 319).

O surgimento da internet é algo que ultrapassou o surgimento da televisão, porém estes dois meios são para tipos de consumo diferentes. Enquanto o formato TV é consumido de uma maneira mais padronizada, a internet em cada país/estado tem suas peculiaridades na hora do uso:

Não sendo inesperado, cada país identificou também questões particulares à região, e que se prendem maioritariamente com a cultura e desenvolvimento do país, demonstrando com isso o carácter local, assumido pela Internet a nível global. (CASTELLS; CARDOSO, 2005, p. 322).

Percebemos que quanto mais consumimos internet, menos consumimos TV, pois tudo o que queremos e necessitamos está presente nesta plataforma. Conseguimos trabalhar através dela, assistir filmes, acessar notícias, buscar pelos mais diversos aprendizados da culinária até mesmo projetos complexos, e tudo isto sem ser em “horários nobres”, porque na internet fazemos o nosso horário nobre.

Um dos aspectos que mais se modificou nesse período foi o modo de realizar compras, mas engana-se quem pensa que sempre foi fácil estabelecer essa comunicação para o ramo das vendas. No início os internautas tinham muitas desconfianças quanto à credibilidade das lojas e dos produtos vendidos de forma *on-line*, mas como muitas lojas utilizam da estratégia de marketing de manter preços ou ofertas melhores em compras *on-line*, “a vontade de fazer compras *on-line*, é uma das maiores forças motivacionais associadas ao facto de não utilizadores se tornarem utilizadores”. (CASTELLS; CARDOSO, 2005, p.323).

Na atualidade as pessoas preferem muito mais efetuarem suas compras

através da internet, pois agora que já acreditam na credibilidade das lojas, conseguem optar por preços ou formas de pagamentos mais em conta, detalhes sobre o produto que quer comprar, detalhes estes que em uma loja física passariam sem notar ao vendedor:

Hoje em dia consumidores afirmam não querer lidar com o factor humano no processo de compra, preferindo fazer tudo através do computador — sendo a excepção a possibilidade de experienciarem problemas e terem de contactar o serviço de apoio a clientes. (CASTELLS; CARDOSO, 2005, p.323).

A internet, de modo internacional, tomou acesso do público a partir década de 90, com o desenvolvimento do conhecido WWW (*World Wide Web*), assim “[...] a Internet assumiu-se clara e preferencialmente como fonte de informação, em vez de entretenimento (embora também seja bastante utilizada como fonte de entretenimento)”. (CASTELLS; CARDOSO, 2005, p. 327).

Por último, mas não menos importante, outro fato que devemos relacionar com a chegada da internet, são as redes sociais. Conforme visto anteriormente pela afirmação de Recuero, já vivemos em rede há anos, mas as redes sociais vieram para dar um novo entendimento a esta pequena palavra. Se a internet mudara o conceito e a prática da comunicação humana, o e-mail e as redes sociais chegaram para revolucionar. Com a possibilidade infinita de meios de aproximação com as pessoas começamos a estipular um peso de contato para cada segmento:

O dado mais significativo associado a estas «mensagens de carinho», prende-se com o facto de os indivíduos terem afirmado, que não teriam tentado estabelecer contacto se o meio a utilizar fosse o telefone ou carta; a comunicação apenas ocorreu, porque o e-mail se coadunava com o estado emocional, e o desejo de estabelecer contacto. (CASTELLS; CARDOSO, 2005, p. 333).

3.1.2 A Revolução da Comunicação Digital

Ao passo em que a base da educação vai mudando, é normal que o comportamento da sociedade vá se moldado de uma nova forma, à medida que a tecnologia avança e as ferramentas do ciberespaço são aperfeiçoadas.

[...] o ciberespaço suporta tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas: memória (banco de dados, hiperdocumentos, arquivos digitais de todos os tipos), imaginação (simulações), percepção (sensores digitais, telepresença,

realidades virtuais), raciocínios (inteligência artificial, modelização de fenômenos complexos). (LEVY, 1999, p. 159).

Mas engana-se quem imagina que a tecnologia iria chegar ao ponto de substituir os seres humanos. Pessoas, máquinas e softwares se complementam.

A comunicação digital permeia por vários setores, e de certo modo todos se interligam, fazendo com que tenhamos um aumento do conhecimento geral de diversas áreas. O que auxilia muito neste quesito são as simulações, que se tornaram frequentes, neste âmbito digital, “Os saberes encontram-se, a partir de agora, codificados em bases de dados acessíveis on-line, em mapas alimentados em tempo real pelos fenômenos do mundo e em simulações interativas”. (LEVY, 1999, p.169). Consegue-se simular as mais diversas ideias que se pode ter, e realizando esta simulação de algo na vida real, podemos identificar e prever possíveis erros em projetos (seja ele de qual segmento pertencer).

A comunicação digital teve todo este status de revolução, porque ela fez o caminho contrário. Nos meios presenciais (off-line), começaram as orientações para a migração para o site, e-mail e mídias sociais, com a orientação que lá supostamente teriam maiores informações. Aos poucos e muito contrariados as pessoas foram fazendo essa migração lenta e quase imperceptível, ao ponto em que hoje, em primeiro nos comunicamos através do ciberespaço para migrar para algo mais profundo pessoalmente.

3.1.3 World Wide Web e o Ciberespaço

A *World Wide Web*³, mais conhecida como WWW, é o que revolucionou toda a forma de se comunicar, pois é na internet, onde encontra-se familiares, amigos, conhecimento, educação, trabalho, entretenimento, entre outros.

Como se já não bastasse toda esta evolução tecnológica, que é a internet, após algum tempo de seu uso, foram criados sites de relacionamento, o que vem de fato novamente, mudar drasticamente a rede *on-line* de conexões.

³ Tradução Livre: Rede Mundial de Computadores. Disponível em:< <https://www.google.com/search?q=google+tradutor&oq=google+tradutor&aqs=chrome.0.69i59j0l7.2210j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>>. Acesso em: 29 jun. 2020.

Podemos definir duas grandes atitudes de navegação opostas, cada navegação real ilustrando geralmente uma mistura das duas. A primeira é a “caçada”. Procuramos uma informação precisa, que desejamos obter o mais rapidamente possível. (LEVY, 1999, p.87).

No primeiro momento, buscava-se na internet apenas aquilo que se tinha um interesse real em saber ou obter (compras *on-line* ou informações de produtos e serviços *on-line* para serem comprados por meio físico, pois por muito tempo a *internet* não era considerada um lugar seguro para compras). Por este motivo foi chamada de “caçada”, quando se buscava por algo com intenção de encontrar.

[...] A segunda é a “pilhagem”. Vagamente interessados por um assunto, mas prontos a nos desviar a qualquer instante de acordo com o clima do momento, não sabendo exatamente o que procuramos, mas acabando sempre por encontrar alguma coisa, deveríamos de site em site, de link em link, recolhendo aqui e ali coisas de nosso interesse. (LEVY, 1999, p.87).

No segundo momento, é o que ocorre com frequência e inconscientemente, muitas vezes, nos sites e aplicativos de mídias sociais, a chamada de “pilhagem”. Onde na verdade não se busca nada de concreto, apenas é feito navegações como “devaneios”, para passar o tempo, sem ter um real motivo para estar em determinado *link*, não se busca de fato algo ou alguém.

Com isto, a internet abre dois campos pertinentes no papel de atuação da vida on-line. Primeiramente aquele onde a pessoa determina por onde quer estar, e ou, também determina que tipo de conteúdo ela vai entregar nas mídias. E em contrapartida, temos aqueles que irão apenas observar e absorver, se deixando levar por aqueles que têm algo a mais a dizer. Neste sentido de tempo dedicado ao espaço virtual, começasse a perceber a remodelagem das relações interpessoais.

3.2 OS AFETOS MEDIADOS PELAS TECNOLOGIAS: MÍDIAS SOCIAIS RECONFIGURANDO AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS

Hoje em dia é comum haver vários tipos de declarações nas mídias sociais. Esclarecimentos de casos polêmicos, em contas oficiais de famosos, hoje são corriqueiros, por exemplo. Declarações de amor, de aniversário, de amizade com fotos e vídeos são facilmente encontrados neste meio.

As expressões de afeto sempre geraram comoção nas pessoas por várias partes no mundo: receber flores, uma carta, uma serenata ou chocolates. Quando

houve a migração de vidas, podemos assim elencar, para o âmbito virtual, estas demonstrações de afeto também migraram a sua forma, seja com postagens de fotos ou vídeos com legendas afetuosas em forma de declaração.

Há anos oscilamos entre o amor e a repulsa às redes sociais e aplicativos, que revolucionaram nossa forma de nos comunicar e de existir. Tendo tanta tecnologia e tantos recursos digitais em nossas mãos 24 horas por dia, mudamos completamente nosso estilo de vida. Essa revolução digital tem tido um custo altíssimo, detonando relações, devorando nosso tempo, nosso descanso, nossos momentos de introspecção, nossa capacidade de estarmos onde estamos. A tela do celular e outras telas parecem ter um poder hipnótico e viciante. (MASCARENHAS, 2020).

De fato nos últimos tempos havia por grande parte dos usuários das mídias sociais, uma reclamação coletiva, sobre as mídias estarem cada vez mais sobrecarregadas com “negatividade” e muitas pessoas que só gostavam de reclamar e julgar (os famosos haters⁴), estes “haters pipocando por toda parte, fake news, e uma polarização política grave e destruidora de afetos, que se materializa através das redes sociais e é por elas potencializada”. (MASCARENHAS, 2020).

As mídias sociais estavam repletas de histórias forçadas, falsos sorrisos, falsas vidas. Em meio a este caos, novamente, o comportamento do usuário está se moldando, a empatia está reinando, mãos estão sendo estendidas (mesmo que virtualmente), as pessoas estão mais próximas umas das outras mesmo sem poder chegar perto fisicamente de familiares e amigos.

É inegável que viver tem sido um desafio, e olha que ainda é apenas o começo desse maremoto mundial. Estamos todos com medo, estressados e perdidos diante dessa nova realidade. Mas temos uns aos outros. E temos esse universo aqui, o “virtual”, que nunca foi tão real, afetivo, humano e necessário. (MASCARENHAS, 2020).

Se antes começamos este projeto acreditando que as mídias sociais estavam afetando negativamente os relacionamentos afetivos, a partir deste momento, podemos começar a analisar com outros olhos as novas perspectivas que estão nos sendo propostas através de um momento ímpar na história mundial. Para melhor entendimento dos itens a seguir elencamos que,

⁴ Tradução: Odiadores. Ele é usado para definir pessoas que atacam e criticam outras, geralmente por meio de fóruns e redes sociais, deixando comentários maldosos ou expondo situações comprometedoras. STEIN ([2021?]).

O termo 'plataforma' em si é controverso, pois tende a ser utilizado pelas companhias do Vale do Silício graças a sua suposta neutralidade (GILLESPIE, 2010, apud, LUPINACCI, 2020, p.5). De qualquer forma, por 'plataforma' me refiro aqui às companhias de mídias sociais contemporâneas, que adquiriam enorme alcance e relevância em nossas vidas cotidianas nos últimos anos. (LUPINACCI, 2020, p.5).

Assim, neste trabalho elencamos como plataformas digitais, tudo que abrange o mundo de mídias sociais e ferramentas de realização de webconferência.

3.2.1 As Mídias Sociais, Tipos, Características, Pontos Fortes e Fracos

Temáticas como redes sociais parecem ser clichês de serem abordadas nos dias de hoje, mas se engana quem pensa desta forma. O advento da internet pode ser antigo, porém a constituição das redes sociais é relativamente nova em nossas vidas. Por isto, entender as redes também é entender parte do comportamento de nossa sociedade, pois segundo Manuel Castells (2007): “A sociedade é que dá forma à tecnologia de acordo com as necessidades, valores e interesses das pessoas que utilizam as tecnologias.” (CASTELLS, 2005).

Segundo a autora Raquel da Cunha Recuero (2004), “A comunicação mediada por computador pode ser muito eficiente no estabelecimento de laços sociais porque facilita sua manutenção.” (RECUERO, 2004, p. 19). De fato, manter relacionamentos, afetivos ou não afetivos, mediado por computadores pode ser algo benéfico, ainda mais hoje que sabemos que estas conexões *on-line* não se dão de forma aleatória e sim unem pessoas com interesses em comum, conforme Recuero (2004, p. 20):

Entretanto, as relações entre indivíduos na comunicação mediada por computador não são aleatórias. As pessoas levam em conta diversos fatores ao escolher conectar-se ou não a alguém. Os laços sociais, portanto, são estabelecidos sob prismas muito específicos de interesse comuns de cada nó.

As redes sociais como o *Facebook* e *Instagram* são plataformas semelhantes, assim como redes mais antigas como o extinto *Orkut*, porém com intuitos diferentes, conforme Raquel (2004), “Desenvolvido com base na ideia de ‘software social’, ali é possível cadastrar-se e colocar fotos e preferências pessoais, listar amigos e formar comunidades.” (RECUERO, 2004, p. 11). Analisando esta citação referente à rede social *Orkut*, podemos perceber várias similaridades entre as três redes, apesar de

seus tempos de criação e usabilidade serem diferentes, e a autora ainda complementa “Esses sistemas funcionam com o primado fundamental da interação social, ou seja, buscando conectar pessoas e proporcionar sua comunicação e, portanto, podem ser utilizados para forjar laços sociais”. (RECUERO, 2004, p. 11).

Em sua usabilidade os integrantes de ambas as redes sociais, *Facebook* e *Instagram*, também percebem essa diferença na plataforma e assumem posições diferentes em cada uma delas “Assim, um mesmo ator pode ter uma rede de conexões em um determinado sistema e uma rede de conversação e ambas podem ser diferentes e possuir características estruturais diferentes.” (RECUERO, 2009). Isto é algo que interfere no comportamento do usuário, pois este começa a querer a ‘montar’ um perfil seu *on-line* não condizente com a vida real. Entretanto, tanto nas redes sociais, como na internet em um todo, as informações ficam salvas, uma vez postado não temos volta, está ali a informação lançada para sempre, pois mesmo que o usuário apague o seu post⁵, podem haver outros usuários que viram esta imagem e realizaram print. ⁶Com isto “[...] as redes sociais vão atuar com um duplo papel informativo: como fontes, como filtros ou como espaço de reverberação das informações.” (RECUERO, 2009).

As redes sociais vão muito além de conectar pessoas ou serviços, ela também informa, produz conteúdo, ajuda a formar opiniões, e todas estas ações em conjunto está dando molde a um novo modo de sociabilidade tanto *on-line* quanto físico real.

Dentre as inúmeras mídias sociais existentes hoje, como: *YouTube*, *Snapchat*, *Pinterest*, *Tinder*, *LinkedIn*, *WhatsApp*, *TikTok*, neste momento, neste projeto, iremos focar apenas no triângulo: *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*.

O que estas três redes têm em comum, é que ambas são redes de relacionamento. Na grande maioria das mídias sociais, e principalmente neste triângulo, as trocas de mensagens são algo que pode-se dizer que faz parte do DNA destas redes, “As funções de *troca de mensagens* encontram-se entre as mais importantes e mais usadas do ciberespaço.” (LEVY, 1999, p. 97, grifo do autor).

Cada plataforma digital tem suas peculiaridades e nichos, mas entre si elas se conversam, principalmente quanto ao modo de uso, e designer das plataformas. O *Facebook*, trabalha com solicitações de amizades, enquanto o *Instagram* e *Twitter*,

⁵ Termo comumente utilizado por usuários das plataformas para se referir as postagens realizadas.

⁶ Termo utilizado para se referir quando alguém faz uma captura de tela de algo postado.

trabalham com seguidores (aliás, quantos mais seguidores melhor), “O Twitter é estruturado com seguidores e pessoas a seguir, onde cada twitter pode escolher quem deseja seguir e ser seguido por outros”. (RECUERO, 2014, p. 186).

De forma geral, o *Facebook* trabalha apenas com contas privadas (para ter uma “conta” pública, você precisa abrir uma página dentro da plataforma, este item é utilizado geralmente por empresas que querem vender algum produto ou serviço). Já no *Instagram* e *Twitter*, você pode optar por sua conta pessoal ser privada ou pública:

Mídias sociais como, por exemplo, o Facebook e o Twitter, permitem a interação com uma ou mais pessoas, sejam elas conhecidas, desconhecidas, personagens ou não; o que possibilita que estranhos possam estabelecer afinidade com outros e, com isso, surgir um relacionamento virtual que pode ser ou não explorado a médio ou longo prazo. (NICOLACI-DA-COSTA, 2005, apud, LINO, SARTI, 2019, p.5).

Ambas as plataformas trabalham com a ideia de curtida nas postagens, compartilhamento e comentários, a única diferença é que no *Twitter*, os compartilhamentos são chamados de retuítes:

O ponto forte do *Facebook*, é que empresas conseguem achar seu público alvo mais facilmente, pois através das páginas conseguimos criar campanhas de nicho específicas para o público que se quer, conhecido também como *Facebook Ads*(em comparação ao *Google Adwords*). Em compensação este ponto forte é eficaz mediante pagamentos, então o ponto fraco desta plataforma são suas entregas orgânicas, que deixam um pouco a desejar. Já o *Instagram* e *Twitter*, tem uma entrega orgânica⁷ melhor que o *Facebook*, mas isto vai depender muito do tipo de conteúdo que é publicado, se seu público se engaja com este tema, e dias de maior acesso do seu público.

Quanto ao WhatsApp Messenger, como dito anteriormente, é algo de cunho mais íntimo, onde para poder “adicionar” alguém a sua rede é necessário, salvar este contato telefônico em sua agenda do aparelho celular e sincronizar com o aplicativo:

é um aplicativo de mensagens multiplataforma que permite trocar mensagens pelo celular sem pagar por SMS. [...] WhatsApp é um trocadilho com uma expressão da língua inglesa What's Up? (E aí?). A empresa que desenvolveu o aplicativo, no Vale do silício, pensou em criar uma alternativa melhor do que o SMS, pois afirmam que em breve todas as pessoas terão um smartphone. (SOUZA; ARAÚJO; PAULA,2015, p.140).

⁷ Entende-se por entrega orgânica as publicações que não necessitam pagamento para serem impulsionadas.

Esta plataforma revolucionou a forma de trocar mensagens de texto, estas trocas ficaram mais rápidas e constantes. Além de que esta plataforma facilitou a troca de mensagens por áudio e também a troca de mensagens em grupo.

Ao falarmos de TikTok, a rede social mais popular para assistir a vídeos curtos, conforme Fabro (2021): “Fenômeno principalmente entre os jovens, foi o aplicativo mais baixado no mundo em 2020”, e a plataforma digital mais nova, das citadas neste item, ainda conforme Fabro (2021):

O TikTok pertence à empresa chinesa ByteDance, que originalmente havia lançado o app Douyin, em 2016. Já em 2017, a companhia resolveu expandir seus negócios, lançando globalmente a versão internacional do Douyin — ou seja, o TikTok. (FABRO, 2021).

É um aplicativo muito completo, pois tanto quem está naquela plataforma apenas para assistir, pode produzir conteúdo de qualidade facilmente também, pois a própria plataforma já conta com ferramentas para a criação de conteúdo:

Nesta rede social do momento, é possível visualizar, curtir, comentar, produzir e compartilhar vídeos. Além disso, você pode seguir e interagir com outros usuários, enviando mensagens privadas ou editando clipes com funções de costura e duetos. (FABRO, 2021).

Fazendo um paralelo bem geral seria da seguinte forma: para você existir no mundo virtual, você precisa estar no Facebook. Para mostrar sua rotina pessoal e profissional e os bastidores dela, luta a causas importantes, e amor aos animais, você precisa estar no Instagram. Para você poder ficar por dentro das últimas notícias por primeiro, ser um pouco de você mesmo, como é todos os dias “sem máscaras”, e reclamar um pouco da vida, mesmo que seja por coisas banais você precisa estar no Twitter. Para se distrair ou criar conteúdos criativos, você precisa estar no TikTok. E para finalizar, você precisa estar no WhatsApp caso queira fazer um pouco disto tudo mencionado anteriormente.

3.2.2 O Esgotamento do Tempo Dedicado às Relações Interpessoais

A vida é feita de escolhas todos os dias, seja de algo simples, como escolher o que comer, até situações mais complexas, tais como escolher a carreira profissional

a seguir, “[...] Se você não fizer suas escolhas, a vida as fará por você. E nem sempre o que se apresenta é a melhor opção. Assim você acaba por se tornar escravo das circunstâncias e coloca o controle de sua vida nas mãos do acaso.” (BARBOSA, 2008, p.16).

A sociedade não está habituada a ouvir a palavra “não”, e de certa forma, sempre exigiu que as pessoas estivessem sorrindo e dispostas a tudo, mesmo que isto não fosse o mais almejado em dado momento. Fazendo assim, com que as pessoas acreditassem que deveriam dizer “sim”, a todos os compromissos convencionais, reuniões, festas, celebrações, aniversários, entre outros que lhe fossem propostos, quando na realidade apenas deveria aprender-se a dizer “não”, a certos compromissos, pelo simples fato do esgotamento com assuntos desnecessários, ou, não estar dentro planejamento de vida atual.

As razões para dizer “sim” na hora errada são as mais variadas possíveis. Sentimos uma espécie de necessidade de ser sempre solícitos e agradáveis. [...] Temos medo de decepcionar as pessoas. Outro motivo muito comum é o medo de assumir o controle da situação: quando respondemos “sim” às demandas alheias, nos calamos diante de nossas próprias decisões. (BARBOSA, 2008, p.202).

Grande parte das pessoas com esgotamento físico e mental se origina de dedicar energia a coisas que, geralmente, ela não está disposta a fazer, seja relacionado com o trabalho, família e até mesmo amigos. Quando tudo isto ocorria, em grande parte no meio off-line, já era complicado de negar e definir prioridades e prazos para cada atividade que você não gostaria de estar fazendo, ou, que gostaria de estar dedicando menos tempo do que de fato está.

A era digital sem dúvidas veio para agilizar e aperfeiçoar diversos processos, “Hoje em dia, a tecnologia é vital para você ganhar tempo. Ninguém mais vive off-line, todo mundo tem pelo menos um celular ou um e-mail”. (BARBOSA, 2008, p.31). Entretanto, com a presença forte do *on-line* esta linha muito tênue, de definir prioridades e distribuição do tempo, se perdeu. As pessoas estão esgotando seu tempo com demandas desnecessárias e alheias, procrastinando suas tarefas e decisões.

Durante décadas, a administração do tempo identificou dois grandes fatores que definem todo tipo de atividade. Ela dividia o tempo pelo critério de urgência e pelo de importância. A definição de urgente é algo que deve ser feito com rapidez, que exige atenção imediata. Já o critério de

importância refere-se a algo que produz resultado, que tem grande valor, que merece uma atenção especial e não exige pressa, tem tempo para ser concluído. (BARBOSA, 2008, p. 36).

Com a vida *on-line* cada vez mais presente, as demandas urgentes são feitas de imediato (já que não há mais tempo para recurso), enquanto as demandas importantes vão sendo colocadas de lado até se tornarem urgentes também e não haver mais tempo hábil para resolver, e ou, decidir sobre tal demanda.

Analisando o vídeo de 2012, da socióloga Sherry Turkle⁸ (2012) que tange sobre o assunto “*Connected, but alone?*”, conseguimos perceber que não apenas a evolução da internet, mas tecnológica como um todo, tem impacto na sociedade de massa. Geralmente nos remetemos a tecnologias que são grandes visualmente, como: robôs, fábricas ultramodernas automatizadas, computadores e etc, quando na verdade a mais potente evolução tecnológica e psicológica é a junção de dois itens na palma da mão: internet e *smartphones*.

Estes aparelhos equipados com internet, são capazes de nos levar às mais diversas plataformas de interação social, além de ter um grande poder de impactar a vida psicológica e, pior ainda, o comportamento de cada indivíduo. Algo que era intangível há alguns anos, de se fazer de forma rápida e imperceptível, hoje conseguimos realizar tranquilamente, conseguimos enviar um e-mail ou sms, enquanto estamos em reuniões, funerais, cinema... Isso tudo acarreta em problemas na forma em como nos relacionamos com os outros e com nós mesmos. (TURKLE, 2012).

A necessidade de estar em vários lugares ao mesmo tempo, traz a falsa sensação em conseguir estar presente em tudo, porém as pessoas apenas querem prestar atenção naquilo que é do seu interesse.

Segundo Turkle (2012), quando entramos no âmbito de conversas face a face, conversas da vida real levanta-se o questionamento: “*O que há de errado em uma conversa?*”. A resposta surge clara e objetiva: “*Ela acontece em tempo real e você não pode controlar o que vai dizer*”. Imersos nas redes sociais/internet, editamos, deletamos, retocamos (rosto, corpo e voz), porém esquecemos que as reais relações humanas são complexas e exigentes. Outra frase também cada dia mais comum de

⁸ TURKLE, Sherry. **Conectado, mas só?** Palestra, fev. 2012. <Disponível em: https://www.ted.com/talks/sherry_turkle_connected_but_alone?language=pt-br>. Acesso em: 30 maio 2020.

⁹ Tradução: Conectado, mas só?

ouvir é: “*Prefiro enviar sms, do que ter que falar*”. As pessoas estão tão habituadas a se equivocarem sobre uma relação real, tão acostumadas a se contentam com pouco que a ideia de dispensar as pessoas completamente não para algo ruim.

A cada dia que passa esperamos mais da tecnologia, do que uns dos outros, estamos sozinhos, porém preferimos nos sentir assim, pois temos medo da intimidade. Sherry Turkle afirma ainda que passamos tanto tempo no *Facebook* e *Twitter*, achando que ninguém nos escuta, que nos apegamos a pequenos aparelhos que nos trazem essa falsa sensação de conforto em ser ouvido. As pessoas enxergam estar sozinho como um problema, que tenha que ser resolvido, quando na verdade desde crianças deveríamos ser ensinados a apreciar nossa própria companhia, para não nos tornarmos adultos ansiosos, inquietos, e que entram em pânico quando estamos sozinhos.

Conforme a autora, mesmo que o presente trabalho, esteja sendo escrito em meio a uma pandemia mundial (covid-19), já vivemos um isolamento social de nós mesmos há muito tempo. Quando não sabemos ficar só, procuramos outras pessoas para suprir isso e acabamos querendo nos encontrar nessas pessoas e acabamos não apreciando quem esta pessoa é de fato, estamos tão ocupados querendo comunicar que esquecemos de falar, conversar sobre o que realmente é importante.

Como qualquer coisa na vida, temos os pós e os contras dessas demandas no ciberespaço. Com tanto tempo dedicado a coisas que de fato não são interessantes, começa a se ter também, como na vida real, episódios gravíssimos de linchamentos virtuais:

Logo, o linchamento praticado por cidadãos brasileiros apresenta uma natureza punitiva, que visa mais à vingança contra o indivíduo momentaneamente julgado como infrator, partindo de um sentimento de revolta e insatisfação com os representantes da justiça brasileira. (CARVALHO et al., 2018, p.3).

Estas ações podem ser consideradas crimes cibernéticos, e ocasionar consequências fatais também, como: ansiedade, depressão, suicídio, baixa autoestima, entre outros.

Com a influência que as redes sociais digitais exercem na atualidade, é fundamental observar se os linchamentos físicos também podem ser transferidos para o ambiente virtual [...] Agora, os linchadores virtuais podem atacar a qualquer pessoa, seja ela culpada de algum crime ou não, devido ao anonimato permitido nas redes. CARVALHO et al., 2018, p.3).

Com a facilidade de executar esta covardia, sem mostrar de o fato o meu eu, estas ações se tornam mais frequentes no âmbito digital, fazendo com que as plataformas percam um pouco seus propósitos iniciais para o qual foram desenvolvidas. Temos assim a comunicação no ciberespaço, de certa forma, anestesiando as relações interpessoais presenciais.

Um dos maiores questionamentos dos últimos tempos, é como o ciberespaço, mudou o comportamento das pessoas em diversos setores, como: familiar, corporativo, afetivo, estudantil e outros. Estamos sempre conectados uns aos outros, mas ao mesmo tempo distantes da realidade do momento que estamos vivendo enquanto estamos conectados:

Se uma pessoa fizer uma lista com todos, absolutamente todos os indivíduos que ela conhece, independentemente de onde, quando ou como conheceu, terá uma espécie de mapa de seus relacionamentos. Intuitivamente será possível notar que uma boa parte da lista são apenas “conhecidos”, enquanto outros poderiam ser classificados como “amigos” e, uns poucos, como “melhores amigos”. A diferença que permite essa classificação é a força de um laço social. (MARTINO, 2014, p. 68).

As pessoas estão cada vez mais preocupadas com indivíduos que não expressam tanta importância real em suas vidas, em função de querer ter um *networking*¹⁰ completo, que acabam deixando de lado as reais conexões. Claro, os laços fracos reforçam a ideia de ator social que queremos constituir diante dos demais, entretanto, as redes sociais distorceram de certa forma isto, ao ponto de deixarmos os laços fortes de lado por diversas vezes:

A partir disso, Granovetter divide os laços entre contatos em três categorias: fortes, fracos e ausentes. Embora, em geral, a tendência na vida cotidiana seja dar mais importância aos laços fortes, o autor propõe, em seu modelo, que os laços fracos podem ter uma importância maior na dinâmica de funcionamento das redes por conta de seu tamanho — quantitativamente, o número de “conhecidos” é maior do que o de “amigos” e “familiares”, aumentando a amplitude de divulgação de dados existentes nesse tipo de contato. (MARTINO, 2014, p. 69).

Engana-se quem imagina que os relacionamentos, por serem considerados

¹⁰ Nimbus Screenshot é uma extensão para Google Chrome e Mozilla Firefox, que permite fazer a captura de tela de páginas da web (screenshot). Com ela você pode capturar uma parte ou a página web inteira, editar imagens e até salvá-las localmente ou no Google Drive. (BRITO, 2015).

uma conexão de laço forte, não foram afetados pelos contratempos que a tecnologia e o ciberespaço proporcionaram. O comportamento dos casais afetivos, principalmente, foi consideravelmente afetado:

[...] mostrando que a integração das mídias digitais nos relacionamentos alterou as dinâmicas e os fluxos de comunicação entre os casais. [...] A troca de mensagens de texto ou chamadas via celular possibilitou contatos mais frequentes entre os pesquisados, mas isso não significou necessariamente uma melhora na comunicação. (MARTINO, 2014, p. 133).

Mas se as formas de contato aumentaram, por que isto afetou de forma negativa aparentemente? Pois mesmo que a interação virtual tenha aumentado, um relacionamento, não apenas afetivos, necessita de proximidade física, seja ela, conversar olhando nos olhos, escutar o timbre real da voz do outro, sentir seu cheiro, observar sua expressão corporal, entre outros fatores que só se é percebido presencialmente, “Além disso, salvo nos relacionamentos à distância, nos quais a dinâmica obedece outra lógica, espera-se algum tipo de proximidade física, socialização e atividades comuns”. (MARTINO, 2014, p. 134). Quando não há essa proximidade física, os laços digitais também vão se enfraquecendo.

No último ano tivemos uma dinâmica, que de certa forma vem nos mostrando ao contrário do que se vinha sido elencado em estudos e observações. Com chegada da pandemia, a proximidade física foi ficando cada vez mais distante, e a proximidade virtual cada vez mais presente, e nesta situação muito específica, a comunicação virtual se fez de extrema importância e um dos únicos meios de manter as relações vibrantes.

4 A PANDEMIA, O ISOLAMENTO SOCIAL E AS IMPOSSIBILIDADES DE APROXIMAÇÃO POR MEIO DE OUTRAS TECNOLOGIAS DIGITAIS

Desde o final do ano de 2019, viemos acompanhando uma série de notícias desesperadoras que assolam o mundo todo. A Covid-19 é uma doença infecciosa causada por um tipo de coronavírus (SARS-CoV-2), apresenta vários sintomas comuns do cotidiano de uma pessoa com gripe comum (febre, cansaço, dor de cabeça, perda de paladar e olfato, diarreia, e tosse seca), porém seus efeitos são muito mais letais como afirma a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS):

Esses sintomas geralmente são leves e começam gradualmente. Algumas pessoas são infectadas, mas apresentam apenas sintomas muito leves. A maioria das pessoas (cerca de 80%) se recupera da doença sem precisar de tratamento hospitalar. Uma em cada seis pessoas infectadas por COVID-19 fica gravemente doente e desenvolve dificuldade de respirar. As pessoas idosas e as que têm outras condições de saúde como pressão alta, problemas cardíacos e do pulmão, diabetes ou câncer, têm maior risco de ficarem gravemente doentes. No entanto, qualquer pessoa pode pegar a COVID-19 e ficar gravemente doente. (BRASIL, [2021?]).

Com uma doença que pode tornar-se tão grave e tão letal à parte da população, ela tem capacidade de contágio grande e acabou por atingir todo o mundo, conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS), decretaram no mundo inteiro a doença como pandêmica:

A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que o Covid-19, causado pelo novo coronavírus, já é uma pandemia. Segundo a Organização, pandemia é a disseminação mundial de uma nova doença e o termo passa a ser usado quando uma epidemia, surto que afeta uma região, se espalha por diferentes continentes com transmissão sustentada de pessoa para pessoa. (SCHUELER, 2020).

O vírus que foi capaz de fazer parte do mundo entrar em *lockdown*¹¹, teve impacto em todos os seguimentos inimagináveis, e principalmente a forma de convivência e de se relacionar das pessoas, a pandemia no âmbito geral,

[...] vem produzindo repercussões não apenas de ordem biomédica e epidemiológica em escala global, mas também repercussões e impactos sociais, econômicos, políticos, culturais e históricos sem precedentes na história recente das epidemias. (BRASIL, [2021?]).

¹¹ Tradução livre da autora: confinamento.

Além de cuidados básicos de higiene quando se está com gripe comum, como lavar as mãos com frequência, utilizar materiais descartáveis, manter janelas abertas, os médicos e pesquisadores de saúde orientaram o uso de máscara facial para diminuir o contágio e propagação da doença, aliado ao isolamento social domiciliar:

Isolamento é uma medida que visa separar as pessoas doentes [...] das não doentes, para evitar a propagação do vírus. O isolamento pode ocorrer em domicílio ou em ambiente hospitalar, conforme o estado clínico da pessoa. Essa ação pode ser prescrita por médico ou agente de vigilância epidemiológica e tem prazo mínimo de 10 dias do início dos sintomas e 24 horas de recuperação da doença (ausência de febre sem uso de antitérmicos e melhora dos demais sintomas), ou, para casos graves ou em pessoas gravemente imunocomprometidas, esse período pode chegar a 20 dias. Na prescrição do isolamento o paciente deve assinar um termo de consentimento livre e esclarecido e seguir as orientações para evitar o contágio de seus contatos próximos e domiciliares. (QUAL..., 2020).

Os impactos e consequências desta pandemia serão sentidos ainda por muitas décadas,

A pandemia do novo coronavírus não afetou apenas a saúde de milhões de pessoas. Ela também provocou profundas implicações à economia, às formas de relacionamentos e às questões ambientais. (SILVA; SANTOS; SOARES, 2020, p. 142)

A sociedade como um todo, levará anos para se recuperar de um “golpe” biológico de tamanha proporção. Com vários setores se moldando diante desta momento inigualável, a comunicação que por si já se molda diariamente, com o impulso da pandemia se intensifica no modo de mudar mais uma vez drasticamente,

Diversos são os conceitos similares que definem essas experiências da paquera online: webnamoro, namoro virtual, sexo virtual, cibersexo etc. Esses conceitos não conhecem consensos, mas têm em comum a perspectiva da vida digital de pessoas conectadas que constroem afetos e trocas amorosas e sexuais, mensagens, informações e conteúdos eróticos, com o fim da excitação sexual e/ou manutenção de relações afetivas, por meio de ambientes online. (JUNIOR; FÉLIX; COUTO, 2020, p.5).

A manutenção das relações afetivas foi o grande ponto de partida logo que a sociedade entrou em isolamento social. Como vamos ver nossos amigos e familiares? Como vou fazer minhas compras? Não vamos mais comemorar aniversários e datas especiais? Como vamos fazer tudo isto de forma segura? Muitos foram os questionamentos levantados, todos estes questionamentos levaram ao atual cenário

que,

[...] revela que estamos diante do fenômeno das redes amorosas e sexuais nas telas. Esse fenômeno constitui importantes pedagogias culturais e sexuais que nos orientam e nos ensinam sobre comportamentos e modos de ser online. (JUNIOR; FÉLIX; COUTO, 2020, p.5).

Relações afetivas, com cunho voltado ao sexual, já existiam nas plataformas digitais (de forma mais branda e velada, mas sempre existiram), com a chegada do coronavírus começa-se a perceber um movimento em relação a como manter as relações afetivas de troca de carinho com familiares, amigos e colegas de trabalho, ser algo preocupante para a sociedade em como administrar isto.

4.1 AS NOVAS FERRAMENTAS DE ENCONTROS VIRTUAIS

Com a chegada da Covid-19, e decretado o isolamento social pela maiorias estados da federação, no Brasil, desde março de 2020, como regra e medida de prevenção à disseminação do vírus, as plataformas virtuais de reuniões, usadas no âmbito corporativo, entraram fortemente no cotidiano das pessoas, aqui no país e em todos os demais países, como alternativa para manter o trabalho e ensino de forma remota. As principais, plataformas de videoconferência utilizadas nos últimos tempos foram: *Google Meet*, *Microsoft Teams*, *Microsoft Skype* e *Zoom*. Segundo Harada (2020), “O Skype é um velho conhecido do público e praticamente sinônimo para videochamada em todo o mundo”. Ainda, é válido lembrar que o *Zoom*, ganhou grande visibilidade e aumento no número de usuários quando se iniciou a pandemia. Conforme Harada: “O *Zoom* é o software da lista que mais tem ganhado notoriedade atualmente. Muitas são as empresas e as pessoas que estão utilizando esse programa para fazer reuniões e encontros por vídeo chamadas”. Além disso, pode-se incluir o WhatsApp para troca de mensagens rápidas ou até conversa em vídeo.

Todas são plataformas que exercem uma mesma função, realizar chamadas de vídeo. Entretanto, cada uma delas pertence a uma corporação e tem suas peculiaridades e foram melhoradas e modificadas devido à demanda do mercado. O quadro a seguir foi elaborado a partir de informações consultadas nos links já referenciados para a explicação de cada plataforma.

Quadro 1 - Comparação básica das ferramentas¹²

Ferramenta	Desktop	Mobile	Versão Pago	Versão Gratuita	Gravação da chamada	Compartilhamento de Tela
Google Meet	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim*	Sim
Microsoft Teams	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim*	Sim
Skype	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
Zoom	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim*	Sim

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

O *Google Meet* é uma ferramenta disponibilizada pelo próprio Google a todos aqueles que tenham uma conta na ferramenta:

Junte toda a equipe no Google Meet, onde você pode apresentar propostas de negócios, colaborar nas tarefas de química ou simplesmente colocar a conversa em dia. Empresas, escolas e outras organizações podem transmitir reuniões ao vivo para 100 mil espectadores do próprio domínio. (VIDEOCHAMADAS..., [2021?]).

Anteriormente a pandemia, esta ferramenta só era disponibilizada aos assinantes do GSuite.

Quando falamos de *Microsoft Teams*, estamos nos referindo a uma plataforma da própria *Microsoft*.

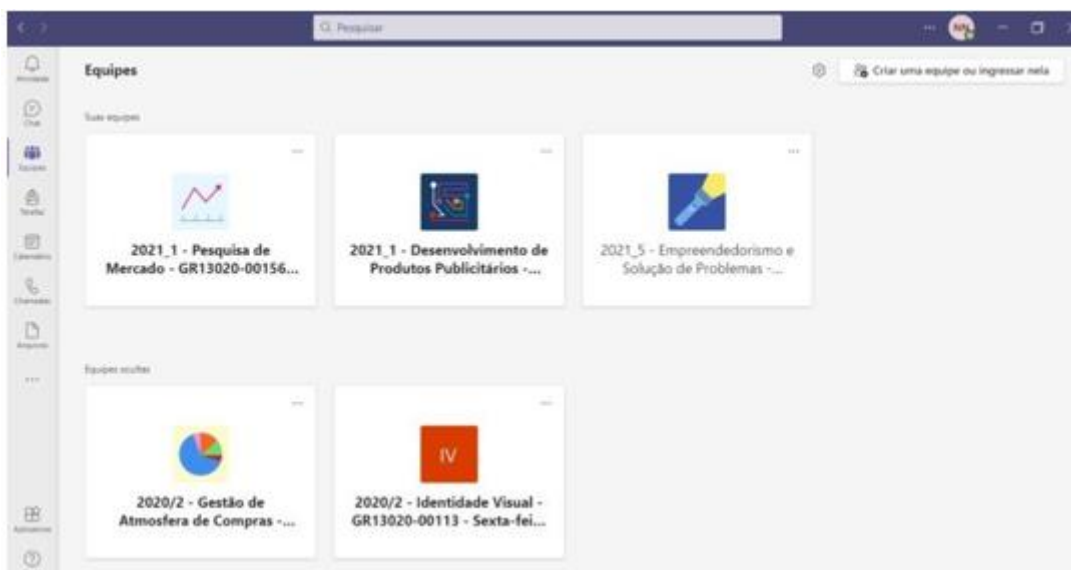
Microsoft Teams é uma experiência totalmente nova que reúne pessoas, conversas e conteúdo – com as ferramentas que as equipes precisam – para que possam colaborar facilmente para realizar mais. [...] Na Microsoft, estamos profundamente comprometidos com a missão de ajudar pessoas e organizações a alcançar mais – e reinventar a produtividade para a nuvem e o mundo móvel é fundamental para a nossa ambição. (KOENIGSBAUER, 2016)

O grande diferencial do Microsoft Teams, está principalmente no âmbito da educação, através de suas diversas ferramentas, a Microsoft utiliza do “*omnichannel*”¹³, dentro de suas próprias ferramentas para entregar um aplicativo completo.

¹² Os asteriscos inseridos na tabela são referentes a algumas funções que só são liberadas na versão paga da ferramenta.

¹³ Omnichannel é uma estratégia de uso simultâneo e interligado de diferentes canais de comunicação. (FONSECA, 2017).

Figura 2 - Captura de tela equipes Microsoft Teams



Fonte: Elaborado pela autora.

Assim, a *Microsoft* consegue induzir que seu usuário além de utilizar sua ferramenta de videoconferência, consiga ali dentro mesmo utilizar outras ferramentas do seu pacote.

Já o *Skype*, é uma das ferramentas mais antigas quando falamos em videoconferência. O interessante é que o *Skype*, também pertence ao grupo *Microsoft*:

A *Microsoft* adquiriu nesta terça-feira (10) a empresa de serviço de chamadas de voz e de vídeo pela internet *Skype* por US\$ 8,5 bilhões. De acordo com a *Reuters*, essa foi a maior aquisição da *Microsoft* em seus 36 anos de história. (MICROSOFT..., 2011).

Sobre a plataforma em si, ela tem menos recursos que o *Microsoft Teams*, mesmo pertencendo ao mesmo grupo, entretanto isto é proposital, pois são para objetivos diferentes.

Skype serve para você se conectar com as pessoas mais importantes da sua vida e do trabalho, a qualquer momento e em praticamente qualquer lugar, usando um celular, computador [...] As mensagens e as chamadas com vídeo e voz em HD do *Skype* ajudarão você a compartilhar experiências e realizar tarefas com outras pessoas. Com o *Skype*, você pode participar de reuniões e criar coisas incríveis como grupo de trabalho, compartilhar histórias e comemorar aniversários com amigos e familiares, adquirir hobbies e aprender habilidades comum professor. (SOBRE..., [2021?]).

Quanto ao Zoom, é umas das plataformas mais simples de se usar, no início da pandemia teve alguns problemas quanto à segurança de informações pessoais dos usuários da ferramenta, mas que logo foram corrigidas:

O funcionamento do Zoom Meetings é semelhante a outras soluções do segmento. O administrador da reunião pode criar uma sala e enviar um convite via e-mail ou link para qualquer pessoa participar, mesmo que não tenha uma conta no serviço. Basta acessar via navegador ou pelo aplicativo e digitar um nome para entrar. (ALVES, 2020).

Quando entendemos um pouco mais sobre as ferramentas e como funcionam, conseguimos perceber que seus usos foram modificados, assim como diversos setores, devido à pandemia. Além de servir como ferramenta para reuniões de trabalho e estudo, estas plataformas se tornaram pontos de encontro.

As pessoas pensavam que os novos meios de comunicação substituiriam os antigos, mas na verdade não foi exatamente isso que aconteceu; os meios começaram a se interagir, trabalhar em conjunto e aprimorar seus meios de comunicação. (SOUZA; ARAÚJO; PAULA, 2015, p. 132).

Entretanto, tanta exposição e uso demasiado das ferramentas, para o uso profissional, escolar e pessoal, fez com que os usuários começassem a criar uma espécie de cansaço mental:

Em poucos meses, aplicativos mais antigos como Skype e Hangouts, e os novos Houseparty e Zoom, transformaram-se em acessórios indispensáveis para o dia a dia — seja para permitir que parentes e amigos joguem conversa fora, seja, sobretudo, para viabilizar a prática de home office e do ensino a distância compulsório. Não sem cobrar um alto preço — e, isso, insista-se, em um período reduzidíssimo de tempo. O preço: um inédito cansaço mental — que já ganhou até nome (em inglês): Zoom fatigue. (LOPES, 2020).

Com o contato presencial anulado, a impressão que temos é que ficamos dia todo em compromissos longos e exaustivos, quando na verdade, apenas ficamos curtos períodos, mas como a frequência de exposição está maior, sentimos este cansaço mais presente.

4.2 OS AFETOS EM TEMPOS DE DISTANCIAMENTO

Os relacionamentos afetivos é algo que já foi estudado por poetas e cientistas e nunca conseguiram de fato entendê-lo, talvez por ser algo tão simples, acabe se tornando algo complicado demais para o nosso entendimento.

Com o aumento de usuários frequentes nas plataformas digitais, não foi muito difícil perceber que o comportamento afetivo estava se moldando mais uma vez. Quando Bauman (2001) em sua obra ‘Modernidade Líquida’ nos sugere que “O oposto dos objetos ‘duráveis’ são os ‘transitórios’, destinados a serem usados – consumidos – e a desaparecer no processo de seu consumo” (BAUMAN, 2001, p. 145), podemos tranquilamente fazer um paralelo com os relacionamentos atuais, que no decorrer deste trabalho, através de entrevistas, conseguimos observar uma possível instabilidade destas relações devido à pandemia.

Sociedade esta, que com a vida antes da pandemia, teria o desapego como sentimento primário, que afetavam os relacionamentos com tanto desinteresse, se desfez com a chegada do isolamento social, devido a Covid-19. A falta do contato físico fez com que as pessoas buscassem um novo modelo, dentro das condições permitidas, de contato e troca de afeto.

Núcleos familiares, estudantil e corporativo tiveram que se adequar do dia para a noite, as novas medidas que lhe foram impostas para conseguir ficarem atuando. Quanto ao núcleo familiar, acreditamos que tenha sido o mais afetado na sua ordem natural de convivência antes da pandemia:

[...] a influência da tecnologia nas relações parentais apresenta aspectos positivos e negativos. Os impactos negativos dizem respeito ao afastamento, e não apenas o afastamento físico, mas principalmente o afastamento afetivo, considerado por tirar o tempo, “o olho no olho” ser substituído por uma mensagem. Desta forma, modificando os padrões de convívio e de comunicação, podendo ser um motivo de conflitos dentro das famílias. (NEUMANN, MISSEL, 2019, p. 89).

Alterando esta forma de interação e valores, surgindo assim novos rituais, novos meios de se relacionar, passamos a ter novos tipos de conflitos dentro das relações, os pais ganham a tarefa de manter o diálogo aberto e elencar valores familiares, “dessa forma, a SBP¹⁴ (2016) recomenda que os adolescentes não devam permanecer

¹⁴ SBP: Sociedade Brasileira de Pediatria

isolados nos seus quartos, os pais precisam estabelecer limites de horário e mediar o uso da tecnologia”. (NEUMANN; MISSEL, 2019, p.77).

Sendo assim, as tecnologias da “nova comunicação normal” já fazem parte da rotina das famílias, trata-se de um novo membro que cada vez conquistas mais espaço entre essa relação.

5 A CONFIGURAÇÃO DAS RELAÇÕES AFETIVAS POR MEIOS TECNOLÓGICOS DE COMUNICAÇÃO EM PERÍODO DE ISOLAMENTO SOCIAL: ESTUDO EXPLORATÓRIO

Neste capítulo, serão apresentados os procedimentos metodológicos utilizados para realização da pesquisa empírica, sendo apresentado o tipo de pesquisa escolhido, a técnica de coleta de dados, e a técnica para a análise dos resultados. A partir desta descrição, apresentaremos os resultados da coleta e a análise das informações, finalizando o capítulo com considerações iniciais do estudo.

5.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DESTA PESQUISA

Para desenvolver a pesquisa empírica deste trabalho, tivemos como **problema** a seguinte questão: De que forma se configuram os relacionamentos afetivos a partir de interações em plataformas digitais durante a pandemia? Com este questionamento, estabeleceu-se o seguinte **objetivo geral**: compreender como se configuram os relacionamentos afetivos, a partir das plataformas digitais durante a pandemia. A partir disso, definimos pela pesquisa exploratória, pelo fato do tema ser recente e vivenciando o fenômeno do isolamento ou distanciamento como medida de prevenção contra a pandemia da Covid-19. Como afirma Gil (2010):

As pesquisas exploratórias têm como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Seu planejamento tende a ser bastante flexível, pois interessa considerar os mais variados aspectos relativos ao fato ou fenômeno estudado. (GIL, 2010, p. 27).

Ao optar pela pesquisa exploratória, Marconi e Lakatos (2008) colocam que é possível escolher abordagens quantitativas e qualitativas. E para este estudo, definiu-se pela pesquisa é qualitativa. Segundo Richardson (2007, p.89) “a pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados [...]”. Ainda, o autor identifica as principais utilidades da pesquisa qualitativa ao dizer que:

Os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a

complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos. (RICHARDSON, 2007, p. 80).

Para o desenvolvimento dessa pesquisa qualitativa, vamos trabalhar com as entrevistas a fim de entender como as dinâmicas se dão através das atividades cotidianas dos entrevistados. Devemos entender que como:

[...] trata da entrevista individual em profundidade, técnica qualitativa, que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada. (DUARTE, 2008, p. 62).

Complementando a orientação de Barros e Duarte (2008), conforme Sellitz et al. (1967, p.63 apud GIL, 2010, p.41), “na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão”.

Dito isto, ao mesmo tempo em que o tema desta pesquisa é novo, pois ainda estamos experimentando das novas práticas de demonstrações afetivas, visto que a pandemia ainda não acabou. A presente pesquisa se enquadra diante destas características no sentido de contemplar a pesquisa bibliográfica e entrevistas, cujo o objetivo não seria quantificar o número de pessoas ou gênero, ou classe, ou qualquer outro item que pudéssemos elencar na pesquisa, mas sim entender o movimento que as pessoas selecionadas para realizar o processo de entrevista estão fazendo, “procura intensidade nas respostas, não-quantificação ou representação estatística” (BARROS; DUARTE, 2008, p. 62), para manter seus afetos. Detalharemos essas questões a seguir.

5.1.1 Técnica e Instrumento de Coleta de Dados

As etapas anteriores deste estudo iniciaram pela pesquisa bibliográfica, conforme Gil (2008, p.45), “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Para o autor, (2010, p.45),

“a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”.

Assim, para obtenção das informações da fundamentação teórica dos capítulos anteriores e para os conceitos apresentados na descrição metodológica, o procedimento a pesquisa bibliográfica foi feita com base em material já publicado, incluindo livros, periódicos científicos. Marconi e Lakatos (2008, p. 185) destacam que “A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo”. Segundo os autores, os tipos de fontes bibliográficas podem incluir a imprensa eletrônicas e digitais, e sites de organizações, como foi o caso deste estudo, que buscou no site de organismo como a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), entre outros sites.

Após a fundamentação teórica consolidada, ocorreu a preparação da metodologia para realizar uma pesquisa empírica deste trabalho, e essa fundamentação deu as bases para iniciar a organização da entrevista em profundidade, como a técnica de coleta de dados desta pesquisa.

Segundo Duarte (2008, p.62), esse tipo de entrevista refere-se a “[...] técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada”. E, neste caso, por ser uma pesquisa qualitativa, esta técnica torna-se também a mais adequada.

Para Duarte (2008), a entrevista individual em profundidade tem entre suas principais qualidades, a possibilidade de permitir ao entrevistador ajustar livremente os questionamentos. Ela “é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte [...]”. (DUARTE, 2008, p. 62).

Duarte (2008) também apresenta os diferentes modelos de entrevistas, conforme o Quadro 2 a seguir:

Quadro 2 - Modelo de tipologia em entrevista

Pesquisa	Questões	Entrevista	Modelo	Abordagem	Respostas
Qualitativa	Não-estruturado	Aberta	Questão central	Em Profundidade	Indeterminadas
	Semi-estruturada	Semia-aberta	Roteiro		
Quantitativa	Estruturada	Fechada	Questionário	Linear	Previstas

Fonte: Duarte e Barros (2008, p.65).

A partir da tipologia de Duarte, optamos pela entrevista semiaberta, com um roteiro de questões semiestruturada, que segundo Duarte e Barros (2008) é a lista das questões que parte do problema de pesquisa, buscando expandir o tema e captando respostas com resultados indeterminados.

Na elaboração das questões, procuramos como encontrar respostas para os **objetivos específicos:**

- a) investigar a adaptação dos grupos às plataformas de videoconferência e redes sociais na hora de efetuar a comunicação no ambiente de trabalho, familiar e social;
- b) discutir como a pandemia alterou a rotina das pessoas; relacionar a alteração de rotina com as demonstrações de afeto;
- c) identificar se há instabilidade emocional nos relacionamentos mantidos através de plataformas digitais e que tipos de relacionamentos são constituídos a partir de laços digitais.

O entendimento deles sobre a importância de manter vínculos afetivos dentro dos núcleos de convivência e de que forma os mesmos estão elaborando alternativas para que isto se tornar presente de uma forma virtual.

Conforme Duarte (2008, p.66), o “Modelo de entrevista que tem origem em uma matriz, um roteiro de questões-guia que dão cobertura ao interesse de pesquisa.” Com isto, foi elaborado o seguinte roteiro de perguntas para nortear a conversa da entrevista, conforme está no Quadro 3.

Quadro 3 - Roteiro Entrevista

Questões / Roteiro Entrevista
1. Poderia te apresentar (nome, idade, sexo, escolaridade/formação, onde trabalha e cargo que exerce dentro da empresa)?
2. Falando um pouco de afetividade, tu te considera uma pessoa carinhosa, mais reservada, expressa naturalmente teus sentimentos? Descreve um pouco para nós tuas relações e emoções para com os outros, por favor. Como tu demonstrava/comunicava isso?
3. Descreva como era tua rotina antes da pandemia e o isolamento social os relacionamentos familiares, trabalho, faculdade. Onde gostava de ir, como e com que frequência eram realizados os encontros com família/amigos, no trabalho, faculdade. Como se comunicavam para manter essas relações?
4. Como ficaram na tua rotina as demonstrações dos teus sentimentos com as pessoas da tua relação que não podem ter o contato presencial e físico do teu afeto?
5. Quanto a tua habilidade em se expressar via internet (e-mail, redes sociais, blogse etc), isto sempre foi algo fácil pra ti?
6. Tu costumava fazer uso de algum meio digital para manter contato com as pessoas? Se sim, quais? Se não, o que você achava sobre elas? Por quê?
7. Sobre as redes sociais, você usa e mostra o que está sentindo nos posts (em relação a família/mercado/escolar)? Deixando um pouco de lado as redes sociais mais conhecidas (<i>Facebook/Instagram/Whatsapp</i>), quais plataformas digitais tu costuma utilizar?
8. Sempre utilizou as ferramentas que usa hoje com o mesmo intuito? Ou se moldou com o passar dos anos?
9. Quais são as tuas percepções sobre estas ferramentas nas relações sociais e profissionais e estudantis? Elas aproximam e dão conta de manter e expressar os afetos?
10. Vamos nos encaminhando para o fim da entrevista, e uma última pergunta essas novas formas de demonstração de afeto, te completam? Te satisfazem? Teria algo que gostaria de colocar acerca do tema?

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Aplicamos um total de dez conjuntos de perguntas do roteiro aos entrevistados para não se tornar algo longo e para que conseguíssemos respostas mais concretas dentro do nosso objetivo de pesquisa. Optamos por utilizar a ferramenta de reuniões *Google Meet*, por ser a plataforma que todos os entrevistados tinham acesso

facilmente. Quanto à gravação destes momentos a autora desta pesquisa precisou baixar uma extensão do *Google*, chamada *Nimbus*¹⁵, para poder fazer o registro das entrevistas para posteriormente realizá-las transcrições, que conforme Duarte: “A gravação possibilita o registro literal e integral. Apesar de certa discussão, a experiência indica que não afeta o resultado e oferece maior segurança à fonte.” (DUARTE, 2008, p. 76).

Todos os participantes foram informados, e concordaram com a gravação da entrevista, e também foram orientados que para a maior comodidade e segurança vamos utilizar nesta pesquisa a sua identificação por sua caracterização. Ou seja, cada entrevistado receberá o seu nome conforme a categoria a qual foi selecionado para responder as questões do roteiro de entrevista, por exemplo: O empreendedor, responde referente a categoria empresarial. Portanto, sua identificação ficará como ‘Empresário 1’ e ‘Empresário 2’, e assim sucessivamente com os demais perfis.

Cada entrevista desenvolveu-se nas dependências das casas dos entrevistados devido à pandemia e o isolamento social. Para a seleção dos informantes optamos em fazer a aplicação com poucos participantes que a determinação de três tipos de perfis, mais comumente existente nas nossas relações afetivas, conforme justifica Duarte: “Nos estudos qualitativos, são preferíveis poucas fontes, mas de qualidade, a muitas, sem relevo” (DUARTE, 2008, p. 68). Falando ainda sobre a seleção dos informantes, elas foram por conveniência e intencional, como orienta Duarte (2008, p.69): “A seleção por conveniência (também chamada acidental) é baseada na viabilidade. Ocorre quando as fontes são selecionadas por proximidade ou disponibilidade”.

A seleção por conveniência se deu através de contatos que a autora desta pesquisa tem para articulação de agenda, maior flexibilidade de horários e ao mesmo tempo também porque são pessoas que tem os perfis desejados, a destacar: familiar, universitário e empresarial, além de ser do convívio e relacionamento da pesquisadora, e conforme orientação de Duarte: “A seleção ou no Google Drive. (BRITO, 2015). é intencional quando o pesquisador faz a seleção por juízo particular, como conhecimento do tema ou representatividade subjetiva”. (DUARTE,

¹⁵ Nimbus Screenshot é uma extensão para Google Chrome e Mozilla Firefox, que permite fazer a captura de tela de páginas da web (screenshot). Com ela você pode capturar uma parte ou a página web inteira, editar imagens e até salvá-las localmente ou no Google Drive. (BRITO, 2015).

2008, p. 69). Ainda quanto à seleção, os entrevistados escolhidos em duplas em três grupos como já informados no parágrafo anterior: duas pessoas que compõem o grupo profissional, duas pessoas que compõem o grupo familiar/social e mais duas pessoas que compõem o grupo estudantil. Acreditamos que esses três grupos tenham sido os mais afetados quando falamos desta transformação na forma de se comunicar afetivamente. Desta forma, apresentamos o perfil de cada entrevistado, segundo o Quadro 4.

Quadro 4 - Perfil dos Entrevistados

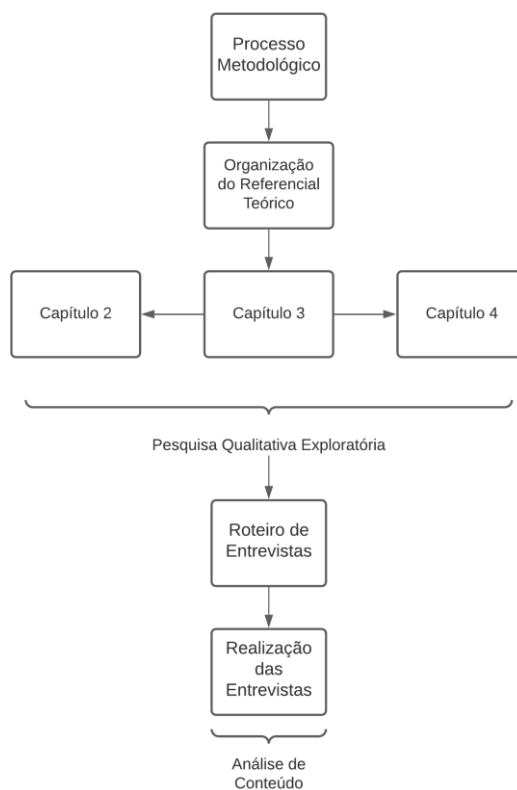
ENTREVISTADO	FORMAÇÃO	IDADE	DATA DA ENTREVISTA	FERRAMENTA
EMPRESÁRIO 1	Pós-graduado	35 anos	22/05/21	Google Meet
EMPRESÁRIO 2	Ensino Superior Incompleto	23 anos	21/05/21	
UNIVERSITÁRIO 1	Ensino Superior em andamento	23 anos	21/05/21	
UNIVERSITÁRIO 2	Ensino Superior em andamento	27 anos	21/05/21	
FAMILIAR 1	Ensino Superior Completo	23 anos	21/05/21	
FAMILIAR 2	Ensino Médio Completo	25 anos	21/05/21	

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Após a coleta de dados, as informações foram transcritas e feita à identificação de cada participante de forma fictícia para preservar a intimidade dos entrevistados e garantir respostas mais espontâneas, na medida em que sabem que não terão sua identidade exposta.

Para uma visualização sintética do desenho metodológico da pesquisa, elaboramos um fluxograma apresentado a seguir na Figura 3:

Figura 3 - Desenho metodológico da pesquisa



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

No item a seguir, serão descritas as técnicas utilizadas para a apresentação das informações obtida e sua análise, trazendo apontamentos importantes dos entrevistados para a finalização desta pesquisa.

5.1.2 Técnica de Análise de Dados

Após a escolha da técnica de pesquisa a ser utilizado, separamos os seis entrevistados em três grupos: empresarial, estudantil e familiar. Elencamos os participantes que se submeteram a uma entrevista semiestruturada com a autoradeste trabalho, para conversar sobre sua rotina neste momento delicado de pandemia e como se mantiveram contato e as relações afetivas.

Após essa coleta de dados pelas entrevistas em profundidade, a etapa seguinte é análise do material coletado. Para isso, utilizamos a técnica de análise de conteúdo que tem relação com a pesquisa qualitativa. Através dos conceitos de Bardin (1977),

utilizamos tabelas que dividem em categorias e subcategorias as entrevistas, facilitando assim a análise das informações coletadas:

[...] entrevistas semidirectivas (também chamadas com plano, com guia, com grelha, focalizadas, semi-estruturadas), mais curtas e mais fáceis: seja qual for o caso, devem ser registradas e integralmente transcritas (incluindo hesitações, risos, silêncios, bem como estímulos do entrevistador). (BARDIN, 1977, p.89).

Segundo a autora (1977), a análise de conteúdo é uma análise de muitos significados, pois se encarrega de uma descrição objetiva e sistemática do material obtido e sua respectiva interpretação. A análise de conteúdo busca conhecer o que está por trás das palavras.

Bardin (1977) indica que a análise de conteúdo possui três fases fundamentais, que consistem em:

- a) a pré-análise consiste na organização do material, visando criar hipóteses e indicadores que vão nortear os objetivos da pesquisa;
- b) a exploração do material, em que o pesquisador transforma os dados explorados nas entrevistas em texto, obtendo as características que foram alcançadas, e ainda deve classificar/categorizar o conjunto de elementos obtidos na etapa anterior;
- c) o tratamento dos resultados a inferência e a interpretação se deve retornar ao referencial teórico, buscando embasar sua análise com o material já explorado.

Deste modo, vamos lidar com uma fala mais espontânea do entrevistado, assim conseguindo extrair o que será essencial para ser analisado nesta pesquisa. Assim, a partir das informações das entrevistas, e conforme a fundamentação teórica apresentada nos capítulos 2, 3, e 4, vamos agrupar essas respostas para fazer uma análise, apenas extraindo os pontos relevantes a ser destacados dentro deste trabalho, trazendo considerações mais precisas.

Primeiramente, apresentaremos o perfil dos entrevistados entre as respostas trazidas nas primeiras questões sobre a percepção sobre si, conforme o Quadro 5.

Quadro 5 -Perfil dos Entrevistados

ENTREVISTADO	FORMAÇÃO	CARACTERÍSTICAS
EMPRESÁRIO 1	Pós-graduado	Casado há 16 anos, tem um filho de 4 anos.
EMPRESÁRIO 2	Ensino Superior Incompleto	Solteiro, sem filhos, mora sozinho.
UNIVERSITÁRIO 1	Ensino Superior emandamento	Solteiro, sem filhos, mora com os pais.
UNIVERSITÁRIO 2	Ensino Superior emandamento	Solteiro, sem filhos, mora sozinho.
FAMILIAR 1	Ensino Superior Completo	Solteiro, sem filhos, mora com a mãe e irmão.
FAMILIAR 2	Ensino Médio Completo	Casado, sem filhos.

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Em um segundo momento, seguindo a indicação de Bardin (1977), dividimos os pontos altos da entrevista em cinco categorias: 1) perfil do entrevistado; 2) tipos de encontro que este entrevistado mantém (estes dois primeiros pontos fazendo um paralelo sobre o antes e depois do isolamento social); 3) frequência da realização dos encontros; 4) plataformas utilizadas e 5) a adaptação com ferramentas.

Através deste recorte macro, conseguimos estabelecer quais perguntas são importantes para responder nossas maiores dúvidas e facilitando a análise das transcrições, como veremos no Quadro 6:

Quadro 6 - Categorias de Análise

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	PERGUNTAS NORTEADORAS
Perfil Comunicativo/Afetivo	Afetividade Geral	Falando um pouco de afetividade, tu te considera uma pessoa carinhosa, mais reservada, expressa
		naturalmente teus sentimentos?
	Sentimentos On-line	Sobre as redes sociais, tu usa e mostra o que está sentindo nos posts (em relação a família/mercado/escolar)?
Tipos de Encontros	Presenciais	Descreva como era tua rotina antes da pandemia e o isolamento social os relacionamentos familiares, trabalho, faculdade. Como se comunicavam para manter essas relações?
	On-line	Tu costumava fazer uso de algum meio digital para manter contato com as pessoas?
Frequência da Realização dos Encontros	Presenciais	Onde gostava de ir, como e com que frequência eram realizados os encontros com família/amigos, no trabalho, faculdade.
	On-line	Tu costumava fazer uso de algum meio digital para manter contato com as pessoas? Se sim, quais?

Plataformas Utilizadas	Comunicativo/Lazer	Sempre utilizou as ferramentas que usa hoje com o mesmo intuito? Ou se moldou com o passar dos anos? Quais plataformas digitais tu costuma utilizar?
Adaptação as Novas Ferramentas	Proximidade dos Afetos	Quais são as tuas percepções sobre estas ferramentas nas relações sociais e profissionais e estudantis? Elas aproximam e dão conta de manter e expressar os afetos?

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Tendo isso definido, no próximo subcapítulo, iniciaremos a apresentação e a análise dos resultados, conforme as categorias determinadas anteriormente.

5.2 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA

Após categorizar as perguntas das entrevistas e depois as respostas, conforme sugere Bardin (1977), elencamos cinco categorias:

- a) perfil comunicativo/afetivo;
- b) tipos de encontros;
- c) frequência dos encontros;
- d) plataformas utilizadas;
- e) adaptação as novas ferramentas.

Para nos orientarmos quanto ao **perfil comunicativo/afetivo**, elencamos questões como: “Tu te considera uma pessoa carinhosa, mais reservada, expressa naturalmente teus sentimentos?”. A fim de entender, como esta pessoa age no seu cotidiano segundo a própria visão de si. Nesta mesma categoria também queríamos fazer um paralelo com o *on-line*, então indagamos: “Sobre as redes sociais, tu usa e mostra o que está sentindo nos posts?”, assim tentando entender o mesmo comportamento tanto no mundo real, quanto no virtual, para discorrermos referente a um de nossos **objetivos específicos**, que tange em relacionar a alteração de rotina

com as demonstrações de afeto.

Quando pensamos em **tipos de encontro**, automaticamente a nossa mente nos trai, e traz lembranças de encontros presenciais, mas esta categoria também é dividida entre presencial e *on-line*, como trata no capítulo 2:

As tecnologias digitais vêm alterando a forma como as pessoas interagem, inibindo a interação física e gerando um comodismo. Isso pode causar problemas sociais, como separação do convívio social, solidão e depressão. (SILVA, 2017, p.92).

Para delinear os encontros presenciais sugerimos que o entrevistado descrevesse sua rotina: “Descreva como era tua rotina antes da pandemia e o isolamento social os relacionamentos familiares, trabalho, faculdade. Como se comunicavam para manter essas relações?”. Assim, buscando retorno quanto a um segundo **objetivo específico** desta pesquisa, de discutir como a pandemia alterou a rotina das pessoas. Em contraponto, para entender como ficaram estes encontros no mundo virtual, questionou-se: “Tu costumava fazer uso de algum meio digital para manter contato com as pessoas?” E nesta mesma linha de pensamento, trouxemos a *frequência da realização dos encontros presenciais e on-line*: “Onde gostava de ir, como e com que frequência eram realizados os encontros?”, e ainda para o online repetíamos uma pergunta feita anteriormente, porém dependendo da resposta do entrevistado, havia uma ‘sub pergunta’, “Tu costumava fazer uso de algum meio digital para manter contato com as pessoas? *Se sim, quais?*”.

Quanto às **plataformas utilizadas**, queríamos entender melhor a dinâmica de como as plataformas digitais, já utilizadas pelos entrevistados, tinham se moldado dentro da pandemia: “Sempre utilizou as ferramentas que usa hoje com o mesmo intuito? Ou se moldou com o passar dos anos?”

Para finalizar, após conseguir extrair informações dos entrevistados se são, ou não, afetuosos, entender como eram as suas rotinas, a frequência com que as atividades que exerciam eram executadas e entender quais plataformas digitais se enquadravam em suas rotinas, chegamos a categoria **adaptação as novas ferramentas**, que trouxe para a pesquisa, a pergunta mais importante: “Quais são as tuas percepções sobre estas ferramentas nas relações familiar, profissional e estudantil? Elas aproximam e dão conta de manter e expressar os afetos?”. De antemão, posso garantir que no geral dos entrevistados, este foi o questionamento

que mais gerou respostas com duplo significado. A partir destas respostas, encontramos recortes importantes para podermos analisarmos melhor os objetivos específicos, de investigar a adaptação dos grupos às plataformas de videoconferência e redes sociais na hora de efetuar a comunicação no ambiente de trabalho, familiar e social, e também, identificar se há instabilidade emocional nos relacionamentos mantidos através de plataformas digitais e que tipos de relacionamentos são constituídos a partir de laços digitais.

Esclarecidas as intenções das categorias elencadas, a seguir vamos observar os recortes de maior relevância das entrevistas, com comentários da autora para melhor entendimento, a fim de elucidar o exposto acima.

5.2.1 Perfil Comunicativo/Afetivo

Nesta categoria, as respostas foram variadas. Os entrevistados geralmente classificavam o seu perfil afetivo ou não dependendo do contexto inserido e de quais pessoas envolviam nesta afetividade, como por exemplo, o Empresário 1, que afirma não ser afetivo de forma tradicional (que envolva a questão do toque): *“Não me considero uma pessoa afetiva, pelo menos não no sentido da demonstração, da afetividade da forma tradicional né”*. Enquanto o Universitário 1, que afirma ser uma pessoa afetiva apenas com um pequeno grupo seletivo: *“Eu não me considero uma pessoa muito expressiva, quando eu tô com poucas pessoas e quando eu digo poucas pessoas, eu digo uma ou duas, aí eu me considero uma pessoa carinhosa, mas não quando tem muitas pessoas em volta.”* Para esclarecer, apontamos os seguintes recortes referente ao mesmo questionamento:

5.2.1.1 Afetividade Geral

Com os recortes apresentados neste item, conseguimos fazer um paralelo interessante com o que expomos nesta pesquisa no capítulo 2,

Dessa maneira, o amor romântico seria historicamente concebido e incentivado, além de culturalmente imposto. Esse ideal do amor bem-sucedido já não encontra suporte suficiente na “realidade afetiva” dos sujeitos pós-modernos; vários são os impasses culturais para que ele não mais se sustente da forma como era [...] (CASADORE; HASHIMOTO, 2012, p. 194)

A sociedade pós-moderna, a qual os entrevistados se enquadram, tem uma característica interessante quanto a suas demonstrações de afeto. Não que eles não sejam afetuosos, mas de uma forma mais reservada, e arrisco a dizer que de forma mais intensa, já que preferem conversas mais profundas, o que o que na civilização anterior a sociedade pós-moderna, conexões mais profundas com outras pessoas se dava basicamente entre familiares, e não em um âmbito geral de suas relações como acontece hoje com os entrevistados, conforme Quadro 7.

Quadro 7 – Respostas dos entrevistados

Entrevistado	Recorte/Resposta Destaque
Empresário 2:	<i>“Bah! Eu acho que eu sou mais reservada, porque ninguém sabe se eu tô mal, se eu não tô. [...] Com as pessoas que eu gosto, eu sou um pouco mais afetuosa, eu abraço, mas com quem eu não conheço não é bem difícil.”</i>
Universitário 2:	<p><i>“Eu acho legal citar o antes da pandemia, porque eu antes da pandemia sempre fui uma pessoa com um problema muito sério em relação ao toque. Então, sei lá, às vezes eu tinha crise de pânico dentro do trem porque uma pessoa tocou em mim, essa pessoa era estranha e na minha cabeça eu não permitia que ela encostasse em mim.”</i></p> <p><i>“Eu sempre tive muito problema em relação ao toque e a questão de ambientes muito cheios, e enfim, sempre foram problemas nesse sentido antes da pandemia. [...] Então até nas chamadas eu sinto que eu converso muito mais do que eu conversaria presencialmente, tenho uma necessidade de atenção nesse sentido de conversar, porque é o mínimo do contato físico que tá tendo nesse período sabe.”</i></p>
Familiar 1:	<i>“Então, eu me considero uma pessoa muito carinhosa né, não em todos os momentos na verdade, mas de maneira geral me considero uma pessoa bem carinhosa.”</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Quanto aos sentimentos e pensamentos expostos em plataformas digitais, tivemos uma divergência de respostas interessantes, como podemos observar através dos recortes conforme o Quadro 8:

Quadro 8 – Respostas dos entrevistados

Entrevistado	Recorte/Resposta Destaque
Empresário 1:	<i>“[...] aos meus sentimentos eu sou mais reservado, eu até posso manifestar eles numa conversa, em uma conversa mais profunda com sinceridade eu vou manifestar para você, mas eu sempre acho que o sentimento tem que ser manifestado a quem é interessante se manifestar e não a todo mundo, então as minhas redes sociais elas não vão conter muito desse sentimento.”</i>
Universitário 2:	<i>“Eu comecei com um projeto na metade do ano passado, eu queria fazer já faz um tempo. Que seria criar um Instagram mais profissional, iria divulgar mais trabalhos meus. [...]. E ao longo desse processo eu comecei a sentir necessidade de botar mais eu, no sentido de dar conselhos e coisas que eu até brinco no meu próprio Instagram, tipo “o Universitário 2 do presente falando para Universitário 2 do Futuro”, e eu acabo expressando muitas coisas que ficaram mais intensificadas com a pandemia, tanto profissional quanto educacional. [...] Enfim, eu até acho que sim, eu acabei utilizando bastante o Instagram para abordar coisas que eu sinto, principalmente profissionais, e acaba relacionando com a área de educação que tu estuda”.</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Enquanto o Empresário 1 reforça a questão de expressar seus sentimentos a poucas pessoas, e que de fato, sejam relevantes para ambos, o Universitário 2, traz um contraponto importante, enfatizando que talvez mais pessoas, que não se tenha o conhecimento da existência, estejam passando pelas mesmas situações e gostariam de entender melhor este momento. Conforme elucidamos no capítulo 2,

Silva (2017, p. 92) corrobora, “[...] para preencher o vazio deixado pelo isolamento social, apegam-se às redes sociais, porque lhes dão a impressão de que nunca estão sós e infelizes, via amigos virtuais e compartilhamentos de informações”.

Com a pandemia e o isolamento social como medida preventiva contra a transmissão do coronavírus, esta dinâmica se amplia, pois quando deixamos para fazer estas conexões de forma presencial, não o conseguimos executar, devido às restrições. Sendo assim a internet, mais do que nunca, na atualidade, tem este papel fundamental de manter os afetos.

5.2.2 Tipos de Encontros

Quando falamos em tipos de encontros, também queríamos entender como se deu a dinâmica antes e durante a pandemia, como que ficaram estes encontros afetivos, estudantis e empresariais após o isolamento social. Para ilustrar, apontamos os seguintes recortes:

5.2.2.1 Presenciais

Em linhas gerais, os encontros presenciais que aconteciam antes da pandemia foram expostos como encontros comuns, rotina do cotidiano de estudos, trabalho e casa, como podemos analisar nos recortes abaixo conforme o Quadro 9:

Quadro 9 – Respostas dos entrevistados

Entrevistado	Recorte/Resposta Destaque
Empresário 1:	<i>“[...] minha rotina era basicamente trabalho no horário formal de segunda à sexta das 8 horas ao meio-dia e das 13h15min às 18h03min. [...] em termos de trabalho o impacto teve algumas questões de home office, aí a equipe teve que ir para home office né. Antes tinha sempre presencial, eu ia para São Leopoldo uma duas vezes por</i>
	<i>semana conforme a demanda de reuniões e com uma pandemia isso cessou.”</i>

Universitário 1:	<i>“Então antes da pandemia eu tinha a mesma rotina que eu tenho hoje, porque eu ainda trabalho presencialmente. Então antigamente eu acordava um pouco mais cedo, tomava café, me arrumava e vinha trabalhar, aí eu ia a pé da minha casa até o trem pra ir trabalhar e os dias que tinha aula eu ia direto para Unisinos depois do trabalho e daí depois eu voltava para casa dormia. Nos dias em que eu não tinha aula eu ia direto depois do trabalho para casa e ficava vendo séries, enfim sempre fazendo alguma coisa em casa, não saía para academia nem nada.”</i>
Familiar 1:	<i>“Geralmente, quando saíamos, era para alguma atividade em volta do meu irmão tipo assim, missa por causa da catequese, jogo por causa da escolinha sabe, coisas assim, e encontros familiares mesmo, tipo aniversário de alguém, churrasco na vó, e por aí vai”.</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

5.2.2.2 On-line

Quando migramos para os encontros de forma online, começam a surgir às plataformas que os entrevistados utilizam para manter este contato, e diferente dos tipos de contato presencial, neste item começaram a ficar restritas as formas de encontro, como podemos observar no quadro a seguir. Importante ressaltar que, ambos, entrevistados citaram o WhatsApp, como uma das ferramentas utilizadas, se não, a principal. Segundo o Quadro 10:

Quadro 10 – Respostas dos entrevistados

Entrevistado	Recorte/Resposta Destaque
Empresário 1:	<i>“Em termos de família a gente usa o Whats e o Facebook [...] Em termos de equipe, a gente trabalha muito com o Skype”</i>

Empresário 2:	<i>“Então, ultimamente eu uso mais o Instagram mesmo, como contato com o cliente direto, mas no Whats eles falam muito, porque eu tenho bastante cliente que é só no Whats, que eles não tem Instagram.”</i>
Universitário 2:	<i>“Olha, eu diria que 80% está dentro do WhatsApp [...] eu fico mandando TikTok, é uma forma de expressar meus sentimentos digamos assim,”</i>
Familiar 1:	<i>“[...] o grupo de WhatsApp da família sempre existiu né, então de certa forma já era uma coisa que tava ali na rotina digamos assim, a chamada de vídeo era algo legal [...]”</i>
Familiar 2:	<i>“É muito difícil porque a nossa família é muito grudada, muito apegada, uma janta, um almoço, já é motivo de estar todo mundo lá, todo mundo junto e reunido né, e isso modificou bastante. [...] Whats e Instagram eu acho que sempre foram as plataformas que eu mais usei, mais o Whats até do que o Instagram.”</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

A partir das respostas, os entrevistados usam muito das plataformas e procuram usar uma para cada relação. E pode-se dizer que, a partir das respostas para essa questão, profissionalmente as plataformas não causaram tanto impacto, mas nas relações familiares, presencialidade é condição para a expressão do afeto, como trata Martino no capítulo 3: “[...] A troca de mensagens de texto ou chamadas via celular possibilitou contatos mais frequentes entre os pesquisados, mas isso não significou necessariamente uma melhora na comunicação.” (MARTINO, 2014, p. 133).

Assim, podemos confirmar o que apresentamos no referencial teórico, em que a proximidade física, seja ela, conversar olhando nos olhos, escutar o timbre real da voz do outro, sentir seu cheiro, ainda são necessários para a manutenção das relações afetivas.

5.2.2.3 Frequência da Realização dos Encontros

Assim como os tipos de encontro, a frequência destes também não se manteve

da mesma forma como era antes da pandemia. Neste item ainda, fazemos um recorte diferente para as categorias presencial e online. O que podemos observar, primeiramente, é que a frequência dos encontros presenciais diminuiu consideravelmente, enquanto houve um aumento nos encontros online. Entretanto, não na mesma proporção que os encontros presenciais aconteciam. Para explicar, apontamos os seguintes recortes:

5.2.3.1 Presenciais

Para alguns entrevistados a dinâmica não se alterou muito, como é o caso do *Universitário 1* e o *Universitário 2*. Assim, podemos apontar que, para o núcleo universitário a frequência de encontros presenciais, se manteve da mesma forma. Quanto ao núcleo familiar, podemos observar que a frequência de visitas houve uma diminuição no *Familiar 2*, conforme o Quadro 11:

Quadro 11 – Respostas dos entrevistados

Entrevistado	Recorte/Resposta Destaque
Empresário 1:	<p><i>“Antes tinha sempre presencial, eu ia para São Leopoldo uma duas vezes por semana conforme a demanda de reuniões e com uma pandemia isso cessou. [...] as conversas eram mais virtuais, ficou muito por Skype também. Agora a gente tem parte da equipe presencial e parte da equipe ainda em home office, mas a gente já começou a visitar um pouco mais, tendo um pouco mais de presença nos clientes, embora ainda tenha alguns clientes que não nos recebem ou que evitam ao máximo possível nos receber, então esses seguem online.”</i></p>
Universitário 1:	<p><i>“Então antes da pandemia eu tinha a mesma rotina que eu tenho hoje, porque eu ainda trabalho presencialmente.”</i> <i>Quanto a família o entrevistado complementa: “Com a</i></p>

	<p><i>minha família sempre manteve a comunicação presencial, algumas vezes acontecia pelo whats mas não era muito frequente, na faculdade eu sempre usei muito whats pra poder me comunicar com o pessoal ou para saber onde eles estão ou para saber coisas de trabalho em grupo, então acabava vendo eles só durante a aula presencialmente depois todo o resto do tempo eu usava o whats.”</i></p>
Universitário 2:	<p><i>“Em termos de grupos eu sinto que tinha aquele contato dentro da sala de aula, a gente tinha que formar o grupo, então formava, mas eu sinto que em termos de WhatsApp não mudou sabe, porque a gente ia reunir o grupo ali, e aí vai, faz um grupo no WhatsApp, e aí a maioria não queria fazer o trabalho na aula, obviamente, e aí todo mundo ia para o bar beber. Depois no meio da semana mandava uma mensagem no WhatsApp no grupo tipo “tá e aí? A gente vai fazer o quê?” Fulano faz tal coisa, ciclano isso e aquilo. Eu sinto que em termos de trabalho, eu senti mais dificuldade na pandemia para apresentar trabalho em grupo, não de fazer o trabalho para ser entregue, mas de organizar as apresentações, e todo mundo tem que falar esse organizar, e saber o que cada um vai falar, porque o presencial nesse sentido era mais fácil de determinar a tarefa de cada um.”</i></p>
Familiar 2:	<p><i>:“Minha família sempre foi de se reunir quase todo dia na casa do vô e da vô. [...] É muito difícil porque a nossa família é muito grudada, muito apegada, uma janta, um almoço, já é motivo de estar todo mundo lá, todo mundo junto e reunido né, e isso modificou bastante.”</i></p> <p><i>:“Em relação aos amigos também... Foi uma das coisas que mais mudou, não vou te dizer que nossa eu nunca fureia pandemia, e não encontrei nenhum amigo meu porque eu estaria mentindo. Todo mundo fez isso, mas antes disso a</i></p>

	<p><i>gente se juntava muito mais e saía para lugares, para comer, hamburgueria, shopping, cinema. Tenho sentido tanta falta de ir ao cinema, pelo menos uma vez por mês a gente ia ao cinema sabe.”</i></p>
--	--

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Abordamos no capítulo 3 que:

O contexto do isolamento físico, vivenciado nesses tempos de Covid19, demanda aprendizagens novas: lidar com o afastamento das pessoas, de amigos(as) e familiares; trabalhar remotamente; estar em casa na maior parte do tempo; higienizar tudo o que entra em nossas casas; utilizar álcool em gel e máscaras de proteção individual, entre tantas outras aprendizagens cotidianas que o atual contexto tem exigido. (JUNIOR; FÉLIX; COUTO, 2020, p.19).

Com isto, podemos observar que o âmbito universitário, o qual antes da pandemia já haviam encontros mais espaçados dado a metodologia de ensino abordada nas universidades, não se alterou tanto. Já nos encontros mais diários, como no trabalho e família, isto teve um grande impacto.

5.2.3.2 On-line

A frequência dos encontros online teve um aumento considerável, entretanto, alguns depoimentos apontam que as intensidades desses encontros enfraqueceram, conforme Universitário 1: “[...] *Eu acho que não se intensificou, eu acho que se manteve a mesma quantidade eu via eles com uma certa frequência aos finais de semana e a sua frequência agora diminuiu.*”

Neste item não conseguimos fazer muitos recortes relevantes, pois as respostas estão inseridas em um contexto geral das entrevistas, como podemos analisar na íntegra em anexos.

5.2.3.2 Plataformas Utilizadas

Quando questionados referente às plataformas que utilizam e se o seu uso se moldou com o passar do tempo, em unânime, foram citadas as plataformas: *Instagram, Facebook e WhatsApp*, a qual eles utilizam. Plataformas relativamente,

antigas neste âmbito. Uma plataforma que apareceu com certa recorrência e é nova, e que assim como a Covid-19 viralizou, foi o *TikTok*.

Para esclarecer, apontamos os seguintes recortes conforme o Quadro 12:

Quadro 12 – Respostas dos entrevistados

Entrevistado	Recorte/Resposta Destaque
Empresário 1:	<p><i>“YouTube na verdade sempre usei com o mesmo intuito que na verdade são dois ou é aprendizado ou é lazer [...] O Facebook talvez tenha se modificado um pouco, porque antes não havia outras redes sociais. Então saí do Orkut para o Facebook e aí era uma coisa mais família e como o Facebook foi se tornando uma plataforma de discussão intensa sobre qualquer assunto, às vezes eu entro para acompanhar, mas talvez até a redução do uso do Facebook, hoje em termos de postagem da minha parte é um pouco, porque eu não quero entrar em discussão de nada, não estamos aqui para discutir. [...] Já o Instagram veio com o mesmo uso desde sempre e o TikTok ainda é um moço muito recente, mas o meu uso é só para consumo, não produzo conteúdo.”</i></p>
Universitário 1:	<p><i>“Não. Eu acho que todas eu sempre usei com o mesmo intuito, até porque algumas são bem recentes. O Instagram atualmente é uma plataforma de relacionamento, mas eu sempre usei mais para interagir com as pessoas que eu conheço, eu nunca fui de seguir pessoas que eu não conheço, mais para se relacionar com o meu ciclo social. O Facebook também sempre usei muito para ver coisas mais aleatórias, o Teams eu só uso para para coisas de estudos, uso o Discord para falar com os meus”</i></p>
Familiar 1:	<p><i>“Google Meet sim, sempre foi utilizado com o intuito de conectar alguém, mas recentemente eu acabei usando para falar com alguns amigos meu, que estão mais distante e tal, mas sempre foi com esse intuito de se reunir. A</i></p>

	<p><i>principal ferramenta que mudou a utilidade foi o Whats,só porque antigamente quando eu trabalhava na agência a gente tinha outro aplicativo para controlar as interações,e ver sobre a equipe de trabalho e tal, e o que precisava ser feito com clientes e tal. Geralmente era feito via e-mailou as reuniões, aí eu tinha um pavor de usar o WhatsApp para trabalho”.</i></p> <p><i>“[...]e na empresa que eu trabalho hoje o WhatsApp é ferramenta de interação de trabalho, então por exemplo, eu acho que hoje eu devo estar no mínimo entre, sei lá, uns 25 grupos de trabalho, fora as conversas que tu tem com as pessoas mais específicas né, então hoje em dia deixo meu WhatsApp aberto né.”</i></p>
Familiar 2:	<p><i>“Eu acho que com o passar dos anos se moldou, a partir do momento que eu comecei a trabalhar com unhas foi quando eu mudei, eu comecei a postar mais sobre meu trabalho e compartilhar publicações sobre coisas relacionadas ao que eu faço. Eu tenho meu Insta pessoal e tenho meu Insta do trabalho que compartilho as coisas,pouca coisa no Facebook eu uso bem mais o Instagram.”</i></p>

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

5.2.3 Adaptação as Novas Ferramentas

Ao finalizar as entrevistas, os participantes foram questionados quanto a adaptação deles a estas novas plataformas digitais para manter o contato com suas relações afetivas, sejam elas de cunho profissional, educativo ou familiar, e se estas ferramentas satisfaziam ou substituíam o contato presencial. As respostas que obtivemos foi praticamente unânime: As plataformas digitais, não substituem o contato físico presencial.

Para ilustrar, apontamos os seguintes recortes conforme Quadro 13:

Quadro 13 – Respostas dos entrevistados

Entrevistado	Recorte/Resposta Destaque
Empresário 1:	<p><i>“Não, de forma alguma! Eu acho que elas auxiliam, como dizem, no processo de entrega fria, mas não no processo de relacionamento eu acho. Inclusive acho que elas esfriam algumas coisas de relacionamento”.</i></p> <p><i>“Então essas plataformas de intermediação, elas auxiliam no processo profissional, de ter feito ou não feito, fiz não fiz, mas não na profundidade de relacionamento e não na forma de aproximar as pessoas, a gente consegue fazer o que precisa fazer, mas não desenvolver vínculos e isso eu acho que de todas as plataformas que eu citei nenhuma delas consegue fazer isso.”</i></p>
Empresário 2:	<p><i>“Bah! Eu acho que não, que nada como tu tá ali no lugar, sentindo o cheiro do ambiente, vendo como a pessoa é, como a pessoa fala contigo. A gente tenta... Os clientes elogiam, falam que percebem que a gente faz com vontade as coisas, eu recebo bastante elogio, sabe é bom... Só que ali pessoalmente o jeito que tu fala para o cliente do teu trabalho, tu mostra o teu trabalho, é muito melhor.”</i></p>
Universitário 1:	<p><i>“Eu acho que elas cumprem o objetivo delas, acho que nenhuma delas supre a parte presencial, mas eu acho que todas elas atendem às necessidades então para o teams eu acho uma boa plataforma, ótima para estudo. Acho que o moodle é uma plataforma que entrega o necessário para conseguir entregar a parte de materiais de apoio da aula, trabalhos, enfim eu acho tudo isso bem completo.”</i></p>
Universitário 2:	<p><i>“Eu acho bem difícil de responder essa pergunta na real, porque eu acho que elas aproximam, mas elas também te deixam doente. [...] Eu acho que tipo a gente vê muito conteúdo no Instagram e no Tik Tok meio que te força a</i></p>

	<i>tua estar bem, tipo você tem que estar bem, você tem que estar feliz, você tem que estar produzindo, você tem que estar sendo criativo 24 horas por dia”, e ainda complementa: “Em termos de profissão eu acho que é bomné, só tu ver que o Zuckerberg tira uma parte de postagem lá embaixo do Instagram e colocou para compra, porque se o ápice do negócio tu já vê que a própria plataforma mudou porque ela não tá mais interessada em saber da sua vida, ela quer saber de comprar, então assim, os profissionais cresceram bastante na questão de demanda”.</i>
Familiar 1:	<i>“Olha eu diria que são boas ferramentas complementares, digamos assim, mas que não acho que seja algo que substitua ou que possa suprir a falta do contato sabe, é uma boa alternativa digamos assim, mas o contato alipresencial, conversar com a pessoa olho no olho, abraçare tudo mais, acho que isso não tem comparação, mas né, até lá eu acho que é uma boa saída.”</i>
Familiar 2:	<i>“Eu acho que supre um pouco sim, porque, por exemplo, hoje quando mandei mensagem para o meu afilhado... Escutar o áudio dele me agradecendo e dizendo “ai dinda eu te amo”, esquento o coração da gente, é muito bom.”</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Interessante ressaltar que nesta altura da entrevista e com este questionamento, houve certas respiradas fundas e olhares profundos ao responder, pois de fato é uma questão que envolve muitos fatores importantes na vida dos entrevistados. Como trata no capítulo 3, a autora Recuero (2004), “Acomunicação mediada por computador pode ser muito eficiente no estabelecimento de laços sociais porque facilita sua manutenção.” (RECUERO, 2004, p. 19). Entretanto, como aponta os recortes dos entrevistados ela não consegue fazer uma substituição a mesmo nível de que encontros presenciais.

Ainda no capítulo 3, conseguimos observar o que o Universitário 2 traz quanto a questão das plataformas digitais deixar as pessoas doentes:

Estes aparelhos equipados com internet, são capazes de nos levar às mais

diversas plataformas de interação social, além de ter um grande poder de impactar a vida psicológica e, pior ainda, o comportamento de cada indivíduo. Algo que era intangível há alguns anos, de se fazer de forma rápida e imperceptível, hoje conseguimos realizar tranquilamente, conseguimos enviar um e-mail ou sms, enquanto estamos em reuniões, funerais, cinema... Isso tudo acarreta em problemas na forma em como nos relacionamos com os outros e com nós mesmos. (TURKLE, 2012).

Com isto, neste item podemos dizer que apesar das diversas plataformas que já existiam, e com o aperfeiçoamento delas e surgimento das novas plataformas, nada consegue substituir o contato presencial para os entrevistados desta pesquisa.

5.3 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao iniciar a elaboração desta pesquisa, mais especificamente o roteiro de perguntas para as entrevistas, muitas eram as hipóteses levantadas das possíveis respostas. A autora deste trabalho acreditava que não se conseguiria encontrar respostas em profundidade, que os entrevistados teriam apenas pontos de vista extremos das situações, como por exemplo: “Sim, gosto do método do home office e não sou uma pessoa afetiva”, ou ainda, “Me afastei de todo contato e convívio social e utilizo apenas as plataformas digitais para comprar suprimentos em tempo de pandemia”. Ao aplicar o roteiro de perguntas aos entrevistados, os retornos que obtivemos foram bem ao contrário do que se acreditava que iríamos receber.

Nota-se a partir deste instante, que os entrevistados estão com certa demanda reprimida de atenção e troca de interação com outras pessoas, vamos assim colocar, e isto fez com que as entrevistas que estavam com programação para durarem em torno de 20 a 30 minutos cada, acabou se estendendo para conversas de em torno de 40 a 50 minutos.

O receio inicial que se tinha referente ao conteúdo que viriam destas entrevistas, acaba-se por dissipar, conforme podemos ver acompanhado no Quadro 13.

Quadro 13 - Síntese da Análise

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	PLATAFORMA S/ FREQUÊNCIA	RESPOSTA EM EVIDÊNCIA
Perfil Comunicativo/Afetivo	Afetividade Geral	Afetivos com pessoas que já tenham intimidade	“gosto de Abraçar meus amigos, eu me considero bem afetuoso com eles”
	Sentimentos <i>On-line</i>	Expressam pouco ou expressam não	“eu não tenho por hábito expor as minhas emoções”
Tipos de Encontros	Presenciais	Reuniões familiares, <i>happy hours...</i>	“nossa famíliaÉ muito grudada, muito apegada, uma janta, um almoço, já é motivo de estar todo mundo lá”
	On-line	Videochamadas, troca de mensagens	“Olha eu acho que o grupo de WhatsApp da família sempre existiu né,então de certa forma já era uma coisa que tava ali na rotina digamos assim, a chamada de vídeo”
Frequência da Realização dos Encontros	Presenciais	Semanais	“bom salientar que eu fazia duas viagens né, duas vezes na semana era para ir para Unisinos, e três vezes na semana era para o Senac”

	On-line	Não tem espaço de tempo definido, mas ficou nítido que ficou com um espaçamento maior	“as vezes a gente fazer videochamada na família, sempre que tem alguma data e alguém vai lá nos meus avós, ligam e colocam lá o pessoal pra falar com todo mundo.”
Plataformas Utilizadas	Comunicativo/ Laser	Whats, Insta, Facebook, Google Meet, Skype, Teams, Zoom.	“Eu diria que quase tudo do Google, Googl e Meet, Google Drive, Gmail, Google Docs, Zoom”
Adaptação às Novas Ferramentas	Proximidade dos Afetos	Houve modificação considerável.	“Eu acho que elas são ferramentas que auxiliam, mas elas não conseguem completar, elas não substituem e eu acho que esse é um termo importante.”

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Além dos apontamentos afetivos, expostos no quadro anterior, creio que seja interessante ressaltar que unanimemente os entrevistados trouxeram a utilização da plataforma do *WhatsApp*, como seu uso mais recorrente.

O mais interessante de observar todos estes apontamentos e relatos expostos na pesquisa, é perceber que, apesar da diferença de observância de núcleo, formação acadêmica, gênero, localização, área de atuação remuneradae demais, a maioria dos entrevistados apresentam similaridade no traço comportamental. Comportamento este, que também segundo as entrevistas, foi modificado devido à pandemia do coronavírus, conforme vimos no capítulo 2 “[...]a comunicação não está restrita

somente na verbal, mas na não verbal, ou seja, uma série de gestos, de expressões faciais e corporais que completam a conversação e a torna mais eficaz. (MANTOVANI, RIBEIRO, 2018, p.1), e quando essa forma de se comunicar foi alterada, o comportamento do usuário também se modifica.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ano de 2020 foi um divisor de águas na vida da população mundial. Nem nas melhores ficções cinematográficas conseguiu-se relatar algo que chegasse perto do similar ao que vivemos verdadeiramente desde então. A Covid-19, não alterou apenas o número de habitantes mundial, da taxa de natalidade e mortalidade, ela mexeu com os mais diversos setores possíveis: industrial, comercial, estudantil, familiar, entre outros. Do dia para a noite migramos tudo para o digital: trabalhos, relações afetivas, formas de contato e etc. E tudo isso, testemunhado em tempo real.

Quando começamos esta pesquisa, acreditávamos que as plataformas digitais estavam afetando negativamente os relacionamentos afetivos. A partir deste momento, podemos começar a analisar com outro olhar as novas concepções que estão nos sendo propostas através de um momento inigualável na história mundial.

A situação-problema deste estudo buscou entender de que forma se configuram os relacionamentos afetivos a partir de interações em plataformas digitais durante a pandemia, e para chegarmos à resposta deste questionamento elencamos alguns objetivos de pesquisa para tratar ao longo deste trabalho.

Através de uma pesquisa de cunho qualitativo, com aplicação de entrevistas em profundidade, aplicando a categorização das respostas, conforme vimos no capítulo 5, conseguimos alcançar os objetivos de pesquisa em sua grande maioria. Conseguimos entender que a adaptação dos entrevistados com as plataformas de videoconferência e redes sociais, se deu de uma forma natural quanto ao âmbito universitário e empresarial, pois já eram meios de comunicação comuns para os núcleos, infelizmente, o núcleo familiar teve uma resistência maior a esta adaptação. Quanto ao movimento que a pandemia proporcionou na rotina dos entrevistados, também conseguimos entender que principalmente nos entrevistados com filhos, esta rotina se alterou com maior intensidade, do que o restante dos entrevistados. Nesta alteração de rotina, em que todos os entrevistados tiveram devido a pandemia, conseguimos perceber a alteração do modo das demonstrações de afeto, já que o isolamento social fez com que houvesse esta adaptação forçada. Por fim, o objetivo específico de pesquisa que mais queríamos entender, e tínhamos receio, de não alcançá-lo, se tornou o mais simples de identificar. A instabilidade emocional mantidas nos relacionamentos afetivos mediados por plataformas digitais é tão intenso, que é praticamente palpável, as relações que são constituídas e mantidas através de laços

digitais não têm uma conexão tão forte.

Como resultados, conseguimos identificar que os relacionamentos afetivos encontram dificuldades em manter suas relações on-line, eles precisam se nutrir de outros fatores importantes, como toque, cheiros, timbre de voz, expressões corporais, para poder se manter intenso. Dessa forma, o uso das plataformas digitais, para manter as conexões, não são o suficiente e não substituem o contato presencial, mas se pode dizer que a pandemia trouxe uma mudança de hábitos que vem fortemente sendo aceita pela sociedade.

Apesar de esta pesquisa estar sendo desenvolvida em meio a pandemia, já experimentamos o isolamento social de nós mesmos há tempos. Não sabemos ficar só, procuramos outras pessoas para suprir isso e acabamos querendo nos encontrar nessas pessoas e acabamos não apreciando quem esta pessoa é de fato.

É importante ressaltar que a atual pesquisa, não relata respostas e nem conclusões fechadas, mas é um bom gancho para a continuação futura desta pesquisa, uma abertura a futuras propostas para maior entendimento sobre o tema abordado. Mesmo que as respostas obtidas através dos entrevistados possam sofrer alterações a qualquer instante, esta pesquisa serve como ponte para um estudo, mais aprofundado quando todo este período estiver finalizado e puder se entender por completo como a dinâmica se desenvolveu.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Paulo. **Zoom Meetings**: como funciona o site para videoconferência. TechTudo. Globo.com. 2020. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2020/01/zoom-meetings-como-funciona-o-site-para-videoconferencia.ghtml>>. Acesso em: 28 maio 2021.
- BARBOSA, Adriana Silva et al. **Relações Humanas e Privacidade na Internet**: implicações Bioéticas. Revista de Bioética y Derecho, n. 30, 2014, p. 109-124. Disponível em: <<https://scielo.isciii.es/pdf/bioetica/n30/original7.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2020.
- BARBOSA, Christian. **Tríade do Tempo**. GMT Editores Ltda. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Presses Universitaires de France, 1977.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BERTRAND, Philippe. **A origem do amor como ideal romântico e o fim do romance nos tempos de hoje**. Meio&mensagem, 2012. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/comunicacao/ponto_de_vista_comunicacao/2012/05/02/a-origem-do-amor-como-ideal-romantico-e-o-fim-do-romance-nos-tempos-de-hoje.html>. Acesso em 4 abr. 2021.
- BRASIL. Organização Pan-Americana da Saúde. Escritório Regional para as Américas da Organização Mundial da Saúde. Folha informativa sobre COVID-19. Brasília, Distrito Federal, [2021?]. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19>>. Acesso em: 28 maio 2021.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Impactos sociais, econômicos, culturais e políticos da pandemia. Fundação Oswaldo Cruz: Fiocruz, [2021?]. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/impactos-sociaishttps://portal.fiocruz.br/impactos-sociais-economicos-culturais-e-politicos-da-pandemia#:~:TEXT=A%20PANDEMIA%20DE%20COVID%2D19,NA%20HIST%C3%B3RIA%20RECENTE%20DAS%20EPIDEMIAS>>. Acesso em: 29 maio 2021.
- BRITO, Edivaldo. Nimbus Screenshot: capture, edite e salve páginas do Chrome e Firefox. **Techtudo**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/nimbus-screenshot.html>>. Acesso em: 25 maio 2021.
- CARVALHO, André et al. **Discursos de ódio nas redes digitais e a instauração do “tribunal” virtual**. Intercom. 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Joinville - SC, 2018. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0883-1.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2020.

CASADORE, Marcos Mariani; HASHIMOTO, Francisco. **Reflexões sobre o estabelecimento de vínculos afetivos interpessoais na atualidade**. Rev. Mal-EstarSubj, v.12, n.1-2 Fortaleza, jun. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482012000100007>. Acesso em: 21 mar. 2021.

CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo. **A sociedade em rede do conhecimento à ação política**. Creative Commons Attribution- NonCommercial-NoDerivs. 2005. Disponível em: http://www.academia.edu/download/35720733/05_A_Sociedade_em_Rede.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2019.

COGONI, Ronaldo. O que é streaming? [Netflix, Spotify, mais o que?]. **Tecnoblog**, 2019. Disponível em: <https://tecnoblog.net/290028/o-que-e-streaming/>. Acesso em: 31 maio 2021.

DIA dos namorados é a data que mais movimentava bares e restaurantes. ACICO - Associação Comercial, Industrial e Agrícola de Conchal. Conchal - SP, [2020?]. Disponível em: <https://www.aciconchal.com.br/blog-leitura/dia-dos-namorados-e-a-data-que-mais-movimenta-bares-e-restaurantes>>. Acesso em: 30 maio 2020.

DIA dos Namorados vai injetar R\$ 15,6 bilhões no varejo nacional. Jornal do Comércio, Porto Alegre, 2018. Disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/economia/2018/06/631514-dia-dos-namorados-vai-injetar-r-15-6-bilhoes-no-varejo-nacional.html>. Acesso em: 30 maio 2020.

DUARTE, Jorge. **Entrevista em profundidade**. In: BARROS, Antonio;DUARTE, Jorge. Métodos e Técnicas de Pesquisa em comunicação. São Paulo:Atlas, 2009.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

FABRO, Clara. **Como funciona o TikTok?** Saiba usar o aplicativo de vídeos. TechTudo. 2021. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/listas/2021/05/como-funciona-o-tiktok-saiba-usar-o-aplicativo-de-ideos.ghml>>. Acesso em: 25 maio 2021.

FEKI, Sherren El. Sexo no mundo árabe: Uma história pouco contada. Tradução Leonardo Silva. Brasil, 247, São Paulo, 2014-2020. Palestra no TED – Ideas Worth Spreading. Disponível em: <https://www.brasil247.com/oasis/sexo-no-mundo-arabe-uma-historia-pouco-contada>>. Acesso em: 30 maio 2020.

FERRAZ, Francisco. **Os conceito de ator e papel social**. Mundo da Política, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://mundodapolitica.com/os-conceitos-de-ator-e-papel-social/>>. Acesso em: 30 maio 2021.

FONSECA, Letícia. Estratégia Omnichannel: uma nova experiência de consumo. **Rockcontent**. Belo Horizonte, 2017. Disponível em:

<<https://rockcontent.com/br/blog/omnichannel/>>. Acesso em: 30 maio 2021.

GAYOTTO, Andréa Perdigão. Bebê mostra dor com linguagem corporal. **Folha de São Paulo**. Saúde, 30 jan. 2000. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff3001200010.htm>>. Acesso em: 2 jun. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

GORRESE, Gisela; JABLONSKI, Bernardo. **Da comunicação do afeto ao afetoda comunicação**: as cartas de fãs de telenovelas. Universidade São Marcos, São Paulo, Interações, v. VII, n. 14, jul-dez, 2002, pp. 35-58. Disponível em:

<<https://www.redalyc.org/pdf/354/35401403.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2021.

GRUPO ZAFFARI. Feliz dia das Mães. 1º maio 2021. Disponível em:

<https://www.facebook.com/watch/?v=196022459002578>. Acesso em:

GUEDES, Éllida Neiva. **Espaço público contemporâneo**: pluralidade de vozese interesses. Universidade Federal do Maranhão. Biblioteca *On-line* de Ciênciasda Comunicação, 2010. Disponível em: < <http://bocc.ubi.pt/pag/guedes-ellida-espaco-publico-contemporaneo.pdf>>Acesso em: 23 out. 2020.

HARADA, Eduardo. Guia de videoconferência: os softwares mais usados.

Tecmundo. 2020. Disponível em:<<https://www.tecmundo.com.br/produto/151410-guia-videoconferencia-softwares-usados.htm>>. Acesso em: 11 jun. 2021.

JUNIOR, Alcidesio Oliveira da Silva; FÉLIX, Jeane; COUTO, Edvaldo Souza. Amor, sexo e distância física: pedagogias do webnamoro na pandemia da Covid-19. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 58, n. 58, p.1-25, e-21741, out./dez. 2020. Disponível em:<<file:///C:/Users/Cliente/Downloads/21741-Texto%20do%20artigo-74347-1-10-20201016.pdf>>. Acesso em: 17 maio 2021.

JUNIOR, Charlie Brown. **Me Encontra**. Compositores: Chorão e Thiago. Álbumda letra: Camisa 10 joga bola até na chuva. 2009. Disponível em:

<https://analisedeletras.com.br/charlie-brown-jr/me-encontra/>>. Acesso em: 12 junho 2021.

KOENIGSBAUER, Kirk. **Apresentando o Microsoft Teams**, nova ferramenta do Office 365. Microsoft News Center Brasil. 2016. Disponível em: < <https://news.microsoft.com/pt-br/apresentando-o-microsoft-teams-nova-ferramenta-de-bate-papo-do-office-365/>>. Acesso em: 30 maio 2021.

LACERDA, Larissa. **20 canais de comunicação diferentes para que você possa estar em contato com seus leads e clientes**. Rockcontent, 2020. Disponível em:

<<https://rockcontent.com/br/blog/canais-de-comunicacao/>>.Acesso em: 31 maio 2021.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Coleção Trans, Editora 34 Ltda, 1999.

LINO, Wescley de Novaes; SARTI, Milena Maria. **Mídias sociais e a subjetividade em caracteres**. 2019. 11 f. Universidade da Beira Interior. Portugal, 2019. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/lino-sarti-2019-midias-sociais-subjetividade-caracteres.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2021.

LOPES, André. Zoom fatigue: o esgotamento provocado pelo excesso de videoconferências. *Veja*. 2020. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/tecnologia/zoom-fatigue-o-esgotamento-provocado-pelo-excesso-de-videoconferencias/>>. Acesso em: 28 maio 2021.

LUPINACCI, Ludmila. **Da minha sala pra sua**: Teorizando o fenômeno das lives em mídias sociais. London School of Economics and Political Science (LSE). Londres, Reino Unido, 2020. Disponível em: <<file:///C:/Users/Cliente/Downloads/2315.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2021.

MANTOVANI, Marcelo da Silva; RIBEIRO, Maria Celina da Piedade. A influenciada comunicação não verbal na interação humana. **Revista da Universidade**

Vale do Rio Verde. ISSN: 1517-0276 / EISSN: 2236-5362. v. 16, n. 2, 2018 <. Disponível em: <file:///C:/Users/Cliente/Downloads/4474-10951555-1-PB.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**: ciência e conhecimento científico, métodos científicos, teoria, hipóteses e variáveis. São Paulo: Atlas, 2008.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais**: linguagens, ambientes, redes. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 2014.

MASCARENHAS, Luisa. A vida virtual nunca foi tão humana como em tempos de Covid-19. **Veja Rio**. Rio de Janeiro, 2020. <Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/blog/luisa-mascarenhas/mundo-virtual-coronavirus/>>. Acesso em: 29 jun. 2020.

MICROSOFT adquire a Skype por US\$ 8,5 bilhões. G1. Globo.com. 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2011/05/microsoft-adquire-skype-por-us-85-bilhoes.html>>. Acesso em: 28 maio 2021.

MONTENEGRO, Oswaldo. **Metade**. Letras. 2003-2021. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/oswaldo-montenegro/72954/>>. Acesso em: 04 abr. 2021.

NEUMANN, Débora Martins Consteila; MISSEL, Rafaela Jarros. **Família digital**: a influência da tecnologia nas relações entre pais e filhos adolescentes. *Pensando famílias*. v.23, n.2, Porto Alegre, jul./dez. 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2019000200007>. Acesso em: 5 jun. 2021.

PEREIRA, Vinícius Andrade. **As Tecnologias de Comunicação como Gramáticas**: Meio, Conteúdo e Mensagem na obra de MashallMcLuhan. Tecnologias da Informação e da Comunicação, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da

Intercom, 2004. Disponível em:<<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/108094627659963391695151419725482765848.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2020.

QUAL a diferença de distanciamento social, isolamento e quarentena? TelessaudeRS. Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/telessauders/posts_coronavirus/qual-a-diferenca-de-distanciamento-social-isolamento-e-quarentena/>. Acesso e: 28 maio 2021.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Redes Sociais na Internet: Considerações Iniciais.** Núcleo de Pesquisa (NP-08) de Tecnologias da Comunicação e Informação do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da XXVII INTERCOM. Revista da associação Nacional dos programas de Pós-Graduação em comunicação. Porto Alegre - RS, 2004. Disponível em: <<http://e-compos.org.br/e-compos/article/view/28/29>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para discussão.** Santa Cruz do Sul: UNISC, 2009. Disponível em: <<http://www.academia.edu/download/14759510/artigoredesjornalismorecuero.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet.** 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

RICHARDSON, R. J. Pesquisa social: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

RODRIGUES, Lucas de Oliveira. **História do casamento.** Mundo Educação, São Paulo, [2020?]. Disponível em:<<https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/historia-casamento.htm>>. Acesso em: 30 maio 2020.

SCHUELER, Paulo. O que é uma pandemia. Bio-Manguinhos/Fiocruz. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em:<<https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia>>. Acesso em: 28 maio 2021.

SOBRE a Skype. O que é o Skype? Microsoft. [2021?]. Disponível em:<<https://www.skype.com/pt-br/about/>>. Acesso em: 28 maio 2021.

SIGNIFICADOS de Networking: O que é Networking. **Meus Dicionários.** 2016. Disponível em: <<https://www.meusdicionarios.com.br/networking/>>. Acesso em: 8 jun. 2020.

SILVA, Thayse de Oliveira. Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais. **Revista Psicopedagogia.** v.34, n.103, São Paulo, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862017000100009>. Acesso em: 27 maio 2021.

SILVA, Delmira Santos da Conceição; SANTOS, Marília Barbosa dos; SOARES, Maria José Nascimento. Impactos causados pela covid-19: um estudo preliminar. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**. São Paulo, v. 15, n. 4, 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/Cliente/Downloads/10722-Texto%20do%20artigo-43551-2-10-20200730.pdf>. Acesso em: 29 maio 2021.

SOUZA, Juliana Lopes de Almeida; ARAÚJO, Daniel Costa de; PAULA, Diego Alves de. **Mídia social WhatsApp**: uma análise sobre as interações sociais. Revista ALTERJOR Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP) Ano 06, v. 01. ed. 11., janeiro-Junho de 2015. <Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/aj11-a05>. Acesso em: 31 maio 2021.

STEIN, Thaís. **Haters**. Dicionário Popular. [2021?]. Disponível em: <https://www.dicionariopopular.com/haters/>. Acesso em: 29 jun. 2020.

TOLEDO, Maria Thereza. **Uma discussão sobre o ideal de amor romântico na contemporaneidade**: do Romantismo aos padrões da Cultura de Massa. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano Artigos Seção Livre, n.2, 201-218, Junho 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/Cliente/Downloads/9687-Texto%20do%20Artigo-40778-1-10-20130623.pdf>. >Acesso em: 28 abr. 2020.

TURKLE, Sherry. **Conectado, mas só?** Palestra, fev. 2012. <Disponível em: https://www.ted.com/talks/sherry_turkle_connected_but_alone?language=pt-br>. Acesso em: 30 maio 2020.

VIDEOCHAMADAS premium. Agora gratuitas para todos. Google. [2021?]. Disponível em: <https://apps.google.com/intl/pt-BR/meet/>. Acesso em: 28 maio 2021.

WEIL, Pierre Gilles; TOMPAKOW, Roland. **O corpo fala**: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal. Original de Universidade da Califórnia 2. ed. Porto Alegre: Vozes, 1973. 291 p.

ANEXO A - ENTREVISTAS

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA TCC

Nome Fictício: Empresário 1

Data: 22/05/21 | Plataforma: Google Meet | Grupo: Empresarial

1-Poderia te apresentar (nome, idade, sexo, escolaridade/formação, onde trabalha e cargo que exerce dentro da empresa)?

Meu nome é EMPRESÁRIO 1, tenho 35 anos, sou graduado em publicidade propaganda pela Unisinos e pós-graduado em pela UCS. Já trabalho há quase 20 anos na área da comunicação. Hoje a agência é Full Service, trabalhamos com projetos online e off-line. Sou casado há 16 anos e tenho meu filho de 4 anos. E hoje a equipe da minha empresa é composta por 15 ou 16 pessoas no total.

2-Falando um pouco de afetividade, tu te considera uma pessoa carinhosa, mais reservada, expressa naturalmente teus sentimentos? Descreve um pouco para nós tuas relações e emoções para com os outros, por favor. Como tu demonstrava/comunicava isso?

Não me considero uma pessoa afetiva, pelo menos não no sentido da demonstração, da afetividade da forma tradicional né, no toque e nesse tipo de coisa. Mas valorizo relacionamentos com profundidade né, isso quer dizer o quê: quando a gente conversa, a gente converse com essência, com profundidade, com sinceridade, com abertura e tal. Mas não necessariamente afetivo, não me classificaria como uma pessoa de afetividade assim, sou mais reservado.

3-Descreva como era tua rotina antes da pandemia e o isolamento social, os relacionamentos familiares, trabalho, faculdade. Onde gostava de ir, como e com que frequência eram realizados os encontros com família/amigos, no trabalho, faculdade. Como se comunicavam para manter essas relações?

Antes da pandemia então, minha rotina era basicamente trabalho no horário formal de segunda à sexta das 8 horas ao meio-dia e das 13h15min às 18h03min. Muitas vezes como gestor esse horário se estendia, em função da responsabilidade, até sábados e domingos, mas aí é conforme as agendas. Com

a família já toda numa rotina em desenvolvimento, minha esposa trabalhando e meu filho que vai para escola de manhã passava o dia na escola também. Então antes da pandemia ela tinha uma rotina bem organizada nesse sentido, todo mundo tinha sua agenda do dia. Mesmo o Bernardo (filho), ele ia para escola todas as manhãs, chegava lá às 8 horas e saía às 19h30min e essa era a rotina dele. Uma parte também da rotina é que a Ju, minha esposa, trabalha principalmente na tarde e noite, então a nossa rotina era o que: a Ju muitas vezes levava o Bernardo para escola de manhã e aí depois eu ia buscar. Então era sempre o que buscava e ela chegava em casa por volta de 22h30min, mais ou menos, aí eu e o Bernardo já tínhamos jantado, já tínhamos tomado banho. Eu e a Ju, geralmente a gente ia dormir bem mais tarde, 00h15min, 00h30min ou 1 hora da manhã, dependendo esse era o horário. Então essa era mais ou menos a rotina antes da pandemia. Quando entrou a questão da pandemia, uma das coisas que mais impactou foi o fechamento da escola do Bernardo, porque daí nós tínhamos que nos organizar de uma maneira em que a gente se dividisse para ficar com ele. Então durante uma época, como a Ju trabalha em escola também né, e estava fechada, então como ela não podia trabalhar, ficava com ele em casa. Mas a partir do momento que a escola dela pode abrir aí a gente teve que se dividir. Então como a gente fazia, eu trabalhava no escritório até umas 15h, 13h30min ou às vezes só no turno da manhã trabalhava no escritório e a tarde fazia home office e aí então ela ficava com o Bernardo todas as manhãs e eu ficava todas as tardes. E aí com o Bernardo em casa a gente teve uma preocupação muito grande para que ele mantivesse uma rotina próxima a da escola, então, por exemplo, a gente não deixava ele dormir até às 10 horas da manhã, ele acordava às 8 horas da manhã igual, tinha um café, brincava, tinha essa rotina e quando era de tarde que ficava comigo ele tinha uma rotina exatamente de escola. Começavam a atividade 13h30min, 14h fazer um trabalhinho e como aqui em casa a gente tem três quartos, a gente desmontou o quarto de visitas e fez lá uma sala de aula mesmo pra ele e fizemos um mural para ele saber que dia da semana era como segunda, terça e etc. Porque para ele todos os dias estavam sendo iguais, porque como ele não tava tendo mais escola e a escola se organiza né, tem a pausa do final de semana. Como todos os dias ele estava em casa, ele não sabia mais que dia era, não enxergava mais, não tinha percepção de passagem de dia. Então a gente criou esse calendário,

na segunda era assim, terça era assado e então a gente fez um planejamento pedagógico de atividades com ele de fato. Então tipo assim hoje é o dia que a gente faz uma experiência, aí a gente ia lá e preparava as coisas e essas atividades era eu que fazia à tarde porque era mais ou menos assim que era na escola, de manhã recreação e de tarde às atividades mais voltadas para o aprendizado, aí a gente fazia inclusive o lanche dentro da nossa sala de aula montada aqui dentro de casa. Por que virou sala de aula mesmo tinha a mesinha montada que dentro tinha todas as coisas, a gente chamava de sala de aula e para ele era bem importante, ele tava sentindo muita falta da escola, ele vai para escola desde os 4 meses. Então foi um baque muito grande, foi muito repentino, não, a partir da semana que vem tu não vai mais e aí quando a escola fechou ele devia de ter uns três aninhos, não tinha como fazer aula online com ele, mas com o planejamento que a gente fez, a gente fez umas coisas muito legais. Então quando a gente ficou em casa nesse tempo que a gente se dividia, nós tínhamos que fazer toda a rotina da escola para ele não perder essa referência e o que impactou para mim e para Ju nesse caso foi, como a nossa escola estava fechada e ela não podia dar aula, ela vinha para casa um pouco mais cedo, não precisava ficar até tão tarde e a gente começou a dormir mais cedo então 22h30min da noite já tava tudo pronto, a gente já tava deitado, já tava indo dormir. A gente estranhou muito assim essa mudança e até nos primeiros dias a gente levou um tempo porque a gente não conseguia dormir, por que a gente vinha numa rotina de meia-noite uma hora da manhã desde a faculdade e eu me formei em 2010, ou seja, fazia 10 anos que a gente tinha uma rotina de 1 hora da manhã. E aí com essa mudança da pandemia 22h30min da noite a gente já tava deitado, 23 horas já tava no segundo sono e isso é uma coisa que a gente adquiriu com a pandemia e foi benéfico, tanto que hoje 22h30min/22h45min eu já tô cochilando tem várias vezes. Então essas foram as principais mudanças que a gente sentiu em termos de família. Já em termos de trabalho o impacto teve algumas questões de home office, aí a equipe teve que ir para home office né. Antes tinha sempre presencial, eu ia para São Leopoldo uma duas vezes por semana conforme a demanda de reuniões e com uma pandemia isso cessou. A gente se deslocava muito menos para ir aos clientes e por um período toda a equipe ficou home office, as conversas eram mais virtuais, ficou muito por Skype também. Agora a gente tem parte da equipe presencial e parte da equipe ainda

em home office, mas a gente já começou a visitar um pouco mais, tendo um pouco mais de presença nos clientes, embora ainda tenha alguns clientes que não nos recebem ou que evitam ao máximo possível nos receber, então esses seguem online.

O Skype a gente já utilizava e as ferramentas que mais foram adotadas foi o Zoom que a gente não usava até então e um pouco mais do Google Meet, se não a gente usava tudo mais por Skype e aí o meet começou a fazer um pouco mais de presença nas reuniões. Existia o processo dentro da agência de encontro mensal pelo menos das duas unidades, onde até a gente fazia almoço de confraternização e outras coisas. Então quando veio a pandemia isso tudo parou, a gente fazia palestra, outros assuntos e com a pandemia não deu para fazer mais nada disso e agora a gente tem retomado pontualmente, não como uma escala rígida assim como a gente fazia com uma periodicidade definida. E o prejuízo que eu percebo nisso, para a equipe que já estava na agência até ok, agora para as pessoas que entraram durante o período de home office e ainda permanecem, eu percebo dificuldade de estabelecer vínculos. Inclusive eu conversei com uma colega essa semana, e aí ela trouxe um pouco isso, que ela pede ajuda, ela pergunta, ela chama, mas que não tem realmente a mesma troca do que se tivesse presencial e isso é uma coisa que eu também percebi em termos de equipe. Quando estávamos todos em home office o que começou acontecer no nosso trabalho foi que a gente entregava as coisas, mas a qualidade tinha caído um pouco, porque não havia tanta troca, quando você está do lado da pessoa que faz uma piada tu interage com mais frequência, quando você tá longe, você chama no Skype para perguntar, já tem uma objetividade muito grande e em função dessa objetividade tu acaba falando de uma forma muito curta, sem profundidade, às vezes a pessoa já te responde rapidinho também, coisa que se você tivesse do lado a conversa seria profunda e muito mais interessante, então houve também uma perda dessa qualidade. Então esse foi um dos motivos pelo qual a agência não vai se tornar home office para sempre, foi uma das questões que foi levantada, até porque a gente acompanhava também: “Ah! Vamos olhar para as empresas de tecnologia, que já dominaram a arte do home office... Ver o que esses caras estão fazendo”. E aí nos questionamos muito se valia a pena manter as duas unidades. Por que não deixar o pessoal em home office sempre? Mas eu entendi que a nossa

qualidade estava perdendo com esse home office, uma coisa é ser temporário e outra coisa é trocar nossa cultura para o home. Então o que eu entendi é que as pessoas não conseguem estabelecer vínculos da mesma maneira, então a gente deixa de ser um time e passa a ser um grupo que trabalha cada um no seu lugar, interagindo quando necessário e ao mesmo tempo as novas pessoas têm uma maior dificuldade de estabelecer vínculos, porque para elas as pessoas não existem de verdade, elas são um contato que vem do outro lado, através do Skype. Não é que não existem de verdade, mas não conseguem estabelecer um vínculo emocional, porque tu é alguém no chat no outro lado. Os almoços nós não fizemos nenhum durante a pandemia, fizemos um encontro só de happy hour. Quero um espaço assim para conversar, só foi um momento pós-expediente pra conversar e foi interessante, foi diferente, realmente bem curioso e eu considero até que foi bem positivo, mas é uma coisa que assim, se a gente repetisse com frequência, é uma coisa que iria perdendo a força, não teria o mesmo apelo dos almoços, não teria as mesmas coisas. Então ele foi legal porque foi muito sadio, mais isolado e aí ele foi valoroso, interessante por isso. E também a gente passou a fazer reuniões online com toda equipe com uma frequência maior, até para situar como é que tava a situação e como estão as coisas. Porque se entendeu que tinha necessidade de ir informando as pessoas de como as coisas estavam acontecendo, porque foi um momento de muita insegurança, de receio, de medo de perder o emprego, de fechar empresa, sei lá, esses medos que estavam acontecendo e aí a gente passou a fazer mais ou menos uma reunião com todo mundo, onde a gente falava qual cliente que entrou e um cliente que saiu. Então, qual era o contexto? Era para que as pessoas também se sentissem mais tranquilas, sobre como as coisas estavam andando. Mas teve algumas coisas que a gente não conseguiu manter, como por exemplo, nós temos uma prática no presencial do feedback mensal quando fazia a entrega do contracheque e quando foi para home office a gente não conseguiu manter e talvez não manteve muito mais, porque a demanda, ou porque as coisas estavam muito atropeladas ou perturbadas ou sei lá o quê, e aí a gente ainda tava aprendendo a lidar com esse processo, se acostumar com esse home office e tudo que tava acontecendo ali. Minhas demandas que eram insanas também, isso foi uma coisa que a gente não conseguiu manter e agora com a volta do presencial, a gente está começando devagar para recuperar essas coisas e

mesmo que demore, vamos fazer um feedback assim quem entrou no formato home office e segue no formato home office, esse feedback vai ser muito mais superficial, porque ele vai ser muito mais objetivo em cima daqueles trabalhos, então ele acaba sendo uma avaliação de trabalho do que a nível de crescimento pessoal, o trabalho entregue e seu retorno sobre ele, mas eu não posso te avaliar como ser humano, como pessoa que entrega esse lado profissional, porque eu não convivo com a pessoa, eu só convivo com os trabalhos que a pessoa entrega, então é isso que se perde um pouco.

4-Como ficaram na tua rotina as demonstrações dos teus sentimentos com as pessoas da tua relação que não podem ter o contato presencial e físico do teu afeto?

Está dentro da 3 também.

5- Quanto a tua habilidade em se expressar via internet (e-mail, redes sociais, blogs e etc.), isto sempre foi algo fácil pra ti?

A capacidade de auto expressão sempre foi fácil, não me lembro de ter tido dificuldades quanto a isso e mesmo na plataforma online ela não muda tanto assim. O que eu vejo que muda é a capacidade de se fazer compreender melhor, por que, por exemplo, na escrita você não tem tom de voz, então quando eu converso contigo e eu preciso pontuar, cobrar ou te elogiar, eu percebo a tua resposta, suas expressões faciais, pela expressão corporal, pelo tom de voz, o tom de voz na resposta que tu me dá, quando a gente conversa por Skype, por exemplo, eu não consigo perceber todos esses fatores e mesmo online aqui algumas coisas ficam prejudicadas. Tu tem uma câmera, posicionada em determinado lugar, então a tua resposta corporal ela tem uma limitação, e o que eu tô fazendo com as minhas pernas aqui, você não tá vendo. E quando a gente tá conversando frente a frente, se tu tá contrariado e cruza a perna eu consigo enxergar, se tu tá interessado, inclina o corpo para frente, eu consigo perceber melhor com a linguagem corporal e no online eu não consigo fazer isso, mesmo numa videoconferência. Texto é mais complicado ainda porque não tenho tom de voz, é muito difícil entender ironia, por exemplo, no texto escrito se tu não colocar um “hahahaha” no final, você não vai saber que foi uma piada, a pessoa não vai entender e a gente teve situações como essa, por não ter tido o contém ironia o (risos) no final, soou como uma agressão, não tinha expressão de

deboche de quando tu faz uma ironia pessoalmente. É uma coisa que o online ele é mais restritivo, as redes sociais como um todo. Aí vai um pouco de cada perfil né, eu não tenho por hábito expor as minhas emoções, eu tenho usos diferentes e tal, uso para acompanhar as pessoas que eu tenho vínculo o Instagram, uso para postar coisas da minha família né, não entro em discussões, esse tipo de coisa. Até porque sinceramente com o meu papel de gestor, tendo uma equipe, qualquer opinião que eu defenda vai ofender alguém que é contrária essa opinião, então eu tenho cuidado muito grande de não me manifestar publicamente sobre determinadas coisas, porque enquanto gestor todo mundo tem que olhar para o EMPRESÁRIO 1 como uma referência e algumas pessoas não sabem separar o “posso gostar da Natália e discordar da opinião da Natália”, para algumas pessoas é “se eu discordo, eu não tenho como trabalhar com a Natália”. então são coisas que nem todo mundo sabe lidar. Então eu tenho cuidado muito grande com isso e ao mesmo tempo acho que as redes sociais tu tem que definir qual é o uso que tu quer fazer delas: “Ah eu quero uma rede social realmente para entrar em discussões, debates, opiniões ou eu quero só para acompanhar notícia, acompanhar o que tá acontecendo com as pessoas que eu gosto, com a minha família” e esse tipo de coisa. São usos diferentes assim né e te falando sobre esse cuidado, eu evito adicionar os clientes e a equipe da agência nas redes sociais, é uma escolha deliberada justamente, porque se em algum momento eu publicar algo que pode ferir a opinião de alguém, se essa equipe não enxergar isso e não é que seja “errado” eu postar a minha opinião e a pessoa discordar, não é isso. Mas isso vai gerar uma dor de barriga, um ranço que não precisa, então as minhas contas de Facebook e Instagram são privadas, as publicações são só para os amigos e os selecionados. Assim como eu também procuro não adicionar a equipe e clientes também, porque as redes sociais dos meus funcionários elas são pessoais, pode ser que eles postem coisas que eu acharia um absurdo, não gostaria e tal, mas é dele então eu prefiro nem ver para não me incomodar com aquilo, porque eu não posso julgar uma pessoa pelo que ela faz na rede social pessoal dela, eu tenho que ter uma análise pelo profissional e pelo profissionalismo que ela entrega, então eu até evito isso, porque eu acho que tem chance de dar errado. Então a gente nem dá margem para dar erro, eu não adiciono e também não deixo adicionar, não que seja errado o que tu faz na tua vida pessoal, é a tua

vida pessoal entende, mas nem todo mundo consegue separar isso e aí em tempo de polarização em assuntos político-econômicos, times, religiosos. Enfim onde o extremismo ele é muito forte, eu evito discussões desnecessárias e aí vai estragar um relacionamento que não precisava, quanto mais extremo menos aberto a pessoa tá mudança, então não tem nem porque a gente entrar no mérito da discussão daquele assunto, isso ajuda até no que se uma hora eu tenho que dar um feedback para um colaborador ou para qualquer pessoa da minha equipe, o meu feedback ele vai estar plenamente alinhado e alicerçado na tua entrega profissional, naquilo que a gente precisa conviver no dia a dia e não nas suas escolhas pessoais.

6- Tu costumava fazer uso de algum meio digital para manter contato com as pessoas? Se sim, quais? Se não, o que você achava sobre elas? Por quê?

Em termos de família a gente usa o Whats e o Facebook, até porque a família tem muitas pessoas mais velhas e tal que estão mais no Facebook do que nas outras redes. Em termos de equipe, a gente trabalha muito com o Skype e também o Whats, que virou um portal de comunicação oficial da equipe. Como tá todo mundo lá quando eu tenho que dar uma comunicação que serve para todo mundo, é que eu preciso que todo mundo tem acesso aquilo ali, eu uso grupo de Whats e aí todo mundo tem a mesma informação lá e no dia a dia a gente vai usando o Skype efetivamente para trabalhar e na parte profissional a gente ainda utiliza bastante e-mail para coisas oficiais assim e tal. Pontualmente a gente utiliza também o zoom quando tem que fazer reuniões online com a equipe, mas aí é mais pontual, é aquela reunião mensal que acontece de vez em quando e tal.

7-Sobre as redes sociais, você usa e mostra o que está sentindo nos posts (em relação a família/mercado/escolar)? Deixando um pouco de lado as redes sociais mais conhecidas (facebook/Instagram/WhatsApp), quais plataformas digitais tu costuma utilizar?

Não até porque quanto aos meus sentimentos eu sou mais reservado, eu até posso manifestar eles numa conversa, em uma conversa mais profunda com sinceridade eu vou manifestar para você, mas eu sempre acho que o sentimento

tem que ser manifestado a quem é interessante se manifestar e não a todo mundo, então as minhas redes sociais elas não vão conter muito desse sentimento. O Instagram como uma coisa mais familiar ele vai conter muitas atividades de família e coisas de família, no Facebook é muito excepcional quando eu posto alguma coisa, mas ela não é sobre sentimentos e até porque não vejo ganho nisso e utilidade.

Tenho me divertido bastante com o Tik Tok e aprendido também com o Tik Tok desde receitas a dicas de ux e tecnologia... E não sei se eu consideraria uma plataforma, mas eu utilizo bastante também o Flipboard, que é um aplicativo de notícias onde tu seleciona os tópicos, aí ele recolhe tudo e faz uma revista para mim só com as principais notícias de cada segmento que eu uso diariamente. LinkedIn eu quase não uso, YouTube eu consideraria uma plataforma social também. São basicamente essas, assim não sei se tu consideraria o Spotify como uma plataforma social, eu uso diariamente, mas não tem tanta interação e não é necessariamente o usuário que coloca não ser pelos podcasts e tal.

8-Sempre utilizou as ferramentas que usa hoje com o mesmo intuito? Ou se moldou com o passar dos anos?

YouTube na verdade sempre usei com o mesmo intuito que na verdade são dois ou é aprendizado ou é lazer, então esses dois permaneceram a mesma coisa, ou eu tô aprendendo, ou eu tô ouvindo alguma música de fundo para fazer alguma outra coisa. O Facebook talvez tenha se modificado um pouco, porque antes não havia outras redes sociais. Então saí do Orkut para o Facebook e aí era uma coisa mais família e como o Facebook foi se tornando uma plataforma de discussão intensa sobre qualquer assunto, às vezes eu entro para acompanhar, mas talvez até a redução do uso do Facebook, hoje em termos de postagem da minha parte é um pouco, porque eu não quero entrar em discussão de nada, não estamos aqui para discutir. Então acaba que o uso do Facebook, ele foi mudando um pouco, onde antes ele era o principal canal de publicação, de colocar as coisas e agora muitas vezes as atualizações acontecem nele, porque ao publicar no Instagram já tem a opção de publicar junto no Facebook. Já o Instagram veio com o mesmo uso desde sempre e o Tik Tok ainda é um

moço muito recente, mas o meu uso é só para consumo, não produzo conteúdo.

9-Quais são as tuas percepções sobre estas ferramentas nas relações sociais e profissionais e estudantis? Elas aproximam e dão conta de manter e expressar os afetos?

Não, de forma alguma! Eu acho que elas auxiliam, como dizem, no processo de entregar fria, mas não no processo de relacionamento eu acho. Inclusive acho que elas esfriam algumas coisas de relacionamento, porque como eu disse antes, em vez de eu conversar contigo sobre o que aconteceu hoje no meu dia ou ontem quando eu sair para jantar, se eu só trabalho contigo por Skype eu não vou te escrever no Skype que ontem eu saí para jantar e aconteceu tal coisa, eu não vou perder esse tempo digitando algo e não vou te chamar em uma vídeo conversa para te dizer que ontem aconteceu um tal coisa. Mas se nós tivéssemos juntos aí eu te contaria muito fácil o que aconteceu ontem. Então essas plataformas de intermediação, elas auxiliam no processo profissional, de ter feito ou não feito, fiz não fiz, mas não na profundidade de relacionamento e não na forma de aproximar as pessoas, a gente consegue fazer o que precisa fazer, mas não desenvolver vínculos e isso eu acho que de todas as plataformas que eu citei nenhuma delas consegue fazer isso.

10-Vamos nos encaminhando para o fim da entrevista, e uma última pergunta essas novas formas de demonstração de afeto, te completam? Te satisfazem? Teria algo que gostaria de colocar acerca do tema?

Não! Eu acho que elas são ferramentas que auxiliam, mas elas não conseguem completar, elas não substituem e eu acho que esse é um termo importante. Ao mesmo tempo elas são limitadas entre o que a gente pode fazer, por exemplo, nesse momento que a gente está tendo aqui, ele é possível graças a essa ferramenta, porque senão a gente teria que se encontrar presencialmente para fazer isso. Teria todo o tempo de deslocamento, que talvez inviabilizasse essa conversa, então ele ajuda a gente como uma ferramenta, mas não é por essa ferramenta que a gente vai desenvolver vínculo. O vínculo de fato,, ele vai acontecer enquanto mais próximo nós estivermos, porque daí tu vai me contar sobre o dia de ontem, porque se a gente estiver só por aqui tu não vai fazer isso.

(TEVE QUE FAZER ALGUM DESLIGAMENTO POR CONTA DA

PANDEMIA?)

Não que eu tive que fazer por conta da pandemia, o que a gente teve foi pessoas que quando voltou o presencial optaram por sair da empresa para não ter que voltar ao presencial. Foi o caso da moça da equipe de limpeza que era aqui de Bento Gonçalves e ela por uma escolha dela ela disse que não iria voltar, ela estava preocupada, ela tem um filho com necessidades especiais e estava com medo, principalmente por causa dele. Então ela pediu o desligamento dela, mas nós não tivemos que demitir ninguém por questão de pandemia seja por financeiro, ou seja, por demanda de trabalho, a gente passou por um período de reduções de jornada, férias, antecipação de férias e essas coisas, mas nós não tivemos que mandar ninguém embora por causa da pandemia.

Eu já entendi, Natália, que as coisas são ciclos, tem coisas que vão ser naturalmente mais resistentes, por uma questão de cultura, de geração, de idade, visão e enfim. Que é, por exemplo, essa questão de: "Ah! Por que que a agência não vira totalmente home office?". Mas eu vou te dizer que se a gente fosse o tempo todo em home office eu não saberia que tirar fotos no Aimoré é uma excelente desculpa para um relacionamento extra conjugal, assim como eu não saberia que levar o lixo e levar duas horas pra levá-lo também é um sinal de que algo não está certo no relacionamento (risos), isso só acontece quando a gente está próximo e quando a gente convive. Eu acho que um pouco desse tempo de pandemia pelo menos do meu ponto de vista mostrou que dá para sobreviver e trabalhar em home office? Dá. É na mesma qualidade? Não. Essa mensagem para mim ficou muito clara que, dá para fazer por um período? Dá. Dá para adotar isso permanentemente? Aí eu acho que não e também com a premissa da agência de que a gente tem que estar sempre crescendo, aprendendo, se desenvolvendo e no home office ela fica mais prejudicada, ela não flui da mesma maneira que a gente precisa. A gente precisa estar junto para aprender em conjunto, inclusive ontem falando com uma colaboradora, ela trouxe isso um pouco assim, que ela tinha uma expectativa de trocar mais experiências com outros gestores de arte e o fato do remoto faz com que ela não consiga fazer isso e eu concordo absolutamente com ela, porque limita muito mais, porque uma coisa eu tá do teu lado e dizer: "O fulano o que tu acha disso aqui? O ciclano o que tu acha disso?" Ele vai dizer: "Não, puxa lá, bota essa cor, puxa esse texto." Enquanto você tá no home office você não vai chamar a pessoa

toda hora, você não vai atrapalhar ela, chamar ela no Skype toda hora, então esse tipo de situação que foi importante ver na prática. Sendo sincero eu tenho visto que as empresas de tecnologia que em algum momento disseram que estava pensando em fazer home office para sempre já estão também voltando atrás sobre isso, eu vi mensagem da Microsoft e do Twitter e acho que do próprio Facebook também, eles já estavam repensando sobre isso, tem uma preocupação. Sendo muito sincero de uma galera mais nova, que por ter tudo muito efêmero também vai achar que o home office é o melhor caminho e vai ter relações efêmeras porque não vai ter profundidade e também um pouco da minha visão de não querer ser permanente como home office é um pouco da idade, porque para mim faz mais sentido que as pessoas estejam próximas e aí pelo menos lá na agência eu enxergo. Quando a gente vai fazer um almoço e na outra semana vocês vão vir aqui, isso gera vínculo, isso gera discussão, isso gera proximidade do que a conversa de todo dia no Skype, essa conversa de todo dia no Skype ela não gera vínculo não. Na minha visão não gera aproximação, por exemplo, se a gente trocasse a Colaboradora X por outra pessoa nem ia fazer tanta diferença, porque de fato não se conheceu a Colaboradora X, você trabalhou com uma diretora de arte durante um período, mas se trocar ela por outra nem vai perceber que a gente trocou. Então isso para mim fica um pouco mais evidente de que pelo menos na agência com a gente, não tem essa cultura do home office como algo permanente, se a gente tiver que conviver com isso as relações serão muito mais superficiais nesse sentido. E da pandemia como um todo, eu acho que a gente já tá meio que: “Ah! Vai ser a primeira onda, segunda onda, terceira onda, um pouco mais de home office ou um pouco mais presencial”, mas vamos ver como fica aqui, a gente já lidou um pouco mais com isso e então a gente tem aquele receio de pandemia, mas também não é mais aquele medo desesperado. Um dos dados de tantos milhões de mortos e meu deus era o pior cenário do mundo e que ninguém ia sobreviver ao apocalipse zumbi e tal, a gente já viu que já tem vacina, já tem remédio, já tem muita coisa acontecendo, tem que ter os cuidados e tal. Ficou mais fácil e claro para gente lidar emocionalmente com isso também, então eu acho que isso foi positivo de forma geral tudo tem um lado bom e o lado ruim.

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA TCC

Nome Fictício: Empresário 2

Data: 21/05/21 | Plataforma: Google Meet | Grupo: Empresarial

1- Poderia te apresentar (nome, idade, sexo, escolaridade/formação, onde trabalha e cargo que exerce dentro da empresa)?

Meu nome é EMPRESÁRIO 2, eu tenho 23 anos fiz técnico, comecei a faculdade e não terminei, tive que trancar para começar a trabalhar em dois empregos. Eu comecei a empreender, depois que eu saí da Planeta Surf, que eu era gerente, aí eu sempre quis ter o meu negócio não queria ter um negócio de lanches, mas acabou que deu certo era o que tava ali. Parecia um sinal para mim começar, aí eu levei fé e é isso. Eu fiz administração, depois eu comecei a gestão financeira, como eu empreendo, então não é só fazer lanche né, tem que trabalhar saber de tudo, quanto do marketing, da gestão de negócio, da gestão de pessoas e foi por isso que eu comecei a gestão financeira.

2-Falando um pouco de afetividade, tu te considera uma pessoa carinhosa, mais reservada, expressa naturalmente teus sentimentos? Descreve um pouco para nós tuas relações e emoções para com os outros, por favor. Como tu demonstrava/comunicava isso?

Bah! Eu acho que eu sou mais reservada, porque ninguém sabe se eu tô mal, se eu não to. E como parece que eu tô sempre forte, apesar de estar um caos aqui na hamburgueria, a gente tenta manter a plenitude né. Com as pessoas que eu gosto, eu sou um pouco mais afetuosa, eu abraço, mas com quem eu não conheço não é bem difícil.

3-Descreva como era tua rotina antes da pandemia e o isolamento social, os relacionamentos familiares, trabalho, faculdade. Onde gostava de ir, como e com que frequência eram realizados os encontros com família/amigos, no trabalho, faculdade. Como se comunicavam para manter essas relações?

Bah! Era mais difícil, porque com a pandemia o pessoal que fornece suprimentos e tal acabou procurando hamburgueria. Até porque, muita coisa fechou e eles precisaram de mais clientes. Por um lado foi positivo, porque eu consegui muito mais fornecedores quando começou a pandemia do que antes.

Como eu era nova, o meu CNPJ era novo também, o pessoal não levava muita fé e não fornecia com tanta facilidade, e com uma pandemia todo mundo começou a apoiar os pequenos negócios. Começaram a dar valor para quem tá mais próximo também, mas tudo tem um lado ruim lado bom né. Antes da pandemia era muito melhor, porque como eu podia ver as pessoas, tinha o espaço físico da hamburgueria, as pessoas estavam ali. Sentiam o cheiro do lanche, podia ter atração musical no local, era mais fácil. Por mais que eu ficasse na cozinha, não conversava tanto com as pessoas, era melhor, porque agora com uma pandemia não dá para retirar o lanche, não dá para fazer um monte de coisa e é só pela internet né, agora tudo é marketing, tudo é pela internet.

4-Como ficaram na tua rotina as demonstrações dos teus sentimentos com as pessoas da tua relação que não podem ter o contato presencial e físico do teu afeto?

Eu tive antes de tudo né, que ensinar meu público, já que a maioria ainda não sabia de quem é a hamburgueria, que o Mateus (ex-funcionário) não era o proprietário. Todo mundo falava que a hamburgueria era dele e tal, e eu não ficava desmentindo sabe? Só que agora para ter o contato com o cliente eu tenho que mostrar mais quem eu sou, o que eu tô fazendo, que eu tô no início e é mais difícil, mas agora que eu vou ter um emprego só, eu vou só empreender vai ser mais fácil. Vou focar mais nisso, eu vou focar no cliente, para ele ver a situação atual como que é... Que não é só montar um hambúrguer e entregar. Às vezes o cliente não sabe que é todo um processo para chegar um lanche bom na casa dele. Então, ultimamente eu uso mais o Instagram mesmo, como contato com o cliente direto, mas no Whats eles falam muito, porque eu tenho bastante cliente que é só no Whats, que eles não tem Instagram. Para divulgar os lanches, os amigos e conhecidos mais próximos ficam contando para os outros que são da cidade, eu também comento, mas é mais fácil eu falar com o cliente que me chamou no Whats, do que como as pessoas mesmo que estão ali... É um pouco diferente né, nem todos que estão ali, são clientes daí eu não converso muito sobre isso no Instagram.

5-Quanto a tua habilidade em se expressar via internet (e-mail, redes sociais, blogs e etc.), isto sempre foi algo fácil pra ti?

A internet em si é uma coisa que eu mexo há muito tempo. Entretanto,

parei um pouco de investir nela, se eu tivesse investido melhor, hoje eu tava muito melhor do que eu tô. Mas eu acho que não é tão difícil sabe para mim, porque eu gosto disso, e quando tu gosta ou se torna mais fácil. Não é tão difícil, é mais complicado, porque nem todo mundo tem a mesma opinião, muita gente não acredita no teu potencial, mas tô no tentar, tentar e tentar. Estou aprendendo a cada dia mais, mas para mim é tranquilo e eu gosto de fazer isso.

6- Tu costumava fazer uso de algum meio digital para manter contato com as pessoas? Se sim, quais? Se não, o que você achava sobre elas? Por quê?

Por enquanto eu comecei um curso e eu tô tentando mexer no Facebook, que tem um público maior ainda. A rede social assim que eu mais consigo trabalhar é Facebook, WhatsApp e Instagram (que é o que mais faço) e o meu Instagram pessoal uso bastante para divulgação. E quem trabalha comigo assim, também tá sempre divulgando, às vezes um amigo ajuda e por aí vai.

7-Sobre as redes sociais, você usa e mostra o que está sentindo nos posts (em relação a família/mercado/escolar)? Deixando um pouco de lado as redes sociais mais conhecidas (facebook/Instagram/WhatsApp), quais plataformas digitais tu costumava utilizar?

Apenas estas e o Goomer (cardápio online). Agora no início, a gente não tinha direito um cardápio, como tinha no local. Com a pandemia eu criei um cardápio online, o Goomer. Na verdade ele é um link, onde eu consigo fazer um cardápio e a pessoa consegue me enviar o pedido pelo whats, mas se tu pagar, tu consegue utilizar cupom, um monte de coisa... É um aplicativo muito bom, que agora não consigo pagar, porque ele acaba se tornando muito gasto por causa dos poucos pedidos, mas usando ele gratuito já é muito bom, ele salva a gente na hora do pedido... Ele entrega o pedido completo na cozinha.

8-Sempre utilizou as ferramentas que usa hoje com o mesmo intuito? Ou se moldou com o passar dos anos?

Mudou, antes era pessoal mesmo né, nunca tinha usado para marketing, não achava que iria dar tanto retorno, mas depois que eu comecei trabalhar com vendas sempre foi voltado nisso mesmo, porque mostrar o trabalho, mostrar a

gente, mostrar o que faz, e se eu mostrar minha vida pessoal, os seguidores já não se interessam mais também. Eu não sei quanto tempo, mas faz muito tempo, que eu não uso só para mim mesmo... Uso para trabalho, tanto que quando veio os melhores amigos no Instagram, foi quando eu tive tipo: "Ah! Esse é o meu pessoal"...Porque as pessoas julgam muito, então coloquei lá só amigos mesmo. Por mais que tu faças coisas, trabalhe o dia todo das 9 horas à meia-noite, mas eu tô descansando 15 minutos é babadinho entendeu?

9-Quais são as tuas percepções sobre estas ferramentas nas relações sociais e profissionais e estudantis? Elas aproximam e dão conta de manter e expressar os afetos?

Bah! Eu acho que não, que nada como tu tá ali no lugar, sentindo o cheiro do ambiente, vendo como a pessoa é, como a pessoa fala contigo. A gente tenta... Os clientes elogiam, falam que percebem que a gente faz com vontade as coisas, eu recebo bastante elogio, sabe é bom... Só que ali pessoalmente o jeito que tu fala para o cliente do teu trabalho, tu mostra o teu trabalho, é muito melhor. Acho que online não mostra 50% do potencial que tu tem.

10-Vamos nos encaminhando para o fim da entrevista, e uma última pergunta essas novas formas de demonstração de afeto, te completam? Te satisfazem? Teria algo que gostaria de colocar acerca do tema?

Ai, eu nunca fui, por mais que eu trabalho muito online, eu nunca fui do online. Eu acho que não, para mim não. Eu nunca consegui ter uma relação pelo celular... Uma amizade ali pelo celular eu converso 20 minutos e já não consigo mais ficar. Então eu acho que para mim, para o pessoal assim, não. Agora para venda, sim. Tu tá com a venda ali pronta, é bom para o profissional, o pessoal gosta do online agora todo mundo quer praticidade né, tá ali na mão. Mas para o pessoal, não consigo ter uma amizade totalmente online.

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA TCC

Nome Fictício: Estudante 1

Data: 21/05/21 | Plataforma: Google Meet | Grupo: Estudantil

1-Poderia te apresentar (nome, idade, sexo, escolaridade/formação, onde trabalha e cargo que exerce dentro da empresa)?

Meu nome é ESTUDANTE 1, eu tenho 23 anos, estudo publicidade e propaganda na Unisinos. Tô quase me formando, falta pelo menos um semestre e atualmente sou assistente de marketing em uma clínica de medicina reprodutiva.

2-Falando um pouco de afetividade, tu te considera uma pessoa carinhosa, mais reservada, expressa naturalmente teus sentimentos? Descreve um pouco para nós tuas relações e emoções para com os outros, por favor. Como tu demonstrava/comunicava isso?

Eu não me considero uma pessoa muito expressiva, quando eu tô com poucas pessoas e quando eu digo poucas pessoas, eu digo uma ou duas, aí eu me considero uma pessoa carinhosa, mas não quando tem muitas pessoas em volta. Eu gosto de abraçar meus amigos, eu me considero bem afetuoso com eles, outra forma que eu também gosto que eu uso para demonstrar o meu carinho é fazendo as pessoas rirem, é isso. Gosto de demonstrar meu carinho abraçando e deixar as pessoas animadas.

3-Descreva como era tua rotina antes da pandemia e o isolamento social, os relacionamentos familiares, trabalho, faculdade. Onde gostava de ir, como e com que frequência eram realizados os encontros com família/amigos, no trabalho, faculdade. Como se comunicavam para manter essas relações?

Então antes da pandemia eu tinha a mesma rotina que eu tenho hoje, porque eu ainda trabalho presencialmente. Então antigamente eu acordava um pouco mais cedo, tomava café, me arrumava e vinha trabalhar, aí eu ia a pé da minha casa até o trem pra ir trabalhar e os dias que tinha aula eu ia direto para Unisinos depois do trabalho e daí depois eu voltava para casa dormia. Nos dias em que eu não tinha aula eu ia direto depois do trabalho para casa e ficava vendo séries, enfim sempre fazendo alguma coisa em casa, não saía para academia

nem nada. Na minha família a única coisa que mudou é que agora minha mãe também tá mais tempo em casa, mas não mudou nada também assim, a minha irmã passa o dia inteiro na escola, então minha mãe passa o dia inteiro trabalhando e então só vejo ela à noite. Com a minha família sempre mantive a comunicação presencial, algumas vezes acontecia pelo whats mas não era muito frequente, na faculdade eu sempre usei muito whats pra poder me comunicar com o pessoal ou para saber onde eles estão ou para saber coisas de trabalho em grupo, então acabava vendo eles só durante a aula presencialmente depois todo o resto do tempo eu usava o whats.

4- Como ficaram na tua rotina as demonstrações dos teus sentimentos com as pessoas da tua relação que não podem ter o contato presencial e físico do teu afeto?

Ah, essa é difícil. Eu acabei conversando com eles sim, mas coisas do cotidiano ou sobre a vida e essas coisas, pelo whats as formas que eu encontrei de sanar essa minha necessidade de me expressar foi conversando mais frequentemente com eles pelo WhatsApp, seja perguntar como tá a vida ou enviando memes ou coisa do gênero.

5- Quanto a tua habilidade em se expressar via internet (e-mail, redes sociais, blogs e etc.), isto sempre foi algo fácil pra ti?

Na verdade nunca foi, porque eu tô sempre me explicando, falando pelo whats ou por qualquer outro lugar, então eu não tenho uma capacidade muito boa de me expressar digitalmente. Presencialmente fica na minha cara o que eu tô sentindo, então não tem como não ficar, uma vídeo chamada não expressaria isso, porque eu tô distraído.

6- Tu costumava fazer uso de algum meio digital para manter contato com as pessoas? Se sim, quais? Se não, o que você achava sobre elas? Por quê?

Sim, whats. Para relacionamento com outras pessoas, para conversar com os meus amigos, enfim interagir. Eu acho que não se intensificou, eu acho que se manteve a mesma quantidade eu via eles com uma certa frequência aos finais de semana e a sua frequência agora diminuiu, mas de resta se manteve a

mesma coisa.

7-Sobre as redes sociais, você usa e mostra o que está sentindo nos posts (em relação a família/mercado/escolar)? Deixando um pouco de lado as redes sociais mais conhecidas (facebook/Instagram/WhatsApp), quais plataformas digitais tu costuma utilizar?

Bom, eu não sou uma pessoa que tem o costume de publicar nada. É difícil eu compartilhar isso com outras pessoas sem ser em uma conversa, mas eu acho que no geral eu não sou uma pessoa que me incomoda muito com essa mudança digital. Até porque eu tenho aula online, então eu tenho bastante mania de me expressar sobre o que eu tô falando, mas só em conversas onde surge naturalmente. Eu costumo utilizar bastante também o Tik Tok, YouTube e aí depois quando é mais entretenimento, mais vídeo é Netflix E Prime Vídeo, essas últimas plataformas não são com interação, mas enfim eu uso para ver vídeo. Na parte do educacional eu me inscrevo em muitos cursos e recebo muitos deles por e-mail, não tenho uma plataforma específica. O meu curso é presencial, mas agora como a gente tá distância, a gente usa a plataforma do teams e o moodle.

8-Sempre utilizou as ferramentas que usa hoje com o mesmo intuito? Ou se moldou com o passar dos anos?

Não. Eu acho que todas eu sempre usei com o mesmo intuito, até porque algumas são bem recentes. O Instagram atualmente é uma plataforma de relacionamento, mas eu sempre usei mais para interagir com as pessoas que eu conheço, eu nunca fui de seguir pessoas que eu não conheço, mais para se relacionar com o meu ciclo social. O Facebook também sempre usei muito para ver coisas mais aleatórias, o Teams eu só uso para coisas de estudos, uso o discordo para falar com os meus amigos enquanto a gente joga e o resto tudo se manteve igual.

9-Quais são as tuas percepções sobre estas ferramentas nas relações sociais e profissionais e estudantis? Elas aproximam e dão conta de manter e expressar os afetos?

Eu acho que elas cumprem o objetivo delas, acho que nenhuma delas supre a parte presencial, mas eu acho que todas elas atendem às necessidades

então para o teams eu acho uma boa plataforma, ótima para estudo. Acho que o moodle é uma plataforma que entrega o necessário para conseguir entregar a parte de materiais de apoio da aula, trabalhos, enfim eu acho tudo isso bem completo. O whats também, assim como não mudou muito, não mudei a forma como eu interajo com ele, para mim se manteve tudo da mesma forma porque sempre cumpriram todas as minhas expectativas. Mas o presencial ainda é melhor forma de manter todas as relações, a diferença agora do presencial para EAD, é que primeiro a gente tinha uma aula expositiva e depois a gente se organizava em grupos para desenvolver as etapas do projeto ou terminava, ia para casa para organizar aí depois era tudo resolvido digitalmente então a gente sempre primeiro tentava se organizar presencialmente ver o que cada um ia fazer e depois a gente fazia e terminava no whats. No geral, a única parte diferente que tem no online para o presencial é que, enquanto eu me organizava presencialmente para fazer o trabalho digitalmente, agora na parte do educacional é tudo digital.

10-Vamos nos encaminhando para o fim da entrevista, e uma última pergunta essas novas formas de demonstração de afeto, te completam? Te satisfazem? Teria algo que gostaria de colocar acerca do tema?

Não. Eu acho que nenhuma delas consegue ainda entregar o que é entregue pela troca de experiências presenciais.

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA TCC

Nome Fictício: Estudante 2

Data: 21/05/21 | Plataforma: Google Meet | Grupo: Estudantil

1- Poderia te apresentar (nome, idade, sexo, escolaridade/formação, onde trabalha e cargo que exerce dentro da empresa)?

Bom meu nome é ESTUDANTE 2, eu tenho 27 anos, uma idosa já, trabalho com direção de arte aqui na agência Eixo e atendo a 99 Pop. Sou formada em produção multimídia pelo Senac, tô no último semestre de Publicidade e Propaganda na Unisinos, e estou fazendo pós graduação em UX design na UniRitter que até o final do ano também estará acabada.

2-Falando um pouco de afetividade, tu te considera uma pessoa carinhosa, mais reservada, expressa naturalmente teus sentimentos? Descreve um pouco para nós tuas relações e emoções para com os outros, por favor. Como tu demonstrava/comunicava isso?

Eu acho legal citar o antes da pandemia, porque eu antes da pandemia sempre fui uma pessoa com um problema muito sério em relação ao toque. Então, sei lá, às vezes eu tinha crise de pânico dentro do trem porque uma pessoa tocou em mim, essa pessoa era estranha e na minha cabeça eu não permitia que ela encostasse em mim. Então na minha cabeça eu tenho que ter te dado aquela liberdade, e essa pessoa poderia tocar em mim, mas se outra pessoa na faculdade tocasse em mim eu ficaria muito incomodada. Eu sempre tive muito problema em relação ao toque e a questão de ambientes muito cheios, e enfim, sempre foram problemas nesse sentido antes da pandemia. Durante a pandemia eu percebi na minha cabeça que essas pessoas que eu tinha permitido toque, que antes era uma coisa tipo “tá beleza, é isso aí, tal”. Hoje eu sinto muito mais a necessidade do toque delas, porque parece que eu não tenho mais essas pessoas que encostam na rua em mim, agora parece que eu sinto muito mais falta disso, sabe. Mas ao mesmo tempo quando acontece de eu sair, a sensação de pânico agora é muito maior quando alguém me toca na rua, porque antes eu meio que me obrigava a viver em sociedade, aquela coisa toda, e agora eu tenho a opção de não sair, ficar uma semana inteira dentro de casa, pedir meu Supermercado pelo iFood, e no máximo vou falar com uma “tiazinha” da portaria

e é isso. Aí hoje eu sinto que tem alguns pontos que pioraram e outros que melhoraram sabe, vamos colocar assim. Então até nas chamadas eu sinto que eu converso muito mais do que eu conversaria presencialmente, tenho uma necessidade de atenção nesse sentido de conversar, porque é o mínimo do contato físico que tá tendo nesse período sabe. Que nem a gente ficou aqui horas conversando, sei lá, nas outras reuniões eu sinto que o pessoal fala de trabalho de uma forma super objetiva, a reunião acaba em meia hora, mas a reunião durou uma hora e meia porque na uma hora e meia a gente ficou falando sobre o que a pessoa fez no final de semana, sabe. Então nesse sentido eu senti que teve uma intensidade só. Sim sou uma pessoa total reservada, a não ser que eu esteja namorando, aí sou um poço de amor, tá ligado, agora tirando isso sou bem mais reservada.

3-Descreva como era tua rotina antes da pandemia e o isolamento social, os relacionamentos familiares, trabalho, faculdade. Onde gostava de ir, como e com que frequência eram realizados os encontros com família/amigos, no trabalho, faculdade. Como se comunicavam para manter essas relações?

Eu morava em Cachoeirinha né, então eu saía de Cachoeirinha e ia para o meu trabalho, e do meu trabalho para faculdade de noite, e aí é bom salientar que eu fazia duas viagens né, duas vezes na semana era para ir para Unisinos, e três vezes na semana era para o Senac, então eu sempre tinha essa viagem toda vez. Em termos de grupos eu sinto que tinha aquele contato dentro da sala de aula, a gente tinha que formar o grupo, então formava, mas eu sinto que em termos de WhatsApp não mudou sabe, porque a gente ia reunir o grupo ali, e aí vai, faz um grupo no WhatsApp, e aí a maioria não queria fazer o trabalho na aula, obviamente, e aí todo mundo ia para o bar beber. Depois no meio da semana mandava uma mensagem no WhatsApp no grupo tipo “tá e aí? A gente vai fazer o quê?” Fulano faz tal coisa, ciclano isso e aquilo. Eu sinto que em termos de trabalho, eu senti mais dificuldade na pandemia para apresentar trabalho em grupo, não de fazer o trabalho para ser entregue, mas de organizar as apresentações, e todo mundo tem que falar e se organizar, e saber o que cada um vai falar, porque o presencial nesse sentido era mais fácil de determinar a tarefa de cada um. Antes já era determinada pelo WhatsApp, falando quem vai

fazer isso, quando vai fazer aquilo e deu, e depois juntava tudo. Aí eu chegava uma hora antes na faculdade, depois encontrava todo mundo, e decidia o que cada um iria falar... “eu vou falar isso, fulano isso”, então nisso eu senti um impacto que foi negativo queria matar todos os colegas da minha aula.

4- Como ficaram na tua rotina as demonstrações dos teus sentimentos com as pessoas da tua relação que não podem ter o contato presencial e físico do teu afeto?

Eu acho que na faculdade eu tive duas coisas que tiveram impacto, porque a pandemia começou oficialmente em fevereiro de 2020, e a galera da agência na verdade entrou em março no home office. Eu queria no final de 2019 transferir a minha faculdade do Campus de São Leopoldo para Unisinos de Porto Alegre, então eu já sofri o impacto de que eu fiquei sem nenhum amigo lá. Aí nesse sentido o presencial teria colaborado mais porque eu teria criado vínculos com os meus colegas do campus de Porto Alegre, porque eu não conhecia ninguém lá, e logo em seguida a gente entrou em pandemia. Eu não consegui criar vínculo com ninguém do Campus de Porto Alegre. Nesse sentido eu acho que eu sofri duas vezes, teve a questão da troca da Faculdade que eu acabei perdendo muitos vínculos, muitos laços, porque para ser bem sincera a única pessoa que eu conversei da faculdade que eu levei para vida foi tu da Unisinos de São Leopoldo. Eu sinto que o resto pessoal é muito colega de cadeira, eu sou uma pessoa mais reservada, então eu não sou tão fácil de criar vínculos com as pessoas, eu acabo tendo colegas naquele período que eu tô fazendo aquela cadeira... “Nossa BFF, vamos beber no bar, vamos marcar um rolê”, acabou a cadeira nunca mais me viu na vida. Mas tinha aquele rolê na Unisinos, a gente não é amigo nem nada, mas passou pela pessoa que tá sentado lá no bar, e faz um aceno de mão, dá um oi né, e aí beleza. E eu não tive isso no Campus de Porto Alegre. Os professores são diferentes do campus de São Leopoldo. As minhas relações hoje da Universidade são mínimas, sabe, ela se resume em ti. No Senac, quando eu tava estudando lá, eu sinto que criei mais vínculos, e não sei se é porque tem uma metodologia diferente, a cadeira que tu faz lá até a última é a mesma turma. E aí tu tá lá três anos estudando com as mesmas pessoas, com a mesma turma, então é impossível tu não criar algum vínculo, então eu saí de lá com o Kevin, com a Jéssica, com a Pâmela. Quando eu fui

fazer meu intercâmbio para Portugal a Jéssica tava lá, então a gente super marcou rolê por lá. A Pâmela também é uma amiga que ficou pra vida, fora da faculdade, então tipo nesse sentido, depois que eu saí do Senac eu consegui manter essa relação. De vez em quando a gente trocava uma ideia no WhatsApp, ou pelo Instagram ou coisa do tipo, e às vezes marcava os rolês duas vezes no mês, mas hoje virou 100% virtual né, a gente quer trocar uma ideia sem ser reunião, aquela coisa toda, a gente marca um happy hour mas aí é a call, né cada um pede a sua cerveja e fica conversando.

5- Quanto a tua habilidade em se expressar via internet (e-mail, redes sociais, blogs e etc.), isto sempre foi algo fácil pra ti?

Resposta da 5 e 7 estão juntas.

6- Tu costumava fazer uso de algum meio digital para manter contato com as pessoas? Se sim, quais? Se não, o que você achava sobre elas? Por quê?

Olha, eu diria que 80% está dentro do WhatsApp, aí quando tem as call, o meet do Google, às vezes eles inventam de fazer pelo zoom, eu odeio aquela droga. Me chama só pelo meet do Google, porque eu não uso outra plataforma, senão eu não vou usar. E hoje eu tenho uma demonstração de afeto muito grande enquanto eu fico mandando Tik Tok, é uma forma de expressar meus sentimentos digamos assim, e minha demonstração de afeto vai além das figurinhas que eu também envio, isso quando não sou eu que faço um Tik Tok e mando para eles.

7-Sobre as redes sociais, você usa e mostra o que está sentindo nos posts (em relação a família/mercado/escolar)? Deixando um pouco de lado as redes sociais mais conhecidas (facebook/Instagram/WhatsApp), quais plataformas digitais tu costuma utilizar?

Eu comecei com um projeto na metade do ano passado, eu queria fazer já faz um tempo. Que seria criar um Instagram mais profissional, iria divulgar mais trabalhos meus. Agora vocês não têm mais o privilégio de ver sempre a minha cara lá, é só mais trabalhos. E ao longo desse processo eu comecei a sentir necessidade de botar mais eu, no sentido de dar conselhos e coisas que

eu até brinco no meu próprio Instagram, tipo “a ESTUDANTE 2 do presente falando para ESTUDANTE 2 do Futuro”, e eu acabo expressando muitas coisas que ficaram mais intensificadas com a pandemia, tanto profissional quanto educacional. Eu tenho até uma postagem referente ao TCC e como tava me sentindo em relação a esse processo, porque me bateu uma badvibes com o rolê do TCC, porque o triste é perceber que isso não tá acontecendo por causa da pandemia, isso iria acontecer de qualquer forma, e sei lá quantas outras pessoas deve sentir da mesma forma em relação ao TCC sabe. Enfim, eu até acho que sim, eu acabei utilizando bastante o Instagram para abordar coisas que eu sinto, principalmente profissionais, e acaba relacionando com a área de educação que tu estuda, e que isso no mundo do Design e Direção de Arte, que é a área que estudo. Quando comecei esse projeto eu fiz um cronograma, e aí dentro desse cronograma tem um dia específico que é o vida de designer, aí dentro disso eu sempre coloco postagens relacionadas a coisas que eu já vivi, e tipo sei lá, o cliente me manda o logo e o Word, então acabo expondo um pouco. Mas eu acho que a rede social foi uma forma de eu expor na verdade, o Instagram né, porque o Facebook tá morto, o Instagram é onde eu me exponho em termos profissionais, em relação a minha área e faculdade, essas coisas todas. E o Tik Tok é onde passa uma vergonha mesmo, uma vergonha alheia. Não uso Twitter, tenho duas amigas que são viciadas em Twitter, então elas já me mantêm a par através de um grupo de WhatsApp, não preciso de Twitter. O Tik Tok eu adoro, embora seja uma droga, porque quando eu vejo já se foram mais de três horas do meu dia lá dentro. Para estudar eu uso bastante o Duolingo, também uso o behance quando é para algo mais profissional, ele não é para estudar mas também não é uma rede social sabe, porque lá tu posta um portfólio e tudo mais, e tu pode fazer lives ao vivo sabe, então tem uma galera que tá fazendo Live sobre conteúdo específico da área, então tu consegue acompanhar. Tirando o Duolingo que não é algo específico para minha área, às vezes LinkedIn também. Na Unisinos eu uso teams, que é uma droga aquele negócio, odeio teams, odeio, odeio, mas tem que usar o que a Universidade oferece, então acaba sendo teams. E o moodle lá para UniRitter, que eu tô fazendo a Pós, eles têm o Blackboard deles mesmos, e é bem bom, ele é bem melhor que a porcaria do teams, porque o teams buga o meu com o meu computador.

8-Sempre utilizou as ferramentas que usa hoje com o mesmo intuito? Ou se moldou com o passar dos anos?

Resposta da 5, 7 e 8 estão juntas.

9-Quais são as tuas percepções sobre estas ferramentas nas relações sociais e profissionais e estudantis? Elas aproximam e dão conta de manter e expressar os afetos?

*Eu acho bem difícil de responder essa pergunta na real, porque eu acho que elas aproximam mas elas também te deixam doente. Por exemplo no Tik Tok passo horas rindo, adoro, passo horas conectada, me sinto muito próxima da comunidade LGBT, não sei como que é na teu feed, no meu só tem sapatão. E aí eu fico muito feliz em descobrir que tem tantas lésbicas assim no mundo, tanta gente gay no mundo, então nesse sentido eu me senti muito próxima, eu acho que a sensação que eu tenho parece que a comunidade LGBT ela ficou mais aberta e mais receptiva para dentro do Tik Tok do que no Instagram. Principalmente pela questão do algoritmo porque acontece que no Instagram, por mais que eu esteja curtindo várias fotos de sapatona, eu não recebo esse conteúdo no meu feed, eu vou receber o que eu sigo tá ligado, especificamente o que eu sigo, a não ser que eu siga uma página específica da comunidade LGBT, eu não vou receber esse conteúdo, e na For You e no Tik Tok não, eu posso seguir uma pessoa que ela é da comunidade LGBT. E é um conteúdo que me atrai e eu vou receber cada vez mais sobre isso, então nesse sentido, sim, eu me senti muito próxima. O que deixa a gente meio doente e é um assunto que eu tô botando muito na minha terapia, é sobre a positividade tóxica, que tipo assim, existe uma linha muito tênue entre tu ser uma pessoa positiva, e tu ter aquela positividade que tu mora na Disneylândia, que não tá acontecendo nada no país, sei lá, uma frase que eu gosto muito é que “a vida às vezes é uma m**** e a coisa mais saudável que tu pode fazer é aceitar que ela é uma m**** e tá tudo bem”. É tipo abraçar, e sentir, viver ela e passar para aquele momento. Eu acho que tipo a gente vê muito conteúdo no Instagram e no Tik Tok meio que te força a tua estar bem, tipo você tem que estar bem, você tem que estar feliz, você tem que estar produzindo, você tem que estar sendo criativo 24 horas por dia, tem que ser que nem eu que acordou 7 horas da manhã, tô aqui tomando*

suco detox, faz trezentos mil cursos, aprende quatro idiomas na pandemia. E aí tu fica tipo assim cara, a gente tá na pandemia, o que é para fazer é comer um bacon, ver uma série, e sofrer porque tem milhões de pessoas morrendo sabe, e tipo assim cara, a vida tá uma m****. Não tô dizendo que eu vou estar triste o ano inteiro, mas nos dias de hoje eu quero estar triste, eu quero me sentir livre de poder ficar triste. Então nesse sentido eu me senti muito impactada, quando eu me dei conta que, por exemplo, tem um menino que eu sigo, o Guilherme Vizzotto, e ele é um designer e ele é muito f***, minha meta de vida é para ser ele, e aconteceu um negócio muito bizarro que eu sempre segui todos os negócios dele, os trabalhos dele, e eu entrei numa badvibes quando eu descobri que ele tinha 24 anos, porque eu fiquei tipo assim, ele tem 24 anos e já ganhou 300 milhões de prêmios, ele faz 300 mil trabalhos, ele já trabalhou para um monte de empresas estrangeiras, e eu tenho 27 e to na Unisinos, e moro em Porto Alegre. Fica sendo reforçado constantemente dentro da rede social que a vida é linda, que a vida é maravilhosa, todo mundo é feliz, então tipo, eu sinto e eu vejo o rolê da positividade tóxica dentro das empresas, até um pouco dentro das aulas da Unisinos assim para ser bem sincera, que nem a questão do trabalho, professora te passou um trabalho, “cara tu não tá vendo que nem todo mundo tem computador, nem todo mundo tem acesso à internet, nem todo mundo consegue fazer um trabalho em grupo”, e aí o professor está tipo: “Ah! C*****, eu consigo, então tu dá um jeito”. Então vai aquela romantização sabe, a pessoa passou 24 horas estudando para passar numa prova, cara isso não é bonito velho, isso não é bacana, isso não é legal, eu pelo menos me senti muito impactada nesse sentido, de me deixar doente, no sentido de uma positividade exacerbada, que não é real, de se auto sabotar. Ser que nem o Gui p****, porque eu não sou ele, porque como é que foi lá nem aprendeu quatro idiomas, como é que eu não aprendi isso. Tipo o Tik Tok abriu um leque que as pessoas não veem, eu vou falar mais a questão do LGBT que as pessoas não veem que existe gente gay, que existe gente lésbica, que existe casal gay, que existe casal lésbico e tá tudo bem. Em termos de profissão eu acho que é bom né, só tu ver que o Zuckerberg tira uma parte de postagem lá embaixo do Instagram e colocou para compra, porque se o ápice do negócio tu já vê que a própria plataforma mudou porque ela não tá mais interessada em saber da sua vida, ela quer saber de comprar, então assim, os profissionais cresceram bastante na questão de

*demanda. Tá todo mundo desesperado, todos que não tinham um site agora tem, o restaurante que não tava vendendo pelo iFood agora tá, porque senão tá, agora vai falir, então todos eles já sabem que eu tenho que ter um Instagram, eu posso não ter um Tik Tok, f***-se a dancinha do negócio, mas eu preciso ter um Instagram bonito, com a foto do meu restaurante, eu tenho que tá vendendo, as pessoas tem que tá vendo, eu tenho que estar ali presente, criando conteúdo no Instagram para as pessoas verem, para as pessoas compartilharem. É muito difícil responder essa pergunta, vou te dar um exemplo idiota tá, é tipo uma arma tá ligado, e aí depende da mão de quem tá, então sim, às vezes ela pode ser super benéfica e super te aproximar de todo mundo, e ao mesmo tempo ela pode ser super doentia tá ligado, que nem eu passo 2 horas do meu dia dentro do Tik Tok, isso não tá me beneficiando em nada. Em termos de redes sociais é uma pergunta que eu não vou conseguir te dar uma resposta 100%.*

10-Vamos nos encaminhando para o fim da entrevista, e uma última pergunta essas novas formas de demonstração de afeto, te completam? Te satisfazem? Teria algo que gostaria de colocar acerca do tema?

Bah olha, eu tenho um problema muito sério com relação ao toque, e aqui happy hour, tô bebendo, deu, acabou, conversei com a galera, troquei uma ideia bacana, e só desliguei aqui e deu, não precisei passar, encostar em ninguém, não voltei fedendo a cigarro, enfim. Eu nunca fui uma pessoa muito de festas, essas coisas todas, então eu acho que sou uma avó, mas eu acho que às vezes eu sinto falta de um happy hour, com certeza, tanto que eu tenho uma amiga minha aqui, que é a única com que eu saio de casa, que eu visito, porque eu sei que ela tá super fechada, e eu fechada em casa também, aí eu vou para lá de Uber aquela coisa toda, tentando ao máximo não ter contato com ninguém, e de vez em quando ela vem aqui em casa também, a gente faz churrasco eu e ela. Aí a gente pega uma cerveja, senta no sofá e fica conversando, e aí a gente faz isso sabe. No final de semana agora eu fui gravar meu documentário, então tinha que ter todo aquele esquema de cuidado com as pessoas que vinham para gravar e tal, sabe como é... Eu comecei a gravar era dez horas da manhã, e no lugar que a gente vai gravar tinha exatamente quatro pessoas, só que era três da tarde eu senti a minha energia social assim ó, lá embaixo, era três horas da tarde e eu tava assim ó, de saco cheio, eu quero ir embora, eu tô esgotada. E se

isso fosse pelo meet, eu ficaria a noite toda trovando com elas tá ligado, mas lá eu já senti um negócio meio bizarro, aí eu não sei se isso é uma coisa que se intensificou por causa da pandemia, da gente tá mais isolado, eu vi que eu fiquei falando e no fim não respondi tua pergunta, mas no fim eu não sei te dizer sobre essa situação, mas eu acho que mais sim do que não, tipo me satisfaz por eu ser uma pessoa estranha, mas eu sei que em outros contextos não me satisfaria, por exemplo agora, eu não estou mais namorando, mas antes eu estava namorando, e tipo, o fato de estar por vídeo chamada não me satisfazia, porque eu queria a pessoa aqui comigo, porque eu sou muito fofis, em termos de amizade não, tava de boa assim tá ligado, não preciso ter esse contato, “ah sentar lá no bar, escutando um monte de bêbado falando”, não preciso disso, mas aí se fosse pra minha namorada eu queria ter esse contato.

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA TCC

Nome Fictício: Familiar 1

Data: 21/05/21 | Plataforma: Google Meet | Grupo: Familiar

1-Poderia te apresentar (nome, idade, sexo, escolaridade/formação, onde trabalha e cargo que exerce dentro da empresa)?

Eu sou o FAMILIAR 1, tenho 23 anos, sou formado em Publicidade e Propaganda pela Unisinos, e trabalho na área de comunicação desde 2016. Então são cinco anos já. Trabalho atualmente na Gramado Parks, uma empresa de Gramado, e sou analista de marketing lá. Trabalho na área desde antes de começar a estudar, um adendo interessante.

2-Falando um pouco de afetividade, tu te considera uma pessoa carinhosa, mais reservada, expressa naturalmente teus sentimentos? Descreve um pouco para nós tuas relações e emoções para com os outros, por favor. Como tu demonstrava/comunicava isso?

Então, eu me considero uma pessoa muito carinhosa né, não em todos os momentos na verdade, mas de maneira geral me considero uma pessoa bem carinhosa. Eu gosto de demonstrar meu carinho, o que eu to sentindo, mas não necessariamente por palavras. Eu tenho aquele lance dos perfis que demonstram e gostam de perceber. Eu sou uma pessoa que gosto de perceber muito o amor nessas afetividades verbalmente né, mas também gosto de outras maneiras como atitudes e tal, mas eu acho que demonstro mais com atitudes do que verbalmente. Então acontece que por mais que às vezes eu não fale nada, chego assim e dou um abraço, faço um carinho, alguma coisa sabe ou convido pra fazer alguma atividade junto: “Ah! Vamos assistir tal coisa”, sabe? Ou tipo, como vou dizer, a minha mãe... Nós tivemos um exercício recente de começar a dividir as tarefas de casa, tentar né, fazer isso de maneira mais igual. Então acontece que a gente fez meio que uma escala pra lavar a louça, e a gente separou que de noite eu e meu irmão cada um lava 3 dias na semana e aí acabou que ficou pra ela só 1 dia na semana de noite pra lavar, aí quando um lava o outro enxuga e vice e versa.. E até hoje ela estranha ainda um pouco, é meio que uma programação de outra geração que ninguém disse que ela não precisava fazer tudo sozinha, então isso é uma coisa que a gente tá tentando

mudar nela que do meu ponto de vista é uma maneira de demonstração de carinho, por mais que seja o mínimo sabe. Eu também geralmente fico no meu quarto, se tô trabalhando, ou não to trabalhando, to fazendo alguma coisa, estudando... E aí acontece que esse convívio, muitas vezes, a gente não tem, então esses momentos da hora da janta, é quando abre a possibilidade para os diálogos sabe, então acaba tendo essa interação.

3-Descreva como era tua rotina antes da pandemia e o isolamento social, os relacionamentos familiares, trabalho, faculdade. Onde gostava de ir, como e com que frequência eram realizados os encontros com família/amigos, no trabalho, faculdade. Como se comunicavam para manter essas relações?

Então, eu acabei trabalhando de home office desde o início da pandemia praticamente né. Meu irmão ele acabou ficando em casa e depois de algum tempo que ele foi começar a ter algumas atividades de escola em casa, mas a minha mãe ela foi demitida, questão de redução de custo e tal, e aí no primeiro momento nós ficamos todos em casa né, minha mãe, eu, meu irmão e meu pai. Aí nesse momento foi onde ela teve um momento de luz ali, sei lá como posso chamar, ela viu que não fazia mais sentido o casamento dela né, então a partir desse tempo pra ela, que era uma coisa que no dia a dia não era possível refletir, sempre na correria, ela teve esse tempo pra ela e acabou percebendo que não fazia mais sentido. Acabou que a gente teve esse convívio mais forçado né e enquanto meu pai tava por casa o clima era muito mais pesado, porque a minha mãe já tava, como é que eu vou dizer, de saco cheio da relação e tal e acabava que muitas vezes juntava o estresse do trabalho, com a vivência com meu pai e acabava respingando no meu irmão e em mim. A partir desse momento que meu pai saiu de casa, parece que o clima ficou outra coisa, eu até brincava com as pessoas que eu conversava sobre, que até as minhas gatas voltaram a brincar dentro de casa, que tipo era um negócio que as gatas viviam por aí na rua. Então houve mesmo uma alteração energética no ambiente digamos assim. Fechando essa parte, chegou o momento do isolamento que não foram só flores, por tu não sair tu ficava preso com a convivência das mesmas pessoas né, e isso pra mim acabava me agoniando, o dia inteiro com meu irmão de novo, o dia inteiro com minha mãe de novo, foi um grande exercício de como se adaptar a essa

convivência forçada, porque de certa maneira é bom tu ter uma vida fora de casa né. Ah, porque tipo tu sai, tu faz as tuas coisas, aí quando tu volta, tu pode se dedicar pra aquilo, mas nesse contexto em que todo mundo acabou sendo forçado a viver, acabava que tu tinha que conviver 100% o tempo inteiro e tipo tu não quer tá o tempo inteiro conversando ou dando carinho, tu também quer ter o teu espaço, quer fazer outras coisas, e aí acabava não vou dizer em atrito, mas dava uma questão de tipo: “ah mas tu só fica no teu quarto”, “ah mas a gente mal conversa”. Mas tipo cara ok, tô em casa, tô fazendo minhas coisas, não posso ficar aqui tomando chimarrão e tal, por mais que entre as tarefas dê, mas eu não posso ficar o dia inteiro aqui e aí, enfim, teve esse lado, mas acredito que todo mundo aprendeu a conviver né, e pra fechar essa parte, meu irmão tá tendo os temas da escola né, e aí essas semanas atrás ele tinha uma atividade que falava sobre pandemia e tal, e tinha uma pergunta sobre a família, aí não lembro exatamente qual era a pergunta, mas ele disse que a pandemia tinha feito bem pra família porque agora a gente ficava mais tempo junto, achei isso muito fofo, ele tem 13 anos. Então, digamos que por essa relação dos meus pais estar desgastada nesse período do casamento, a gente não tinha mais esses momentos sabe, um tempo atrás a gente saía pra comer fora, comer um xis, visitava algum casal de amigos, ia em casa de parentes e tal. Mas por a relação deles tá indo por ladeira abaixo, a minha mãe, principalmente, começou a podar esses momentos, porque aí eles iam pro lugar e acabavam brigando sabe, nenhum grande fiasco sabe, mas não é algo bom, algo saudável. E aí, se era pra sair de casa pra passar vergonha né, então nem adiantava e aí acabava que ultimamente a gente não saía pra fazer coisa alguma. Geralmente, quando saíamos, era para alguma atividade em volta do meu irmão tipo assim, missa por causa da catequese, jogo por causa da escolinha sabe, coisas assim, e encontros familiares mesmo, tipo aniversário de alguém, churrasco na vó, e por aí vai. Hoje em dia que a gente tem essa relação melhor, porque somos nós três apenas, a gente consegue fazer mais coisas, então por exemplo, final de semana a gente sai pra comer algo diferente, semana passada levei meu irmão e minha mãe pra comer fondue que eles nunca tinham comido, agora recentemente a gente foi pra um hotel que eu dei de presente de dia das mães pra minha mãe, e aí eventualmente a gente tá fazendo essas atividades assim, pra meio que tentar mostrar pra eles o outro lado da vida que eles não tinham conhecido ainda,

porque meu irmão por ser novo e pegar uma relação mais atribulada dos meus pais, aproveitou bem menos do que eu aproveitei enquanto eu era criança sabe, esse círculo familiar. Então sempre que eu posso eu tento fazer algo diferente.

4-Como ficaram na tua rotina as demonstrações dos teus sentimentos com as pessoas da tua relação que não podem ter o contato presencial e físico do teu afeto?

Eu acho que eu fiquei mais afastado mesmo, eu costumava ter certo contato com minha vó e meu vô, era as pessoas que eu tentava ver com uma boa frequência e tal e teve um grande período que a gente ficou sem se ver. Nesse período eu até tentava ligar de tempo em tempo, pra manter um contato, até que chegou o momento que a gente começou a ir lá eventualmente de novo, claro que com espaçamento maior de datas e tudo mais, mas acho que se fosse elencar alguém, eu elencaria meus avôs. Meu primo também, que é a pessoa eu tinha bastante contato, até que a gente acabou tendo algum contato, de jogar algum horário junto, falava ali por rede social mesmo, aquela coisa de encaminhar um meme, então é o contato que tu vai tendo com a pessoa, mas eventualmente a gente saía pra fazer algo junto, mas com meus avôs, por exemplo, não era possível sabe. Os meus tios que moram fora, em Porto Alegre, e meu tio que mora em São Paulo, eles acabaram vindo muito menos do que viriam se tivesse tudo normal sabe, então isso foi um efeito também. As maneiras que foram encontradas pra gente tentar manter os contatos foi tipo as vezes a gente fazer videochamada na família, sempre que tem alguma data e alguém vai lá nos meus avós, ligam e colocam lá o pessoal pra falar com todo mundo. Eu achei que eles iriam entender menos sabe, mas até que foi tranquilo. Só ficou aquela coisa meio jornal nacional sabe, que o repórter fala alguma coisa na videochamada e ficava oi? O que? Um delay, mas foi engraçado assim, funcionou bem eu diria.

5-Quanto a tua habilidade em se expressar via internet (e-mail, redes sociais, blogs e etc.), isto sempre foi algo fácil pra ti?

Olha, eu diria que é fácil no sentido de se expor digamos assim. Em relação à qualidade do material e tudo mais, isso é uma coisa que meio que fui melhorando na prática. Uma das coisas que eu gostava muito de fazer era

*compartilhar o que eu penso né, então acabei sempre fazendo isso de uma maneira, geralmente era de maneira mais escrita quando publicava uma coisa ali no LinkedIn, no Instagram, e acabou que depois que eu criei um podcast eu me vi meio que obrigado, digamos assim, a fazer um trabalho mais elaborado de conteúdo. Aí eu tive que botar minha carinha no story para conversar com as pessoas, que eu acho que era algo mais por comodidade que eu postava uma coisa escrita f***-se se eu fosse aparecer com cabelo descabelado, eu ta arrumado ou não, mas aí não, tem que cuidar se tá no cenário legal, um lugar que não faça muito barulho, tem que trazer uma complexidade maior, mas eu diria que foi bem tranquilo. Digamos que ainda tô num processo de aprendizado. A partir do momento que tu decide compartilhar o que tu pensa com as outras pessoas, tu acaba soltando a questão de julgamento, “ah o que vão pensar” e tal, então isso foi uma coisa que eu aprendi lá atrás a deixar de lado, mas a partir do momento que tu assumir, “a Ok vou aparecer”, qual será que é meu melhor ângulo e toda aquela coisa mais estética, traz uma camada maior de complexidade, se tu não tá realmente decidido a fazer aquilo, muitas vezes tu acaba deixando de fazer.*

6- Tu costumava fazer uso de algum meio digital para manter contato com as pessoas? Se sim, quais? Se não, o que você achava sobre elas? Por quê?

*Olha eu acho que o grupo de WhatsApp da família sempre existiu né, então de certa forma já era uma coisa que tava ali na rotina digamos assim, a chamada de vídeo era algo legal mas eu não gostava muito porque tinha que parar o que eu tava fazendo para fazer aquilo sabe... “Ah vamos fazer uma vídeo chamada sei lá 8 horas”, p**** na hora que eu tô fazendo meu trabalho, depois do trabalho, ou sei lá tô fazendo exercício. Então as videochamadas para mim eram mais complicadas para poder encaixar nas coisas que eu fazia, mas sempre dava certo, mas em questão de ferramentas que eu utilizava e tal já eram ferramentas que eu conhecia, então não tive dificuldades, e pela área de atuação também sempre gostei de utilizar alguma ferramenta digital de alguma forma.*

7-Sobre as redes sociais, você usa e mostra o que está sentindo nos posts (em relação a família/mercado/escolar)? Deixando um pouco de lado

as redes sociais mais conhecidas (facebook/Instagram/WhatsApp), quais plataformas digitais tu costuma utilizar?

Eu diria que quase tudo do Google, Google Meet, Google Drive, Gmail, Google Docs, Zoom, algumas interações da empresa são feitas por lá, Spotify porque para mim é essencial para sobrevivência né. Acho que as redes sociais uso mais de lazer até do que para a produção de conteúdo, nem sempre os dois juntos. YouTube também para ver algum conteúdo, estudar plataformas de cursos, aí depende muito do curso né, por causa do podcast eu acabei fazendo uso do Anchor, que é por onde edita e tudo mais, faz todos os negócios por ali e, cara, tem outros aplicativos assim. Um aplicativo que vale falar que eu tenho usado recentemente é o Forest, que ele te ajuda a focar o tempo que tu precisa em algum objetivo específico, e se tu quiser ele até bloqueia a tela do teu celular para enquanto não der aquele período, tu não vai poder mexer em nada no teu telefone, realmente para as pessoas que tem problema grave com foco, pode ajudar. E no meu caso, eu já tinha um certo controle de foco né, então eu acabei tendo a ideia depois de ler um post de um amigo meu, que era para usar ele para registrar os períodos em que eu tirava para ler né, tipo bah, “qual que é a moral de cada um desses períodos de foco?” Tu planta uma arvorezinha na tua floresta dentro do aplicativo, visualmente esse é bem legal para tu ver né “Bah que legal que eu tô me esforçando, tô me dedicando”, aí eu comecei para mensurar esse hábito da leitura, mas aí hoje eu uso para botar tudo que eu acho que faz bem para mim. Então, por exemplo, eu tenho marcador de leitura, marcador de quando eu estudo, marcador de quando eu faço curso, porque às vezes tu estuda assistindo vídeo do YouTube, mas necessariamente não é um curso, aí quando eu faço exercício, quando eu vou jogar bola, sei lá, coisas assim que eu realmente sinto que fazem bem para mim, no sentido de me sentir bem comigo mesmo, alguma atividade assim que é prazerosa ou construtiva né, tipo estudar e tal, então eu sempre pego esse hábito. No caso aqui no momento eu estou registrando o tempo do jogo que eu joguei ontem que eu me esqueci de anotar, então aí tipo o aplicativo te mostra, “ah tu tem mais tempo passado fazendo tal tipo de atividade, ah as arvorezinhas que tu mais plantou foram essas”. Então realmente é um aplicativo que pode ser bem útil e que até hoje foi o único aplicativo que eu paguei a licença premium, porque eu gostei real.

**8-Sempre utilizou as ferramentas que usa hoje com o mesmo intuito?
Ou se moldou com o passar dos anos?**

*Google Meet sim, sempre foi utilizado com o intuito de conectar alguém, mas recentemente eu acabei usando para falar com alguns amigos meu, que estão mais distante e tal, mas sempre foi com esse intuito de se reunir. A principal ferramenta que mudou a utilidade foi o Whats, só porque antigamente quando eu trabalhava na agência a gente tinha outro aplicativo para controlar as interações, e ver sobre a equipe de trabalho e tal, e o que precisava ser feito com clientes e tal. Geralmente era feito via e-mail ou as reuniões, aí eu tinha um pavor de usar o WhatsApp para trabalho e tal, meu Deus meu Whats é pessoal não pode misturar os dois, ficava até p*** quando alguém ficava chamando com coisa no WhatsApp que era de trabalho. Mas né, o ser humano paga pela língua e na empresa que eu trabalho hoje o WhatsApp é ferramenta de interação de trabalho, então por exemplo, eu acho que hoje eu devo estar no mínimo entre, sei lá, uns 25 grupos de trabalho, fora as conversas que tu tem com as pessoas mais específicas né, então hoje em dia deixo meu WhatsApp aberto né. Mas não é uma coisa que eu deixo me atingir sabe, isso foi uma coisa que eu aprendi nesses anos trabalhando nessa indústria vital, que não tem como tu ficar tanto tempo, dando tanta atenção para tudo o tempo inteiro, até porque eu também surtaria né, e aí não consegue focar nas coisas que tu precisa focar. E também não necessariamente quando as pessoas te chamam, ou pedem alguma coisa, significa que é uma emergência, então eu coloquei no meu status: “Se for importante ligue”. Então se ninguém me ligar significa que o mundo não tá caindo, então eu posso responder mais ou menos a hora que eu puder ou quiser sabe, então isso meio que me ajudou tipo a tirar esse peso nas costas de ter que ficar interagindo, digamos assim.*

9-Quais são as tuas percepções sobre estas ferramentas nas relações sociais e profissionais e estudantis? Elas aproximam e dão conta de manter e expressar os afetos?

Olha eu diria que são boas ferramentas complementares, digamos assim, mas que não acho que seja algo que substitua ou que possa suprir a falta do contato sabe, é uma boa alternativa digamos assim, mas o contato ali presencial, conversar com a pessoa olho no olho, abraçar e tudo mais, acho que isso não

tem comparação, mas né, até lá eu acho que é uma boa saída.

10-Vamos nos encaminhando para o fim da entrevista, e uma última pergunta essas novas formas de demonstração de afeto, te completam? Te satisfazem? Teria algo que gostaria de colocar acerca do tema?

A pandemia serviu para reforçar esses laços familiares, afastou um pouco meu pai, mas digamos que já era um relacionamento distante, mesmo ele já estando aqui, eu diria que até contribuiu para que esses momentos com ele, quando acontecem, fossem mais proveitosos. Porque daí tentamos fazer alguma coisa, conversar, tudo mais, então eu acho que para os envolvidos fez muito bem. Claro, para ele nem tanto, porque ele saiu de casa, voltou para casa da mãe, toda aquela coisa. Mas eu diria que em questão de relacionamento e interação fez bem, serviu para família toda de maneira geral. Medo de perder as pessoas que tu ama, se cuidar, de passar valorizar mais esses encontros. Acho que eu aprendi muito com isso, às vezes eu queria fazer um monte de coisa e acabava não tendo tempo para família. E aí foram questões que eu reavaliei e hoje eu tento me dedicar mais para isso. Então eu tento buscar fazer mais atividades com meu irmão, o tempo que dá eu pego ele para ir jogar comigo, para gente fazer alguma coisa, ajudar ele nos temas e por aí vai. Com a minha mãe também, eu tento conversar mais, ajudar mais como eu já tinha comentado, e acho que com os amigos também foi uma coisa assim, eu busquei me fazer mais presente da maneira que eu poderia né, tipo os meus amigos sabem que se precisar de alguma coisa, não tem burocracia para pedir ajuda sabe, eu tô sempre disponível. Pegando todos os processos da pandemia, isso serviu para fortalecer os meus relacionamentos e, claro fazer testes com os outros tipos de relacionamento que estão aí, mas de maneira geral o resultado de tudo isso para mim foi positivo. Eu diria que é um bom passatempo, mas se eu pudesse eu tava tipo, sei lá, com a família, churrasco toda semana, os meus amigos, futebol, resenha, pagode, essa é a vida que eu gosto sabe, tipo atividades que mais me preenchem, essa eu diria que é a vida que mais me preenche. Quando eu tô nesses momentos tipo, esquece o mundo lá fora, é coisas assim que eu vejo que não preciso de muita coisa sabe, para me sentir feliz, para me sentir satisfeito, claro sempre vou em busca de coisas melhores para mim e tudo mais, mas tudo que eu já tenho vivido com essas pessoas que eu gosto. Então já é para mim

muito maravilhoso, não dá para dizer que uma vídeo chamada substitui tu tá trocando uma ideia com os amigos depois do horário, tomar um chopp, comer alguma coisa, não é possível essa comparação, mas eu diria que não é uma boa enquanto o resto não é possível. Agora, com flexibilizações ali e tal, sempre que rola, tenho buscado ter os momentos tipo domingo vou ver o Grenal com os meus amigos por aí vai.

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA TCC

Nome Fictício: Familiar 2

Data: 21/05/21 | Plataforma: Google Meet | Grupo: Familiar

1-Poderia te apresentar (nome, idade, sexo, escolaridade/formação, onde trabalha e cargo que exerce dentro da empresa)?

Meu nome é FAMILIAR 2, tenho 25 anos, sou manicure autônoma, tenho meu espaço na minha casa e trabalho de segunda a sábado com as minhas clientinhas. Tenho o ensino médio completo, nunca me interessei em fazer uma faculdade ou alguma coisa assim por enquanto, acredito que a hora disso vai chegar, mas enquanto isso vou adquirindo conhecimento na área que eu escolhi para trabalhar desde 2017, e não parece que faz tanto tempo parece que foi ontem.

2-Falando um pouco de afetividade, tu te considera uma pessoa carinhosa, mais reservada, expressa naturalmente teus sentimentos? Descreve um pouco para nós tuas relações e emoções para com os outros, por favor. Como tu demonstrava/comunicava isso?

Eu acho que sou até demais, porque qualquer coisa eu tô chorando, qualquer coisa eu tô emotiva. É de criação ser assim sabe, tratar todo mundo assim, conheci ontem já é minha amiga, já tô adorando. Eu me considero uma pessoa bem afetiva sim, até demais. Agora nessa função do covid tu encontra as pessoas e daí tu vê que a pessoa fica estátua, e não sei se posso abraçar... Por mim eu abraço, mas daí tu fica toda estranha, porque é tão natural tu ver as pessoas, e beija e abraça e tudo bem.

3-Descreva como era tua rotina antes da pandemia e o isolamento social, os relacionamentos familiares, trabalho, faculdade. Onde gostava de ir, como e com que frequência eram realizados os encontros com família/amigos, no trabalho, faculdade. Como se comunicavam para manter essas relações?

Minha família sempre foi de se reunir quase todo dia na casa do vô e da vô. E aí com essa função de pandemia, ano passado alguns familiares acabaram pegando né, e aí foi muito difícil ficar longe. É muito difícil porque a nossa família é muito grudada, muito apegada, uma janta, um almoço, já é motivo de estar

todo mundo lá, todo mundo junto e reunido né, e isso modificou bastante. Agora com o vô e a vó vacinados, e alguns integrantes da família vacinados, a gente tá voltando a fazer o que fazia antes né. Em relação aos amigos também... Foi uma das coisas que mais mudou, não vou te dizer que nossa eu nunca furei a pandemia, e não encontrei nenhum amigo meu porque eu estaria mentindo. Todo mundo fez isso, mas antes disso a gente se juntava muito mais e saía para lugares, para comer, hamburgueria, shopping, cinema. Tenho sentido tanta falta de ir ao cinema, pelo menos uma vez por mês a gente ia ao cinema sabe.

4-Como ficaram na tua rotina as demonstrações dos teus sentimentos com as pessoas da tua relação que não podem ter o contato presencial e físico do teu afeto?

Hoje em dia graças a Deus a gente tem Whats que tu liga por vídeo, tem o insta que tu acompanha todo mundo né, e eu sempre fui de todo dia chamar a minha mãe, meu vô, e minha vó para saber como é que eles estão e se tá tudo bem, e com essa função só intensificou. Quando fico dois ou três dias sem chamar ou sem ligar, eles já estão ligando, mandando whats perguntando: “E aí tá viva? Não vai vir aqui?” Antes eu convivía muito mais com a minha afilhada, meus afilhados, desde os primeiros anos e agora com essa função de pandemia só na base do telefone. Eu fico com medo na verdade de visitar, de estar perto, porque não sei se tu tô com o vírus ou não, então só por telefone, por rede social ou mensagem, e toda semana eu chamo.

5-Quanto a tua habilidade em se expressar via internet (e-mail, redes sociais, blogs e etc.), isto sempre foi algo fácil pra ti?

Sim sempre gostei, aí quando é aniversário de fulano eu vou lá e coloco uma fotinho, coloco uma mensagem. Hoje é dia do afilhado, então posteí foto dos meus afilhados já que a gente não pode estar perto fisicamente. Daí até o meu afilhado me mandou uma mensagem dizendo: “Dinda obrigado, te amo ta”. A única coisa que eu não consigo, e já tentei até no Insta de trabalho, é eu aparecer nos vídeos e tal, isso me trava, mas escrever e colocar uma foto, isso é de boa.

6- Tu costumava fazer uso de algum meio digital para manter contato com as pessoas? Se sim, quais? Se não, o que você achava sobre elas?

Por quê?

Whats e Instagram eu acho que sempre foram as plataformas que eu mais usei, mais o Whats até do que o Instagram. Quando a mãe ficou internada com o covid no hospital, a chamada de vídeo era o que a gente tinha para matar a saudade, mesmo de longe. E aí a gente combinava o horário e colocava o vô, a vó, tia e todo mundo, todos na mesma chamada fazendo barulho.

7-Sobre as redes sociais, você usa e mostra o que está sentindo nos posts (em relação a família/mercado/escolar)? Deixando um pouco de lado as redes sociais mais conhecidas (facebook/Instagram/WhatsApp), quais plataformas digitais tu costuma utilizar?

Sim, agora que eu sou fitness, compartilho às vezes o meu café da manhã, meu treino, e algumas coisas no insta. De quarta para quinta foi um dia péssimo para mim, eu tive crise de ansiedade e foi bem ruim. E aí eu fiz meu café da manhã ontem, e eu não tava bem, e aí penso: “como que eu vou tirar uma foto do meu café da manhã e postar se eu não tô bem?” Hoje foi diferente, eu já estava empolgada, postei foto do treino, postei coisas dos meus afilhados. YouTube também para ver umas receitas enquanto eu tô cozinhando...

8-Sempre utilizou as ferramentas que usa hoje com o mesmo intuito? Ou se moldou com o passar dos anos?

Eu acho que com o passar dos anos se moldou, a partir do momento que eu comecei a trabalhar com unhas foi quando eu mudei, eu comecei a postar mais sobre meu trabalho e compartilhar publicações sobre coisas relacionadas ao que eu faço. Eu tenho meu Insta pessoal e tenho meu Insta do trabalho que compartilho as coisas, pouca coisa no Facebook eu uso bem mais o Instagram, Facebook é só para bisbilhotar a vida alheia.

Sim, meu uso do whats se manteve. Eu acho que até depois da pandemia nas redes sociais, para as pessoas se sentirem mais próximas né, eles até melhoraram algumas coisas. Acho que a chamada de vídeo antes era só uma ou duas pessoas, e agora cabem sete ou oito, e aí consegue reunir todo mundo e conversar.

9-Quais são as tuas percepções sobre estas ferramentas nas relações sociais e profissionais e estudantis? Elas aproximam e dão conta de manter e expressar os afetos?

Eu acho que supre um pouco sim, porque, por exemplo, hoje quando mandei mensagem para o meu afilhado... Escutar o áudio dele me agradecendo e dizendo “ai dinda eu te amo”, esquenta o coração da gente, é muito bom.

10-Vamos nos encaminhando para o fim da entrevista, e uma última pergunta essas novas formas de demonstração de afeto, te completam? Te satisfazem? Teria algo que gostaria de colocar acerca do tema?

De alguma forma sim, como é que eu vou te dizer, por exemplo, agora nesses últimos dias que eu não andava muito legal, a minha mãe, a minha sogra, o Leonardo (marido) também, mesmo eles estando ocupados e trabalhando tiram um tempinho para mandar uma mensagem e perguntar se tá tudo bem. Eu acho que tu ter esse acesso e poder ter esse contato com a pessoa 24 horas para poder mandar mensagem, e poder ligar... Isso conforta a gente de alguma maneira. O presencial faz falta, mas já que não tem como nos encontrarmos no momento, as plataformas ajudam bastante.

Eu acho que nesse cenário novo que a gente tá vivendo, percebemos que quanto mais unidos, mais próximo a gente for das pessoas que a gente gosta, mais perto elas vão tá da gente, mesmo que longe, mesmo que tu esteja na tua casa e eu aqui. Isso aproxima bastante a gente. E eu não tinha ansiedade antes, desenvolvi na pandemia, minha Nutri disse para mim: “desistir não é uma opção”, então se esse dia de hoje não tá bom, o próximo vai ser bom. E assim a gente vai indo até que a gente fique bem e que dê tudo certo, eu acho que é isso.